ALIX

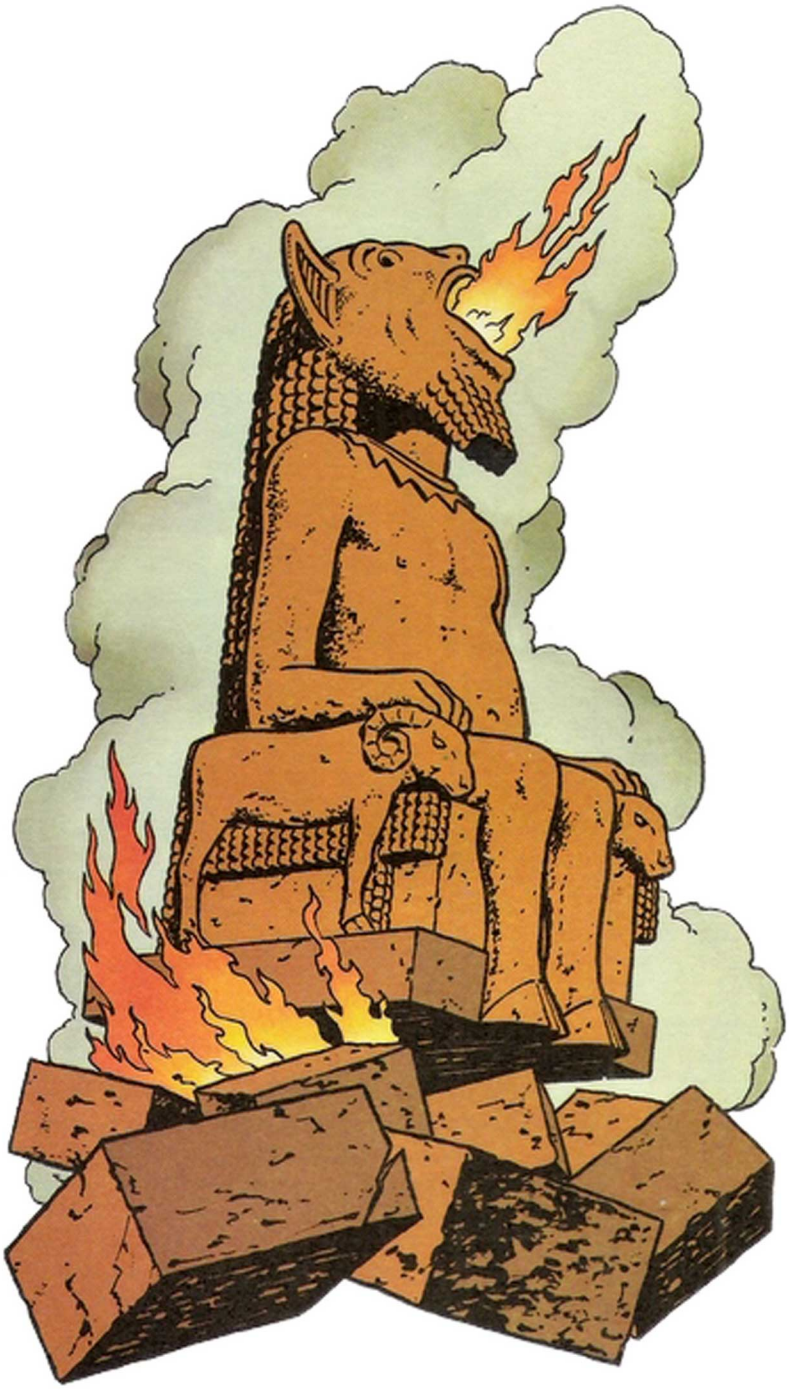
JACQUES MARTIN

A ILHA MALDITA

casterman

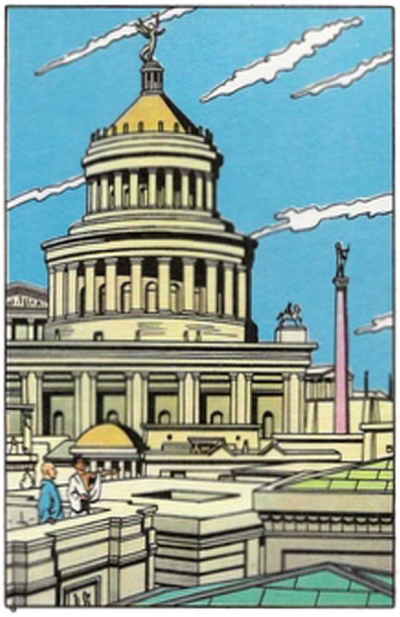
JACQUES
MARTIN

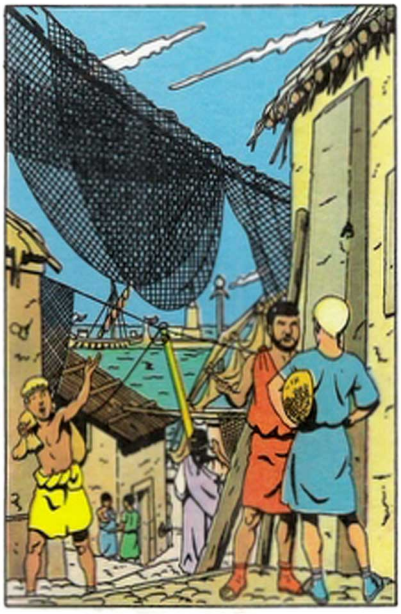
A ILHA MALDITA



Depois de ter vencido o Esfinge de Ouro e de ter destruído o templo de Efaoud, Alix e os seus companheiros regressaram a Alexandria, onde gozam um repouso bem merecido. Contudo, a centenas de léguas dali, um outro porto da costa africana vive horas conturbadas. É Cartago, a rival secular de Roma.

Fundada no século IX a.C. por colonos fenícios e gregos, Cartago tornara-se pouco a pouco numa república marítima muito poderosa. Mas a sua prosperidade não tardara a fazer sombra à jovem Roma. Em breve surgiram as hostilidades; as cidades rivais defrontaram-se em três conflitos célebres, as famosas «guerras púnicas»: Amílcar e Aníbal, pelo lado cartaginês,

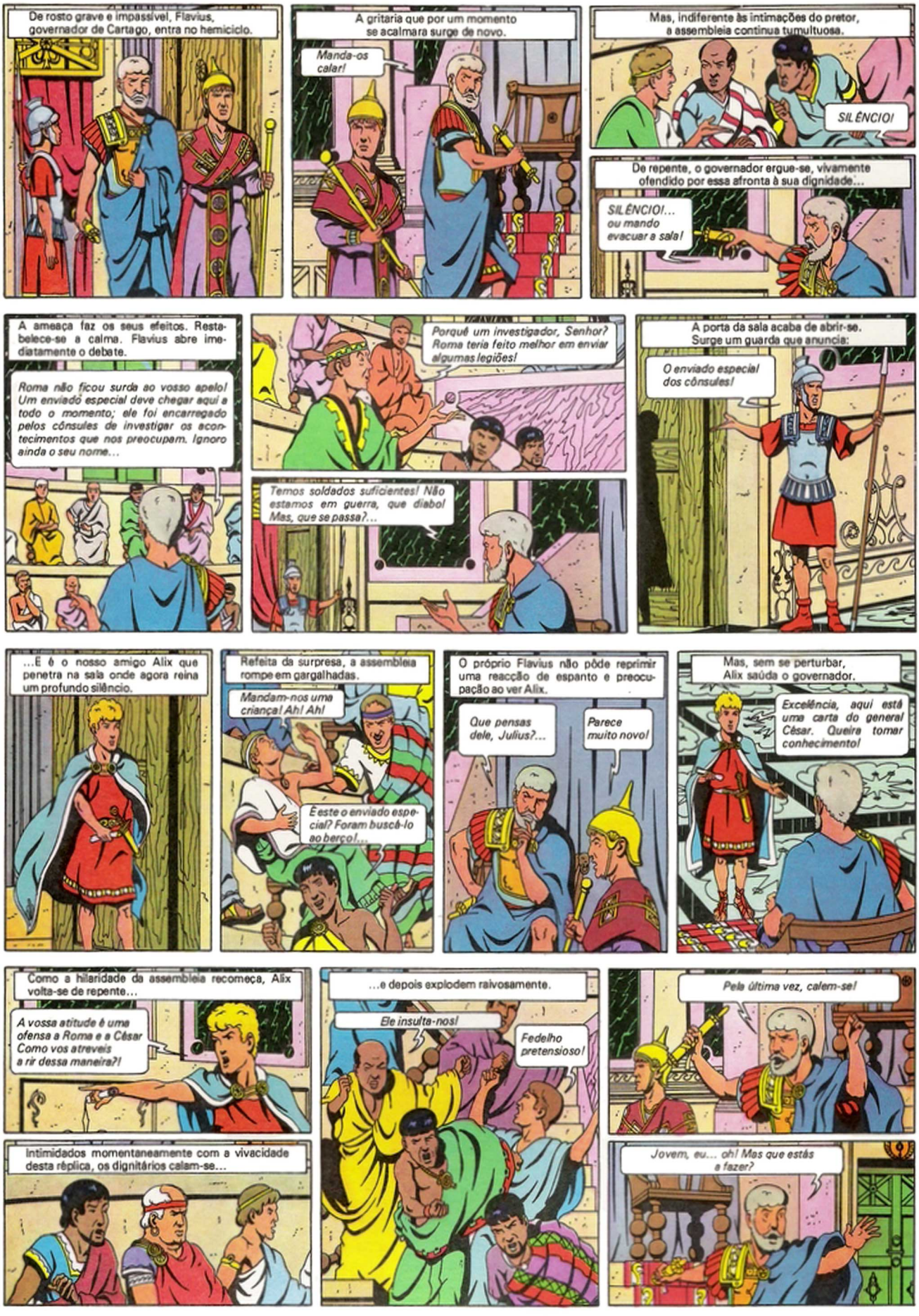


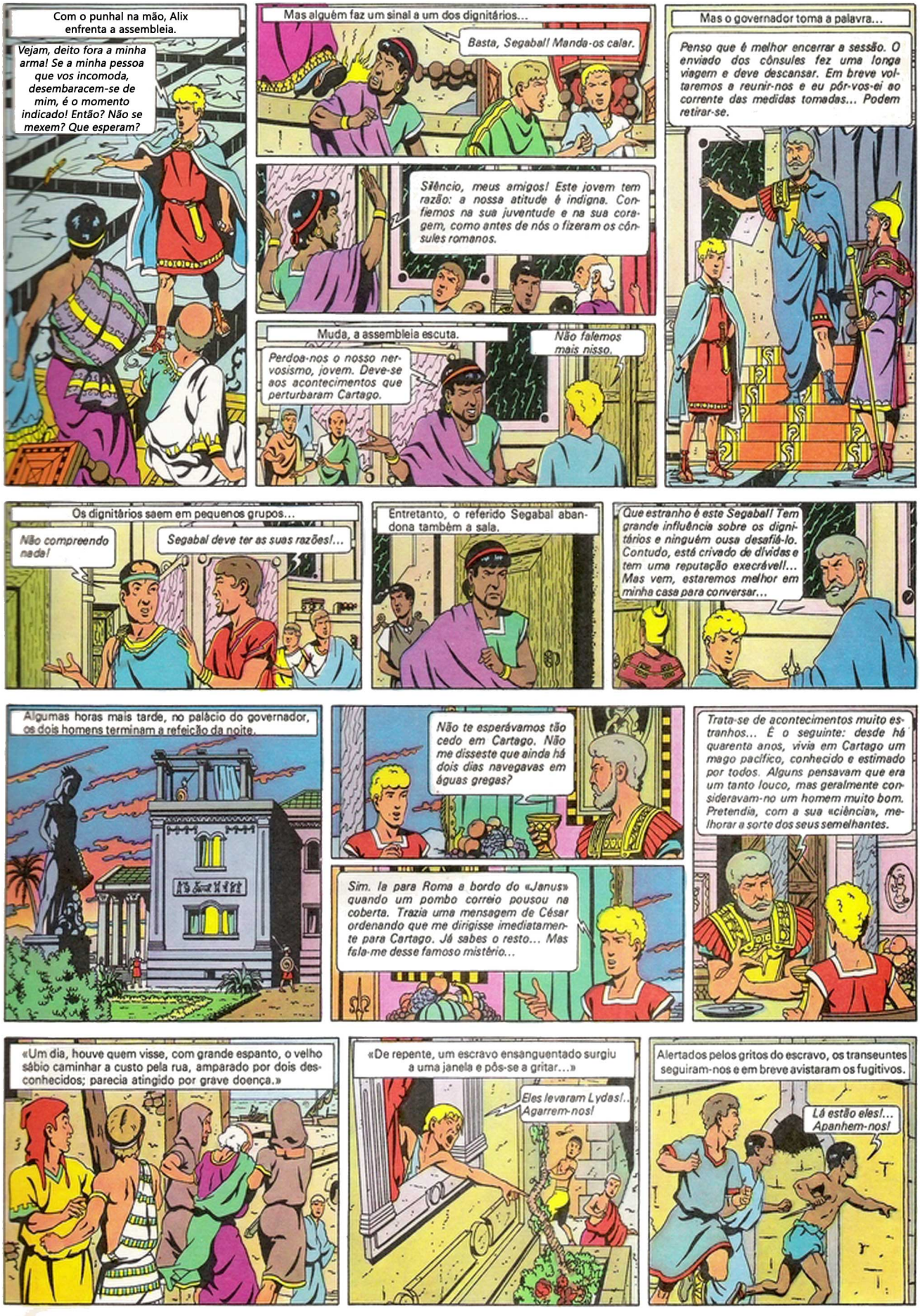


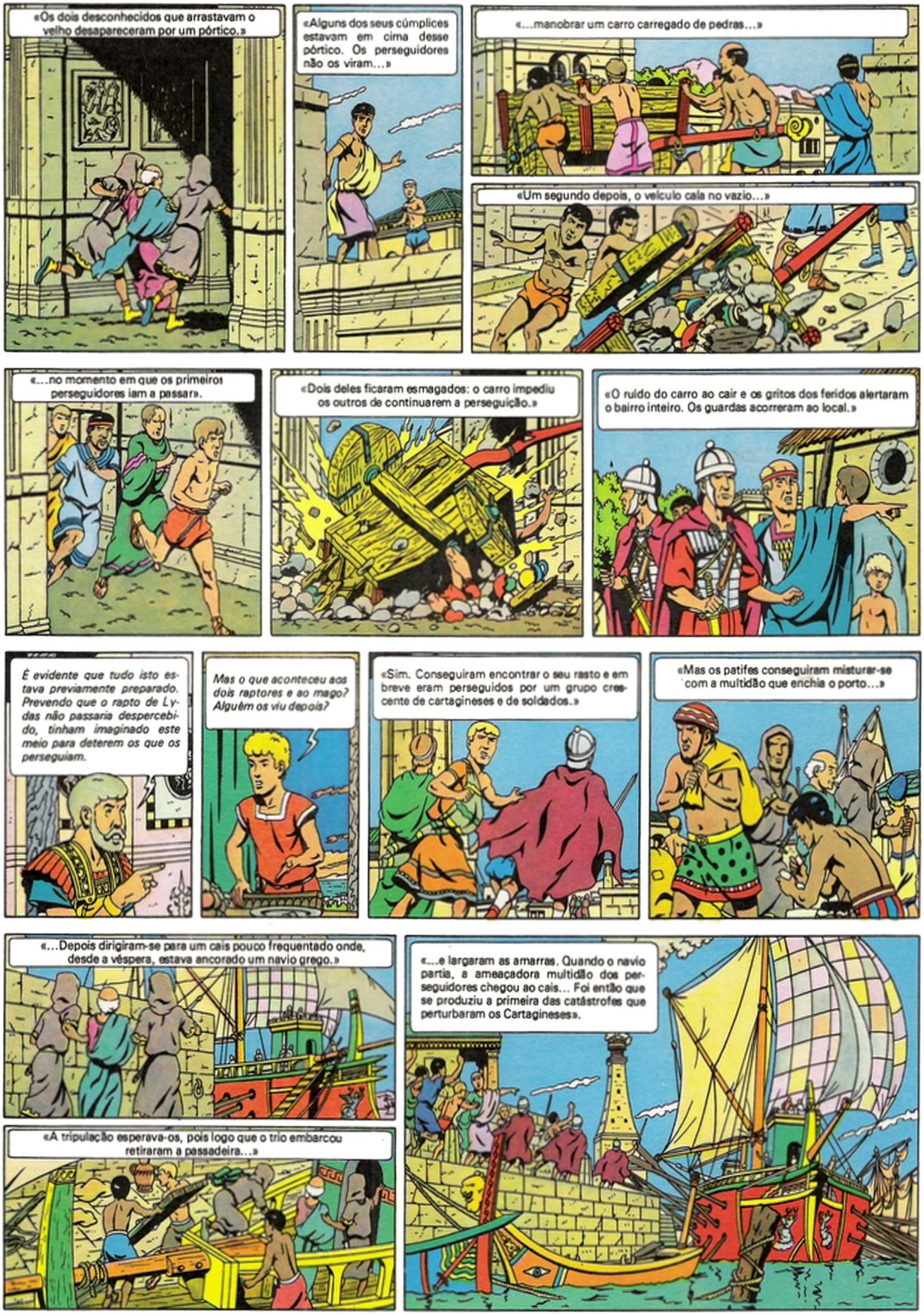
Cipião, o Africano, e Cipião Emiliano, por parte de Roma, celebrizaram-se nessa luta sem tréguas. Depois de ter estado muito perto da derrota, Roma obteve a vitória final e destruiu por completo a orgulhosa cidade africana (146 a.C.).

Mas Cartago renasceu das suas ruínas; em breve, sob a égide de um governador romano, voltou a brilhar com todo o esplendor. Tornou-se uma cidade próspera e florescente; um bairro rico domina o porto com as suas construções luxuosas, enquanto a multidão que fervilha nas vielas portuárias já não sabe o que é a miséria.

Mas agora acontecimentos inquietantes perturbam a serenidade de Cartago; reina na cidade uma agitação febril. Que se passa então?...


De rosto grave e impassível, Flavius, governador de Cartago, entra no hemiciclo.
A gritaria que por um momento se acalmara surge de novo.
Manda-os calar!
Mas, indiferente às intimações do pretor, a assembleia continua tumultuosa.
SILÊNCIO!
De repente, o governador ergue-se, vivamente ofendido por essa afronta à sua dignidade...
SILÊNCIO!... ou mando evacuar a sala!
A ameaça faz os seus efeitos. Restabelece-se a calma. Flavius abre imediatamente o debate.
Roma não ficou surda ao vosso apelo! Um enviado especial deve chegar aqui a todo o momento; ele foi encarregado pelos cônsules de investigar os acontecimentos que nos preocupam. Ignoro ainda o seu nome...
Porquê um investigador, Senhor? Roma teria feito melhor em enviar algumas legiões!
Temos soldados suficientes! Não estamos em guerra, que diabo! Mas, que se passa?...
A porta da sala acaba de abrir-se. Surge um guarda que anuncia:
O enviado especial dos cônsules!
...E é o nosso amigo Alix que penetra na sala onde agora reina um profundo silêncio.
Refeita da surpresa, a assembleia rompe em gargalhadas.
Mandam-nos uma criança! Ah! Ah!
É este o enviado especial? Foram buscá-lo ao berço!...
O próprio Flavius não pôde reprimir uma reacção de espanto e preocupação ao ver Alix.
Que pensas dele, Julius?...
Parece muito novo!
Mas, sem se perturbar, Alix saúda o governador.
Excelência, aqui está uma carta do general César. Queira tomar conhecimento!
Como a hilaridade da assembleia recomeça, Alix volta-se de repente...
A vossa atitude é uma ofensa a Roma e a César Como vos atreveis a rir dessa maneira?!
...e depois explodem raivosamente.
Ele insulta-nos!
Fedelho pretensioso!
Pela última vez, calem-se!
Intimidados momentaneamente com a vivacidade desta réplica, os dignitários calam-se...
Jovem, eu... oh! Mas que estás a fazer?


Com o punhal na mão, Alix enfrenta a assembleia.
Vejam, deito fora a minha arma! Se a minha pessoa que vos incomoda, desembaracem-se de mim, é o momento indicado! Então? Não se mexem? Que esperam?
Mas alguém faz um sinal a um dos dignitários...
Basta, Segabal! Manda-os calar.
Silêncio, meus amigos! Este jovem tem razão: a nossa atitude é indigna. Confiemos na sua juventude e na sua coragem, como antes de nós o fizeram os cônsules romanos.
Muda, a assembleia escuta.
Não falemos mais nisso.
Perdoa-nos o nosso nervosismo, jovem. Deve-se aos acontecimentos que perturbaram Cartago.
Mas o governador toma a palavra...
Penso que é melhor encerrar a sessão. O enviado dos cônsules fez uma longa viagem e deve descansar. Em breve voltaremos a reunir-nos e eu pôr-vos-ei ao corrente das medidas tomadas... Podem retirar-se.
Os dignitários saem em pequenos grupos...
Não compreendo nada!
Segabal deve ter as suas razões!...
Entretanto, o referido Segabal abandona também a sala.
Que estranho é este Segabal! Tem grande influência sobre os dignitários e ninguém ousa desafiá-lo. Contudo, está crivado de dívidas e tem uma reputação execrável!... Mas vem, estaremos melhor em minha casa para conversar...
Algumas horas mais tarde, no palácio do governador, os dois homens terminam a refeição da noite.
Não te esperávamos tão cedo em Cartago. Não me disseste que ainda há dois dias navegavas em águas gregas?
Sim. Ia para Roma a bordo do «Janus» quando um pombo correio pousou na coberta. Trazia uma mensagem de César ordenando que me dirigisse imediatamente para Cartago. Já sabes o resto... Mas fala-me desse famoso mistério...
Trata-se de acontecimentos muito estranhos... É o seguinte: desde há quarenta anos, vivia em Cartago um mago pacífico, conhecido e estimado por todos. Alguns pensavam que era um tanto louco, mas geralmente consideravam-no um homem muito bom. Pretendia, com a sua «ciência», melhorar a sorte dos seus semelhantes.
«Um dia, houve quem visse, com grande espanto, o velho sábio caminhar a custo pela rua, amparado por dois desconhecidos; parecia atingido por grave doença.»
«De repente, um escravo ensanguentado surgiu a uma janela e pôs-se a gritar...»
Eles levaram Lydas!.. Agarrem-nos!
Alertados pelos gritos do escravo, os transeuntes seguiram-nos e em breve avistaram os fugitivos.
Lá estão eles!... Apanhem-nos!


«Os dois desconhecidos que arrastavam o velho desapareceram por um pórtico.»
«Alguns dos seus cúmplices estavam em cima desse pórtico. Os perseguidores não os viram...»
«...manobrar um carro carregado de pedras...»
«Um segundo depois, o veículo cala no vazio...»
«...no momento em que os primeiros perseguidores iam a passar».
«Dois deles ficaram esmagados: o carro impediu os outros de continuarem a perseguição.»
«O ruído do carro ao cair e os gritos dos feridos alertaram o bairro inteiro. Os guardas acorreram ao local.»
É evidente que tudo isto estava previamente preparado. Prevendo que o rapto de Lydas não passaria despercebido, tinham imaginado este meio para deterem os que os perseguiam.
Mas o que aconteceu aos dois raptores e ao mago? Alguém os viu depois?
«Sim. Conseguiram encontrar o seu rasto e em breve eram perseguidos por um grupo crescente de cartagineses e de soldados.»
«Mas os patifes conseguiram misturar-se com a multidão que enchia o porto...»
«...Depois dirigiram-se para um cais pouco frequentado onde, desde a véspera, estava ancorado um navio grego.»
«A tripulação esperava-os, pois logo que o trio embarcou retiraram a passadeira...»
«...e largaram as amarras. Quando o navio partia, a ameaçadora multidão dos perseguidores chegou ao cais... Foi então que se produziu a primeira das catástrofes que perturbaram os Cartagineses».

«Um forte clarão acendeu-se subitamente na coberta do navio estrangeiro...»

«Projectado sobre os perseguidores, num instante incendiou os seus fatos. Os infelizes arderam como tochas...»

«Aproveitando o pânico provocado por este terrível acontecimento, o navio grego manobrou e, a toda a pressa, ergueu as velas a caminho do canal...»

«No cais, as infelizes vítimas rebolavam no chão ou lançavam-se à água.»

«Os vigias do farol, que, de longe, tinham seguido toda a cena, deram o alarme.»

«Dois navios cartagineses, o «Febus» e o «Apolo», que se preparavam também para sair do porto, captaram o inquietante aviso.»

«Imediatamente o capitão do «Febus» ordenou a perseguição ao misterioso navio. O comandante do «Apolo» imitou-o.»

«E começou a perseguição. Mais pesado e lento, o navio grego perdia pouco a pouco o seu avanço...»

...de tal forma que, à saída do canal, os dois navios cartagineses o tinham quase alcançado. Já os marinheiros se preparavam para a abordagem...»

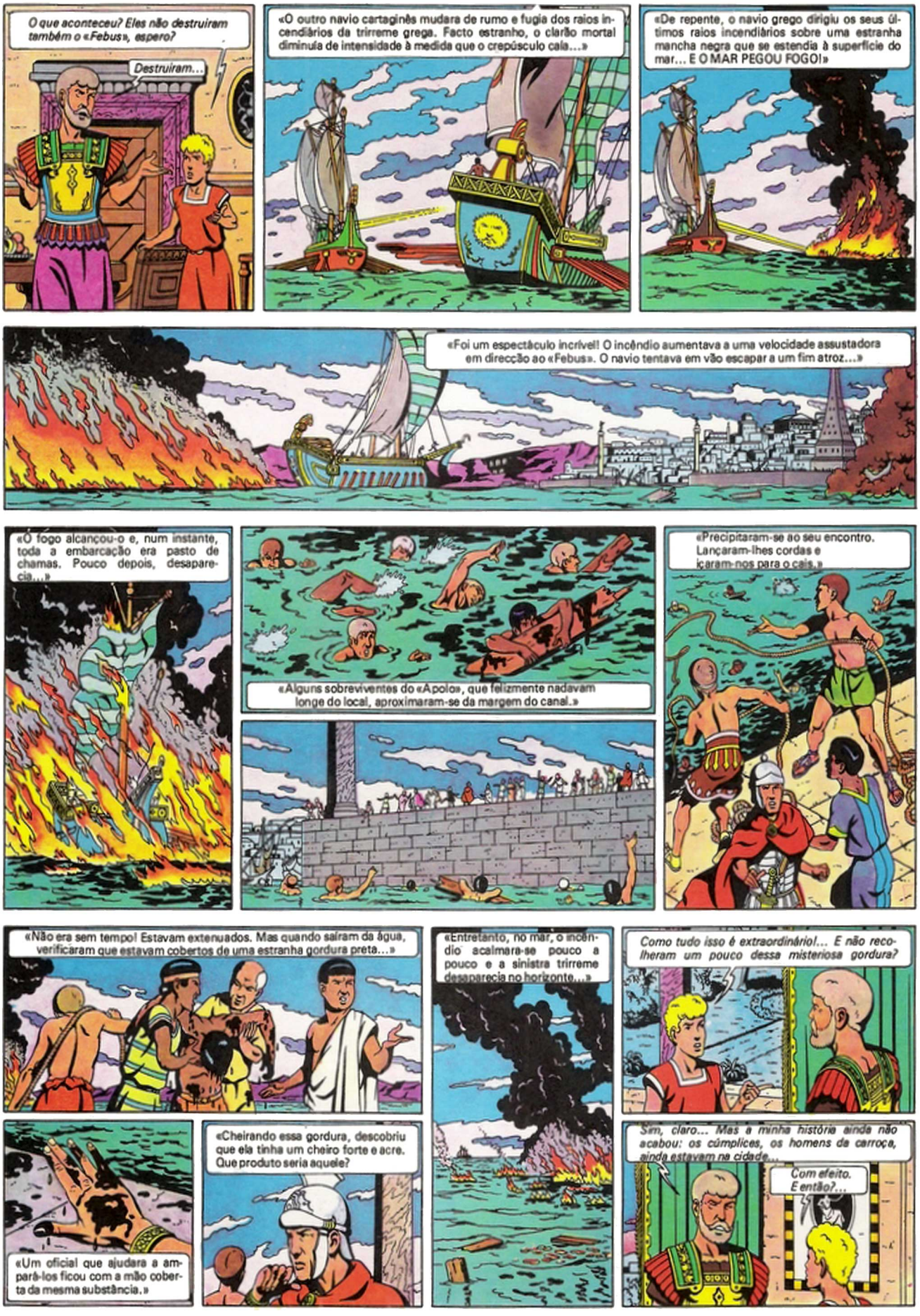
«...quando, na coberta do inimigo, surgiu novamente o clarão fatal. Dirigido ao «Apolo»...»

«...lançou imediatamente fogo às velas do infeliz navio.»

«O incêndio atingiu toda a superstrutura e depois o casco. Em breve o navio não era mais do que um imenso braseiro, que mergulhou no mar...»

Mas é atroz!... E os bandidos que voltaram o carro carregado de pedras, nunca mais ninguém os viu? Eles não tinham entrado no barco, pois não?

Não, evidentemente... Mas, por esse lado, as nossas buscas foram vãs. Quanto ao misterioso navio, não tinha ainda acabado a série das suas sinistras façanhas...


O que aconteceu? Eles não destruiram também o «Febus», espero?
Destruiram...
«O outro navio cartaginês mudara de rumo e fugia dos raios incendiários da trirreme grega. Facto estranho, o clarão mortal diminuía de intensidade à medida que o crepúsculo caía...»
«De repente, o navio grego dirigiu os seus últimos raios incendiários sobre uma estranha mancha negra que se estendia à superfície do mar... E O MAR PEGOU FOGO!»
«Foi um espectáculo incrível! O incêndio aumentava a uma velocidade assustadora em direcção ao «Febus». O navio tentava em vão escapar a um fim atroz...»
«O fogo alcançou-o e, num instante, toda a embarcação era pasto de chamas. Pouco depois, desaparecia...»
«Alguns sobreviventes do «Apolo», que felizmente nadavam longe do local, aproximaram-se da margem do canal.»
«Precipitaram-se ao seu encontro. Lançaram-lhes cordas e içaram-nos para o cais.»
«Não era sem tempo! Estavam extenuados. Mas quando saíram da água, verificaram que estavam cobertos de uma estranha gordura preta...»
«Entretanto, no mar, o incêndio acalmara-se pouco a pouco e a sinistra trirreme desaparecia no horizonte...»
Como tudo isso é extraordinário!... E não recolheram um pouco dessa misteriosa gordura?
«Um oficial que ajudara a ampará-los ficou com a mão coberta da mesma substância.»
«Cheirando essa gordura, descobriu que ela tinha um cheiro forte e acre. Que produto seria aquele?
Sim, claro... Mas a minha história ainda não acabou: os cúmplices, os homens da carroça, ainda estavam na cidade...
Com efeito. E então?...

«Informado ao entardecer do que se passava, dirigi-me imediatamente ao porto a fim de interrogar os sobreviventes. Quando cheguei já a noite descia.»

«Infelizmente nenhum daqueles infelizes me pôde fornecer uma explicação válida. Quase não podiam falar.»

«Subitamente, um soldado chamou a atenção para um vulto que flutuava à superfície do mar.»

«Na escuridão, julguei identificar um destroço que vogava à deriva...»

«... quando a Lua, saindo de entre as nuvens, iluminou em cheio o objecto, revelou um barco carregado de homens...»

Dirigia-se para o largo. E quando a Lua iluminou toda a superfície do mar, avistei o navio grego, imóvel no horizonte.»

Em breve a embarcação o alcançou. Não tive dúvidas de que os ocupantes eram os cúmplices; os famosos homens da carroça que ficaram para trás...

«Infelizmente era demasiado tarde para tentar qualquer coisa. Contudo, por precaução, mandei bloquear o canal e postar homens ao longo do cais e em volta da cidade.»

«De manhã, mandei os meus oficiais interrogarem as pessoas do porto...»

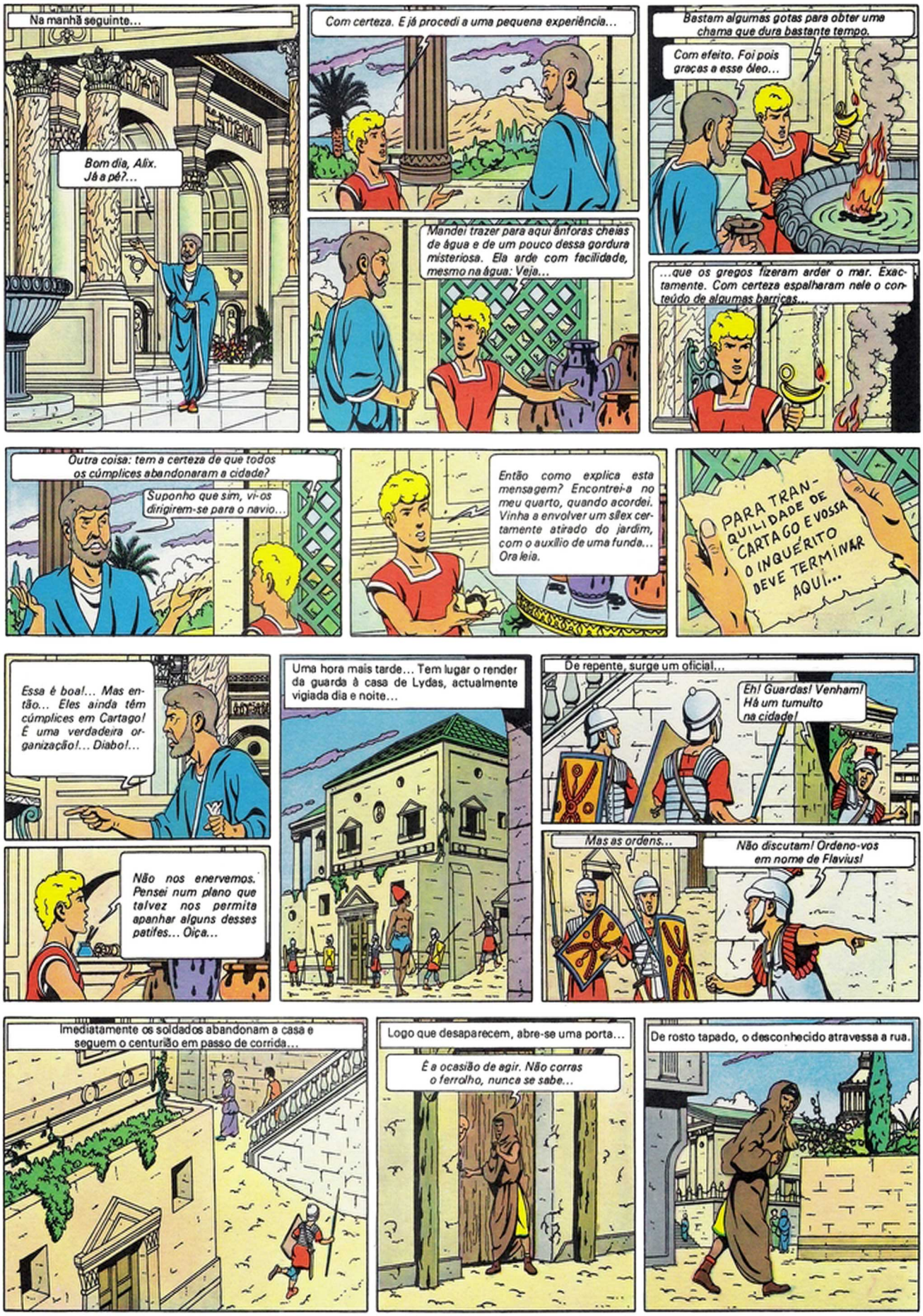
«Mas tudo o que conseguiram saber foi que, ao cair da noite, tinham roubado um barco...»

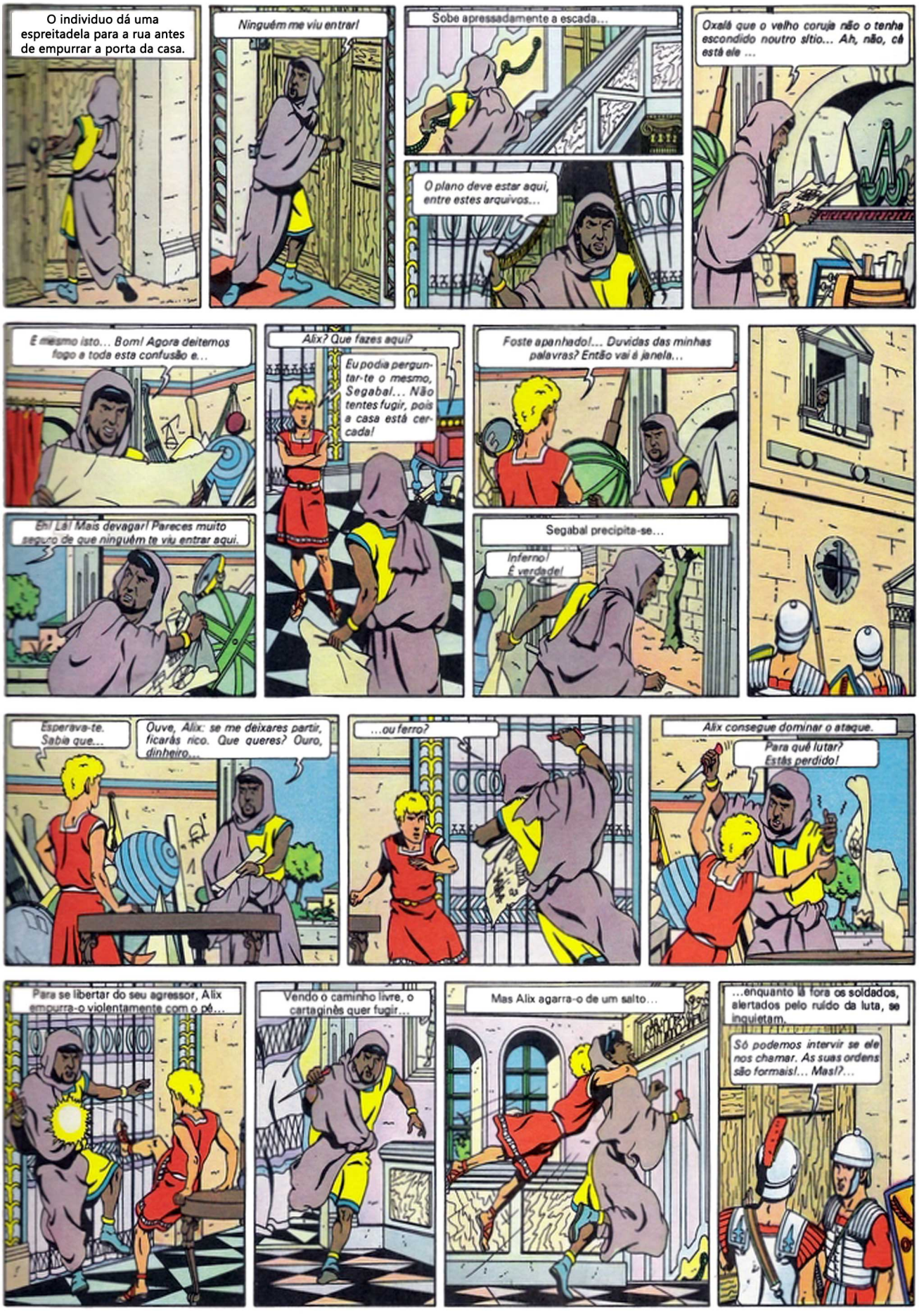
E é esta, Alix, a história dos estranhos acontecimentos que perturbaram Cartago. Poderás compreender ainda melhor a cólera dos dignitários se eu te disser que o «Apolo» e o «Febus» pertenciam a ricos comerciantes... Mas, faz-se tarde, precisas de descansar. Vamos deitar-nos... Boa noite!

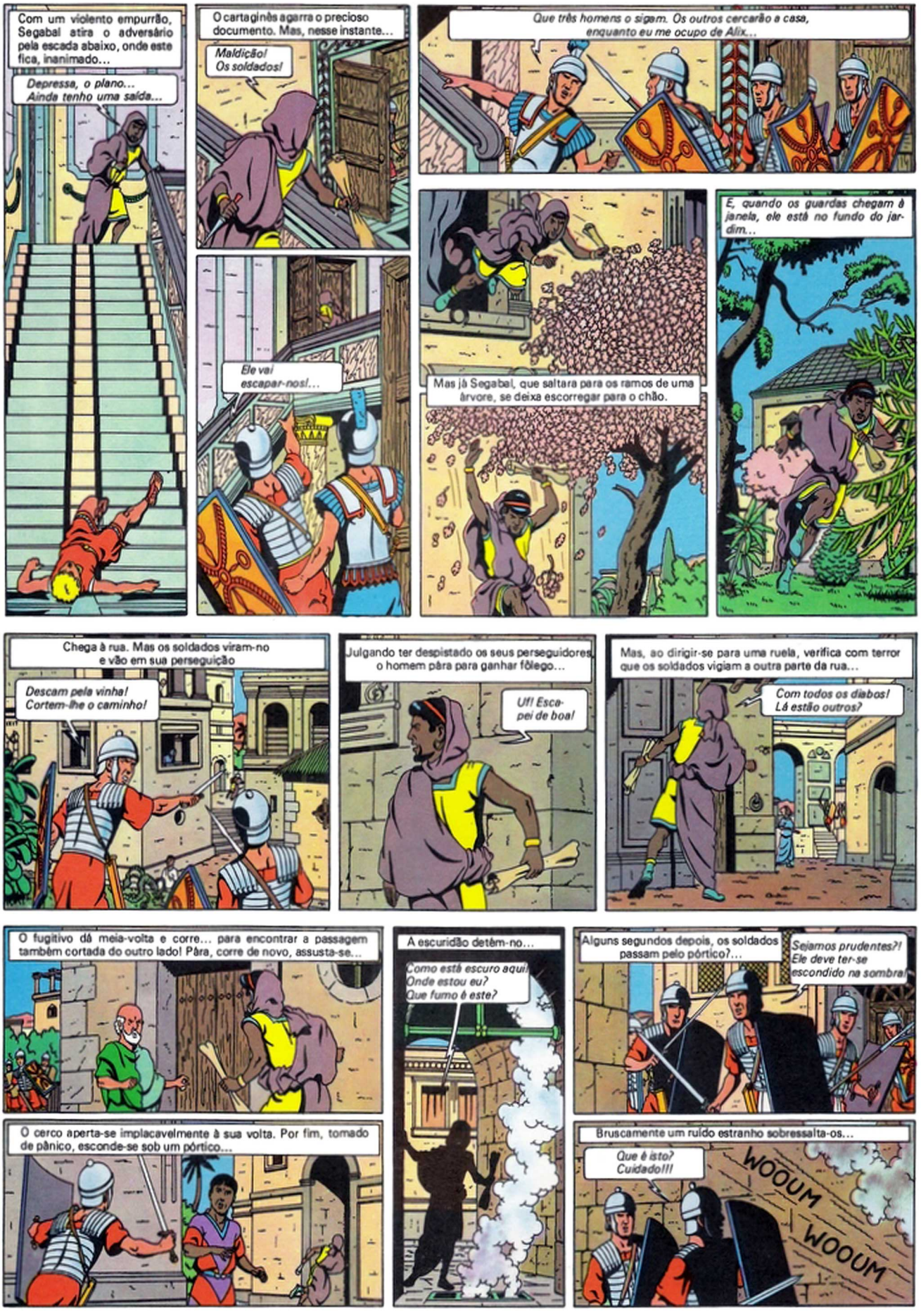
Assim que Alix e o seu anfitrião se separaram, duas sombras, dissimuladas no jardim, murmuram...

Olha, lá em cima... Alguém passeia com uma iluminária...

Vem para a janela... É ELE!!! E aquele é o seu quarto...


Na manhã seguinte...
Bom dia, Alix. Já a pé?...
Com certeza. E já procedi a uma pequena experiência...
Mandei trazer para aqui ânforas cheias de água e de um pouco dessa gordura misteriosa. Ela arde com facilidade, mesmo na água: Veja...
Bastam algumas gotas para obter uma chama que dura bastante tempo.
Com efeito. Foi pois graças a esse óleo...
...que os gregos fizeram arder o mar. Exactamente. Com certeza espalharam nele o conteúdo de algumas barricas...
Outra coisa: tem a certeza de que todos os cúmplices abandonaram a cidade?
Suponho que sim, vi-os dirigirem-se para o navio...
Então como explica esta mensagem? Encontrei-a no meu quarto, quando acordei. Vinha a envolver um sílex certamente atirado do jardim, com o auxílio de uma funda... Ora leia.
PARA TRANQUILIDADE DE CARTAGO E VOSSA O INQUÉRITO DEVE TERMINAR AQUI...
Essa é boa!... Mas então... Eles ainda têm cúmplices em Cartago! É uma verdadeira organização!... Diabo!...
Não nos enervemos. Pensei num plano que talvez nos permita apanhar alguns desses patifes... Oiça...
Uma hora mais tarde... Tem lugar o render da guarda à casa de Lydas, actualmente vigiada dia e noite...
De repente, surge um oficial...
Eh! Guardas! Venham! Há um tumulto na cidade!
Mas as ordens...
Não discutam! Ordeno-vos em nome de Flavius!
Imediatamente os soldados abandonam a casa e seguem o centurião em passo de corrida...
Logo que desaparecem, abre-se uma porta...
É a ocasião de agir. Não corras o ferrolho, nunca se sabe...
De rosto tapado, o desconhecido atravessa a rua.


O individuo dá uma espreitadela para a rua antes de empurrar a porta da casa.
Ninguém me viu entrar!
Sobe apressadamente a escada...
O plano deve estar aqui, entre estes arquivos...
Oxalá que o velho coruja não o tenha escondido noutro sítio... Ah, não, cá está ele ...
É mesmo isto... Bom! Agora deitemos fogo a toda esta confusão e...
Eh! Lá! Mais devagar! Pareces muito seguro de que ninguém te viu entrar aqui.
Alix? Que fazes aqui?
Eu podia perguntar-te o mesmo, Segabal... Não tentes fugir, pois a casa está cercada!
Foste apanhado!... Duvidas das minhas palavras? Então vai à janela...
Segabal precipita-se...
Inferno! É verdade!
Esperava-te. Sabia que...
Ouve, Alix: se me deixares partir, ficarás rico. Que queres? Ouro, dinheiro...
...ou ferro?
Alix consegue dominar o ataque.
Para quê lutar? Estás perdido!
Para se libertar do seu agressor, Alix empurra-o violentamente com o pé...
Vendo o caminho livre, o cartaginês quer fugir...
Mas Alix agarra-o de um salto...
...enquanto lá fora os soldados, alertados pelo ruído da luta, se inquietam.
Só podemos intervir se ele nos chamar. As suas ordens são formais!... Mas!?...


Com um violento empurrão, Segabal atira o adversário pela escada abaixo, onde este fica, inanimado...
Depressa, o plano... Ainda tenho uma saída...
O cartaginês agarra o precioso documento. Mas, nesse instante...
Maldição! Os soldados!
Ele vai escapar-nos!...
Que três homens o sigam. Os outros cercarão a casa, enquanto eu me ocupo de Alix...
Mas já Segabal, que saltara para os ramos de uma árvore, se deixa escorregar para o chão.
E, quando os guardas chegam à janela, ele está no fundo do jardim...
Chega à rua. Mas os soldados viram-no e vão em sua perseguição
Descam pela vinha! Cortem-lhe o caminho!
Julgando ter despistado os seus perseguidores, o homem pára para ganhar fôlego...
Uf! Escapei de boa!
Mas, ao dirigir-se para uma ruela, verifica com terror que os soldados vigiam a outra parte da rua...
Com todos os diabos! Lá estão outros?
O fugitivo dá meia-volta e corre... para encontrar a passagem também cortada do outro lado! Pára, corre de novo, assusta-se...
O cerco aperta-se implacavelmente à sua volta. Por fim, tomado de pânico, esconde-se sob um pórtico...
A escuridão detém-no...
Como está escuro aqui! Onde estou eu? Que fumo é este?
Alguns segundos depois, os soldados passam pelo pórtico?...
Sejamos prudentes?! Ele deve ter-se escondido na sombra!
Bruscamente um ruído estranho sobressalta-os...
Que é isto? Cuidado!!!
WOOUM
WOOUM

Os soldados precipitaram-se para examinar as paredes da ruela, na esperança de descobrir uma passagem secreta. Em vão. Entretanto, chegam Alix e o centurião, que são postos ao corrente do desaparecimento de Segabal...

--- e depois ouvimos um ruído estranho...

...Olhem! Esta grade foi deslocada...

Esta chaminé permite a saída dos vapores de uma canalização, por onde passa a água das termas (1). Serve também como aquecimento do teatro vizinho...

Segabal deve ter fugido por aqui!

...Olha! A chaminé continua até lá acima...

Não há um minuto a perder! Bloqueemos todos os orifícios da canalização...

Entretanto, alguns metros abaixo do chão, Segabal avança com dificuldade.

Ah!... Que calor!... Sufoco... Tenho de sair daqui depressa..

Cá fora, os nossos amigos seguem o traçado da canalização...

Basta caminhar ao longo desta faixa de tijolos refractários...

Finalmente, Segabal descobre uma nova chaminé. Precipita-se para ela, iça-se até à grade de abertura...

Estou a perder as forças...

Que grade tão pesada!... Finalmente consegui...

Titubeante, ofuscado pela luz, endireita-se. Mas, nesse momento...

Agarrem-no! Agarrem-no!

Alix e os soldados!!!

Reunindo as forças que lhe restam, corre para o teatro próximo...

Se conseguir, estou salvo!

Apanhem-no! Vamos perder a sua pista!

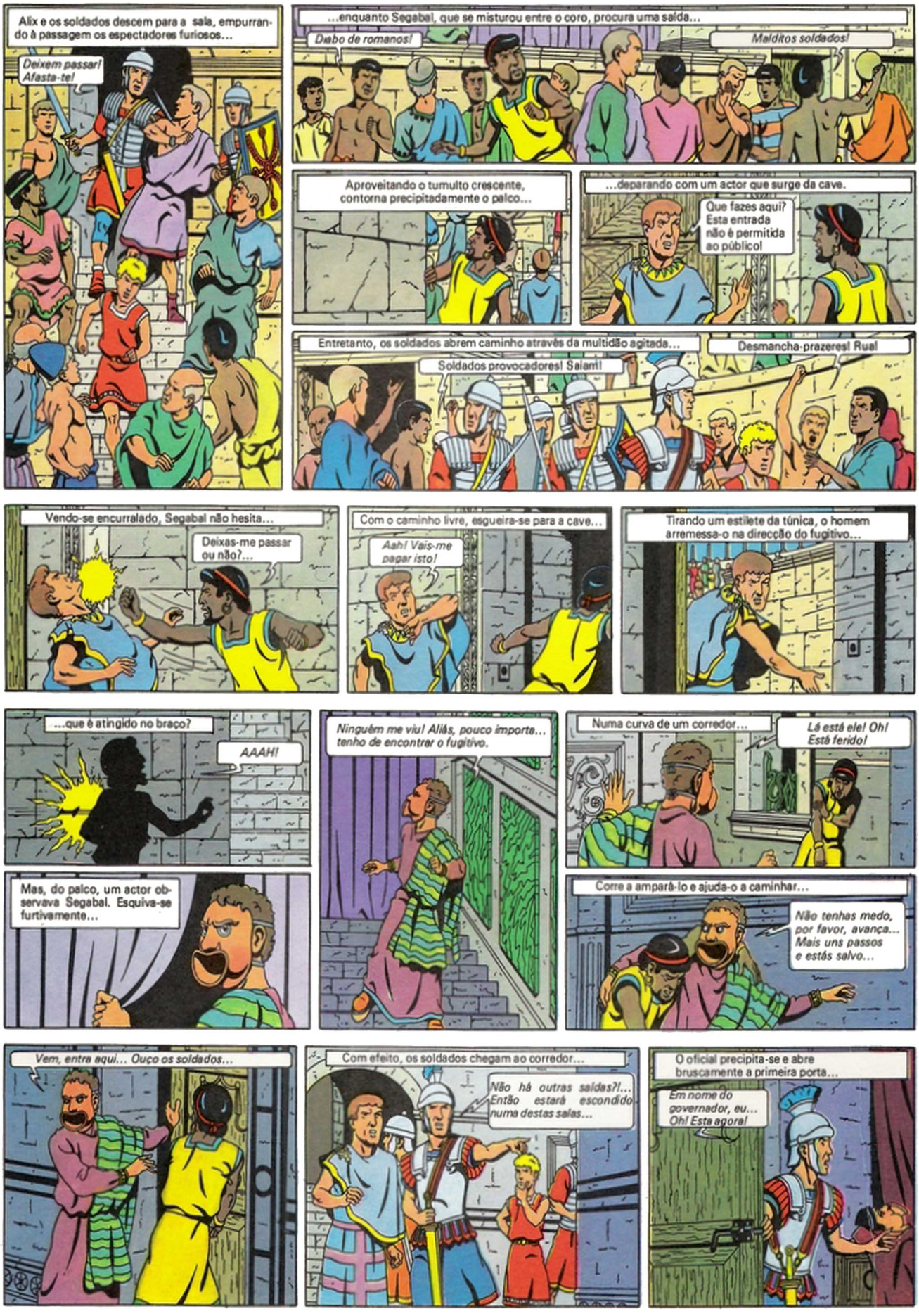
No teatro, apesar da hora matinal, os espectadores apinham-se para assistir à representação que deve durar todo o dia...

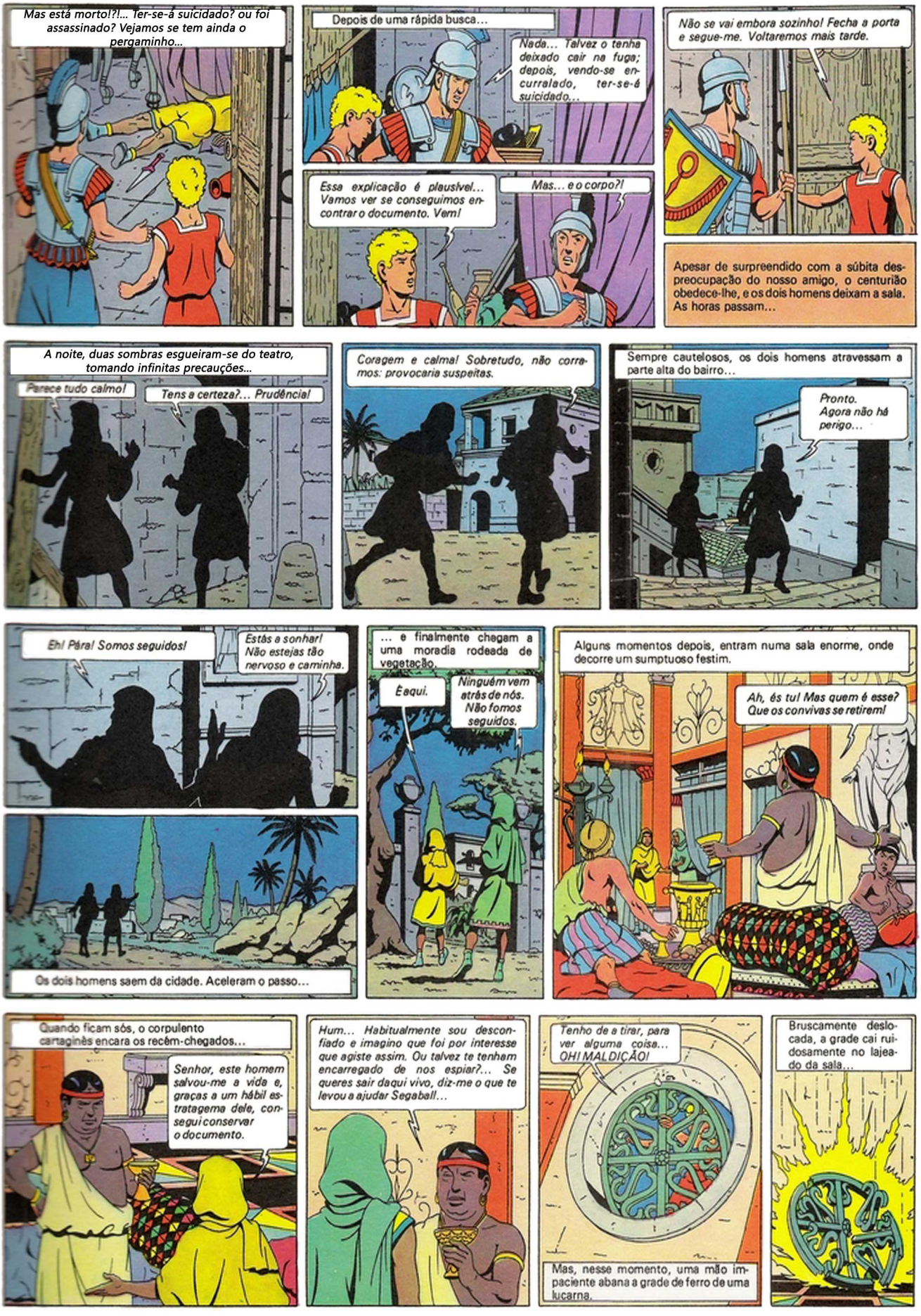
Ricamente vestidos e mascarados, os actores representam a primeira cena.

O coro, colocado entre as bancadas e o palco, intervêm por sua vez. Mas, de repente, há um movimento na galeria; o burburinho aumenta, ouvem-se gritos...

Que se passa? SILÊNCIO!...

(1) Piscina romana aquecida e coberta.


Alix e os soldados descem para a sala, empurrando à passagem os espectadores furiosos...
Deixem passar! Afasta-te!
...enquanto Segabal, que se misturou entre o coro, procura uma saída...
Diabo de romanos!
Malditos soldados!
Aproveitando o tumulto crescente, contorna precipitadamente o palco...
...deparando com um actor que surge da cave.
Que fazes aqui? Esta entrada não é permitida ao público!
Entretanto, os soldados abrem caminho através da multidão agitada...
Soldados provocadores! Saiam!
Desmancha-prazeres! Rua!
Vendo-se encurralado, Segabal não hesita...
Deixas-me passar ou não?...
Com o caminho livre, esgueira-se para a cave...
Aah! Vais-me pagar isto!
Tirando um estilete da túnica, o homem arremessa-o na direcção do fugitivo...
...que é atingido no braço?
AAAH!
Ninguém me viu! Aliás, pouco importa... tenho de encontrar o fugitivo.
Numa curva de um corredor...
Lá está ele! Oh! Está ferido!
Mas, do palco, um actor observava Segabal. Esquiva-se furtivamente...
Corre a ampará-lo e ajuda-o a caminhar...
Não tenhas medo, por favor, avança... Mais uns passos e estás salvo...
Vem, entra aqui... Ouço os soldados...
Com efeito, os soldados chegam ao corredor...
Não há outras saídas?!... Então estará escondido numa destas salas...
O oficial precipita-se e abre bruscamente a primeira porta...
Em nome do governador, eu... Oh! Esta agora!


Mas está morto!?!... Ter-se-á suicidado? ou foi assassinado? Vejamos se tem ainda o pergaminho...
Depois de uma rápida busca...
Nada... Talvez o tenha deixado cair na fuga; depois, vendo-se encurralado, ter-se-á suicidado...
Não se vai embora sozinho! Fecha a porta e segue-me. Voltaremos mais tarde.
Essa explicação é plausível... Vamos ver se conseguimos encontrar o documento. Vem!
Mas... e o corpo?!
Apesar de surpreendido com a súbita despreocupação do nosso amigo, o centurião obedece-lhe, e os dois homens deixam a sala. As horas passam...
A noite, duas sombras esgueiram-se do teatro, tomando infinitas precauções...
Parece tudo calmo!
Tens a certeza?... Prudência!
Coragem e calma! Sobretudo, não corramos: provocaria suspeitas.
Sempre cautelosos, os dois homens atravessam a parte alta do bairro...
Pronto. Agora não há perigo...
Eh! Pára! Somos seguidos!
Estás a sonhar! Não estejas tão nervoso e caminha.
Os dois homens saem da cidade. Aceleram o passo...
... e finalmente chegam a uma moradia rodeada de vegetação.
É aqui.
Ninguém vem atrás de nós. Não fomos seguidos.
Alguns momentos depois, entram numa sala enorme, onde decorre um sumptuoso festim.
Ah, és tu! Mas quem é esse? Que os convivas se retirem!
Quando ficam sós, o corpulento cartaginês encara os recém-chegados...
Senhor, este homem salvou-me a vida e, graças a um hábil estratagema dele, consegui conservar o documento.
Hum... Habitualmente sou desconfiado e imagino que foi por interesse que agiste assim. Ou talvez te tenham encarregado de nos espiar?... Se queres sair daqui vivo, diz-me o que te levou a ajudar Segabal!...
Tenho de a tirar, para ver alguma coisa... OH! MALDIÇÃO!
Mas, nesse momento, uma mão impaciente abana a grade de ferro de uma lucarna.
Bruscamente deslocada, a grade cai ruidosamente no lajeado da sala...

No dia seguinte, nos jardins do palácio do governador... Flavius conversa com um visitante; está muito preocupado, porque depois da perseguição a Segabal, a situação complicou-se ainda mais: o corpo do traidor desapareceu, bem como um dos actores. Além disso, não há notícias de Alix desde a noite anterior. De repente...

Senhor, um capitão dum barco trouxe esta criança: é um amigo de Alix.

Ah?... Bom, ele que se aproxime.

O capitão pediu que lhe entregasse esta mensagem de um alto dignitário egípcio...

Estranho! Enfim, dá-ma...

E após ter lido a mensagem...

Tu chamas-te Enak e o teu pai adoptivo, acaba de morrer, deixando-te órfão pela segunda vez... Pobre pequenol... Infelizmente, teria sido melhor que Senoris ficasse contigo... pois receio que não voltes a ver Alix...

Porquê?... Ele?...

Ontem à noite desapareceu e estou sem notícias dele. Estou muito preocupado.

Mas não faças essa cara! Talvez ele volte... Enquanto esperamos, vamos ocupar-nos de ti...

Nerva, arranja um banho para este jovem e dá-lhe roupas novas. Depois decidiremos a seu respeito.

Poderei mandá-lo de volta a Alexandria dentro de alguns dias... Mas que dizias tu acerca desse actor?

A companhia recrutou-o apenas há alguns dias, na província. Afirmava ter representado muito em Atenas e no Egipto e dizia chamar-se Atis...

Durante a conversa, o Sol, no horizonte, lança os seus últimos raios. Depois cai a noite...

Horas mais tarde, no recinto do porto, um barco imobiliza-se...

Alto! Recuem... sem ruído!

Perfeito! O mar aqui é profundo! Vamos! Hop!

Boa viagem ao reino de Neptuno, caro amigo!

Vem, não demoremos aqui!

Depressa, Sarka, mergulha!... Aposto a cabeça em como acabam de lançar um homem ao mar.

O nadador avança na água escura. Em rápidas braçadas, alcança um volume que, com um lastro pesado, cai a pique...

Um pouco depois, no barco...

Embarca-o e fujamos!

Uf!... Tive de o desembaraçar do lastro...

O mergulhador sobe a bordo e o barco afasta-se...

Por Zeus! Tarde de mais.

Em breve o barco entra no porto...

Mexe-se! Está vivo! Sarka, fricciona-o...

A noite passa... Na madrugada do dia seguinte, o governador, cansado da vigília, adormeceu. Os primeiros raios de sol entram no seu quarto...

Um ligeiro ruído acorda Flavius.

Finalmente, Alix... Sentes-te melhor?

Oh, a minha cabeça! Que me aconteceu?

Tentaram afogar-te... Mas conta-me o que fizeste durante todo este tempo...

Pois bem, lembra-se do crime do teatro? Adivinhei imediatamente que se tratava de um ardil. Segabal fez-se de morto e eu vi o seu cúmplice atrás duma cortina...

Era fácil apanhar os dois. Mas preferi deixá-los em liberdade pois esperava que me conduzissem ao chefe do grupo. Mandei embora os soldados e postei-me perto do teatro...

Alix acaba a sua história...

Infelizmente deixei cair a grade que tapava a lucarna e não consegui fugir... Mas, pelos vistos, eles julgam-me morto neste momento?...

Sem dúvida...

Enquanto fala, Alix aproxima-se da janela...

Só nos resta cercar essa casa e... Mas quem é aquele rapaz?... Oh!... Esse agora!...

É Enak que brinca no jardim com um grande cão...

Louco de alegria, Alix precipita-se para o jardim...

Alix! Tu, finalmente!

Enak! Querido Enak!

Como chegaste aqui?... E Josah?

Josah morreu... Pedi a Senoris que me mandasse para junto de ti... A princípio não queria, depois concordou...

É como sabia Senoris que eu estava em Cartago?

Ele e César correspondem-se através de pombos. Foi assim que ele soube...

O dia passa... Nessa noite, na casa suspeita, o anfitrião conversa com Segabal e com o seu estranho companheiro...

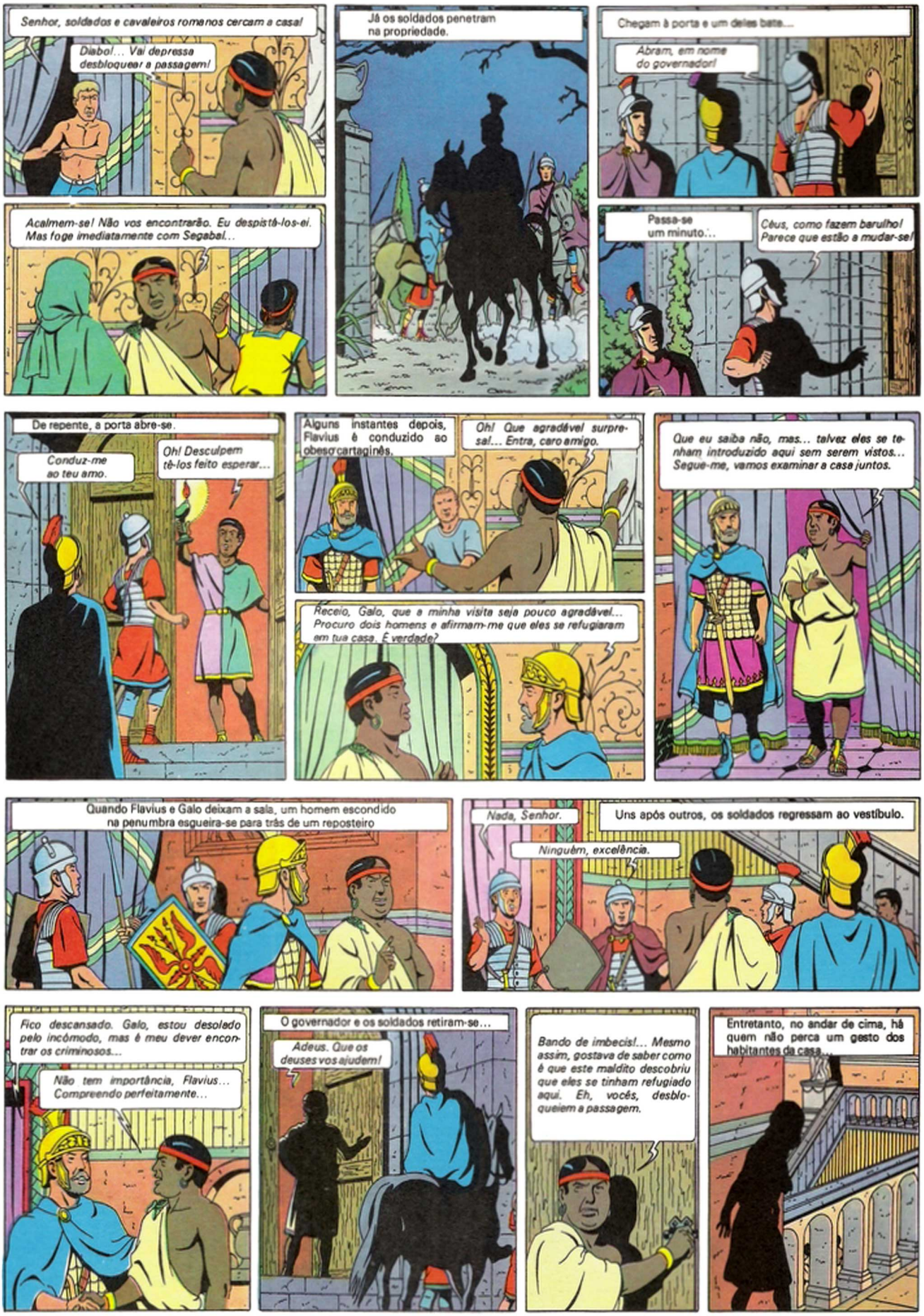
A vossa proposta interessa-me... Não compreendo esta fórmula, mas se o que dizem é exacto, os meus projectos...

De repente o som do gongo sobressalta-os...

Diabo!

BONG

BONG


Senhor, soldados e cavaleiros romanos cercam a casa!
Diabo!... Vai depressa desbloquear a passagem!
Já os soldados penetram na propriedade.
Chegam à porta e um deles bate...
Abram, em nome do governador!
Acalmem-se! Não vos encontrarão. Eu despistá-los-ei. Mas foge imediatamente com Segabal...
Passa-se um minuto...
Céus, como fazem barulho! Parece que estão a mudar-se!
De repente, a porta abre-se.
Conduz-me ao teu amo.
Oh! Desculpem tê-los feito esperar...
Alguns instantes depois, Flavius é conduzido ao obeso cartaginês.
Oh! Que agradável surpresa!... Entra, caro amigo.
Que eu saiba não, mas... talvez eles se tenham introduzido aqui sem serem vistos... Segue-me, vamos examinar a casa juntos.
Receio, Galo, que a minha visita seja pouco agradável... Procuro dois homens e afirmam-me que eles se refugiaram em tua casa. É verdade?
Quando Flavius e Galo deixam a sala, um homem escondido na penumbra esgueira-se para trás de um reposteiro
Nada, Senhor.
Ninguém, excelência.
Uns após outros, os soldados regressam ao vestíbulo.
Fico descansado. Galo, estou desoladopelo incómodo, mas é meu dever encontrar os criminosos...
Não tem importância, Flavius... Compreendo perfeitamente...
O governador e os soldados retiram-se...
Adeus. Que os deuses vos ajudem!
Bando de imbecis!... Mesmo assim, gostava de saber como é que este maldito descobriu que eles se tinham refugiado aqui. Eh, vocês, desbloqueiem a passagem.
Entretanto, no andar de cima, há quem não perca um gesto dos habitantes da casa...

A uma ordem de Gaio, os criados deslocam o pedestal de uma estátua, descobrindo uma passagem...

Agitemos a corda, para lhes fazer sinal...

Um momento... Agora me lembro: alguém viu partir com os soldados a pessoa que os acompanhava de rosto tapado?

Não, realmente... Subiu e nunca mais o vimos!

Diabo! É preciso encontrá-lo!

Mas, nesse momento, uma pancada violenta na porta de entrada paralisa de terror os ocupantes da casa.

Abram imediatamente!

Pelo raio de Zeus, os romanos!... Hamil, agarra numa candeia e deita fogo aos reposteiros. Depois segue-nos...

Mas o misterioso intruso, que não é outro senão Alix, intervém.

Foste muito apressado em julgar-te livre de apuros, Galo!

À ordem de Flavius, os soldados arrombam a porta...

O escravo precipita-se e deita fogo aos reposteiros...

...enquanto Galo desaparece pela passagem secreta.

Despachem-se! Eles vêm aí! Depressa!

Entretanto, a porta cede...

...dando passagem aos soldados e a Flavius.

Depressa! Fugiram por essa passagem. Apanhem-nos!

Infelizmente, mal chegam ao subterrâneo, os nossos amigos deparam com uma pesada porta que os fugitivos fecharam atrás de si. Depois de esforços inúteis para a arrombar, os soldados têm de se dar por vencidos. Voltam a subir, escapando por pouco ao incêndio que devasta a casa. No dia seguinte, ainda sai fumo das ruínas...

Mas Alix não aceita a derrota. A chegada de Enak, acompanhado pelo cão, dá-lhe uma ideia...

Estes malfeitores tiveram muito tempo para desaparecer!... E apesar deste bocado de túnica que encontrei nas ruínas, Mero parece incapaz de encontrar uma pista...

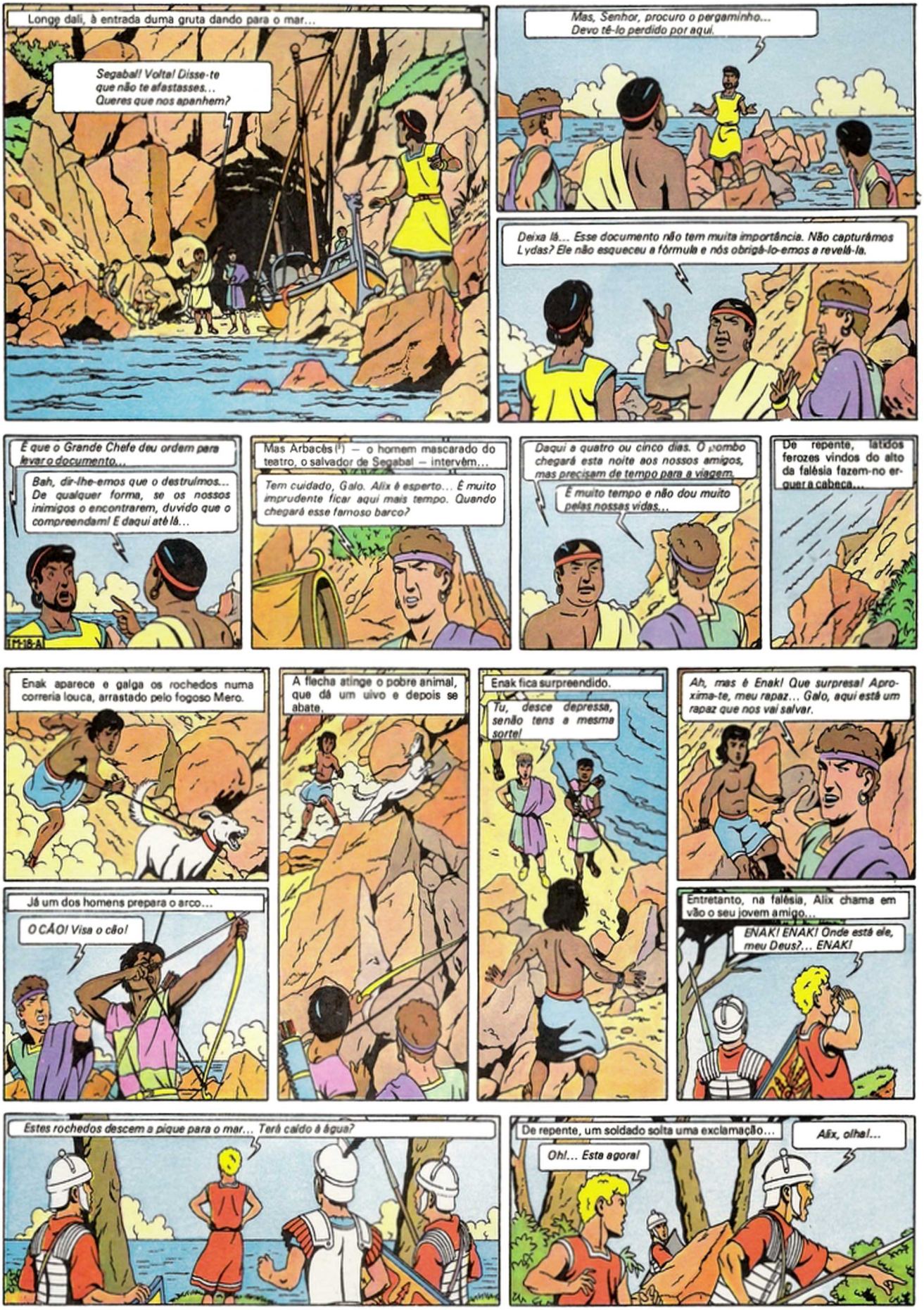
De repente, o animal pára.

Olha, Alix... Mero cheirou qualquer coisa. Está a farejar o vento.

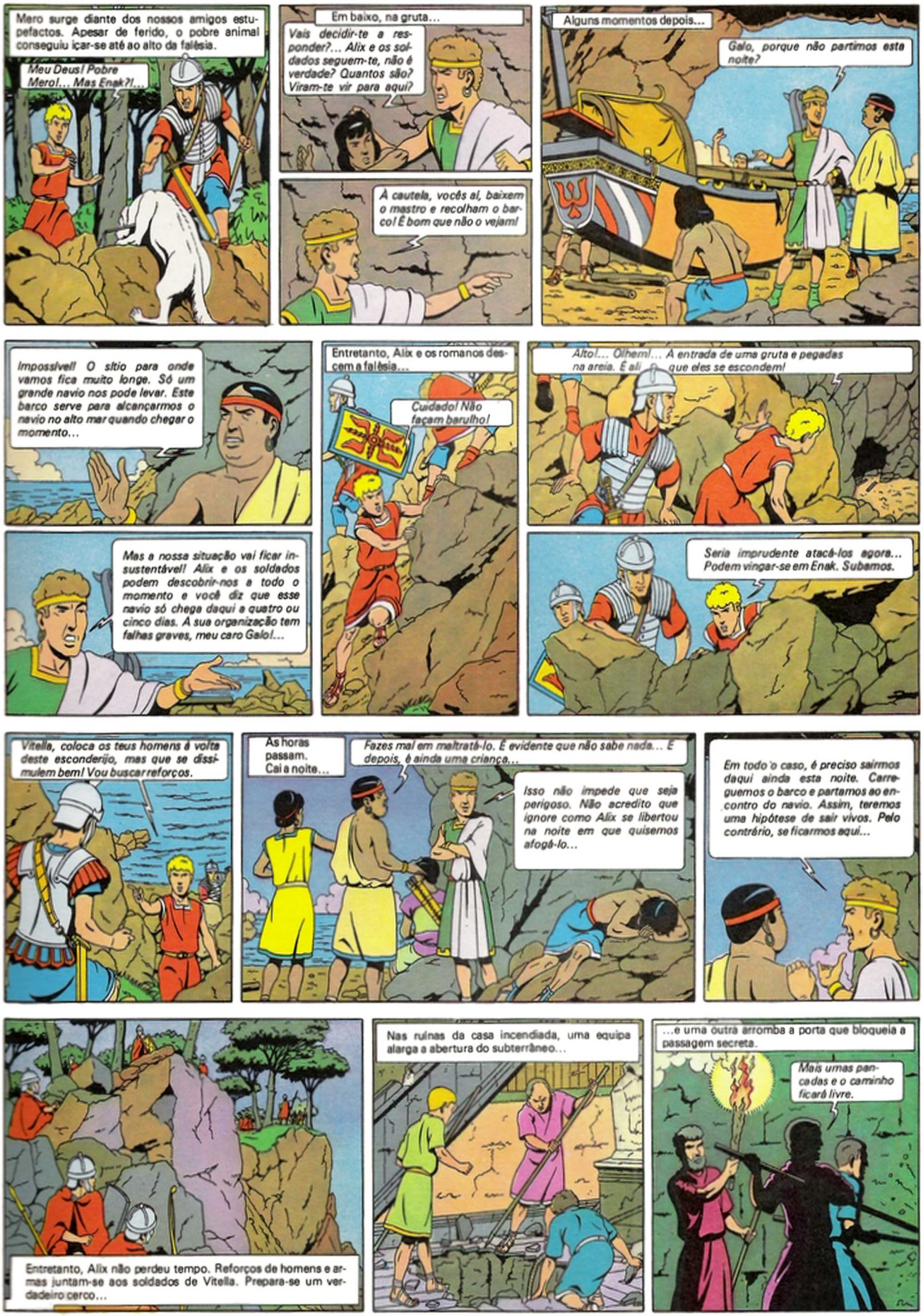
Bruscamente, o cão parte como uma seta, arrastando o jovem dono...

Larga a corda, Enak!

Impossível... Está amarrada ao meu pulso. Pára, Mero, pára!



[1] Ver *Alix, o Intrépido* e *A Esfinge de Ouro*.


Mero surge diante dos nossos amigos estupefactos. Apesar de ferido, o pobre animal conseguiu içar-se até ao alto da falésia.
Meu Deus! Pobre Mero!... Mas Enak?!...
Em baixo, na gruta...
Vais decidir-te a responder?... Alix e os soldados seguem-te, não é verdade? Quantos são? Viram-te vir para aqui?
À cautela, vocês aí, baixem o mastro e recolham o barco! É bom que não o vejam!
Alguns momentos depois...
Galo, porque não partimos esta noite?
Impossível! O sítio para onde vamos fica muito longe. Só um grande navio nos pode levar. Este barco serve para alcançarmos o navio no alto mar quando chegar o momento...
Mas a nossa situação vai ficar insustentável! Alix e os soldados podem descobrir-nos a todo o momento e você diz que esse navio só chega daqui a quatro ou cinco dias. A sua organização tem falhas graves, meu caro Galo!...
Entretanto, Alix e os romanos descem a falésia...
Cuidado! Não façam barulho!
Alto!... Olhem!... À entrada de uma gruta e pegadas na areia. É ali que eles se escondem!
Seria imprudente atacá-los agora... Podem vingar-se em Enak. Subamos.
Vitella, coloca os teus homens à volta deste esconderijo, mas que se dissimulem bem! Vou buscar reforços.
As horas passam. Cai a noite...
Fazes mal em maltratá-lo. É evidente que não sabe nada... E depois, é ainda uma criança...
Isso não impede que seja perigoso. Não acredito que ignore como Alix se libertou na noite em que quisemos afogá-lo...
Em todo o caso, é preciso sairmos daqui ainda esta noite. Carreguemos o barco e partamos ao encontro do navio. Assim, teremos uma hipótese de sair vivos. Pelo contrário, se ficarmos aqui...
Entretanto, Alix não perdeu tempo. Reforços de homens e armas juntam-se aos soldados de Vitella. Prepara-se um verdadeiro cerco...
Nas ruínas da casa incendiada, uma equipa alarga a abertura do subterrâneo...
...e uma outra arromba a porta que bloqueia a passagem secreta.
Mais umas pancadas e o caminho ficará livre.

Depois de aberto um buraco, um homem enfia um braço e puxa os ferrolhos.

Atenção! Avancemos com toda a prudência!

Um caminho estreito conduz-los ao interior de uma enorme gruta, cujas paredes se perdem na escuridão...

Diabo! que fazemos agora? Por onde seguimos?

Vai buscar o cão que tratámos esta tarde e pede que comecem a descer a palha...

Eh! Um momento!... O que é isto?

Um pergaminho com sinais incompreensíveis... Um daqueles espertalhões deve tê-lo perdido na fuga!...

Leva-o e manda entregá-lo ao governador... Talvez lhe interesse!

Entretanto, à entrada da gruta, a tensão aumenta...

Este silêncio é muito assustador...

Partamos! O que é que arriscamos? Não temos Enak connosco?

Sim, devido a este rapaz, eles não ousarão atacar-nos. Está bem, seja, partamos. A escuridão proteger-nos-á. De qualquer modo, seria arriscado esperar mais...

Entretanto, Mero foi levado para a gruta e descobre a passagem para o mar.

Hum, é estreita... Façamos um cordão!...

Em breve, de mão em mão, a palha amontoa-se no subterrâneo.

Mas Galo já deu o sinal de partida e o barco, colocado sobre toros, desliza para o mar...

Devagar sem barulho... Icem o mastro!

Alguns segundos depois, os soldados deitam fogo à palha. Sai um fumo espesso...

Rapidamente, tapam a extremidade da passagem que dá para a grande gruta.

Mais umas pedras... O fumo não sairá por aqui...

O cheiro do fumo surpreende Segabal, que está à saída da passagem...

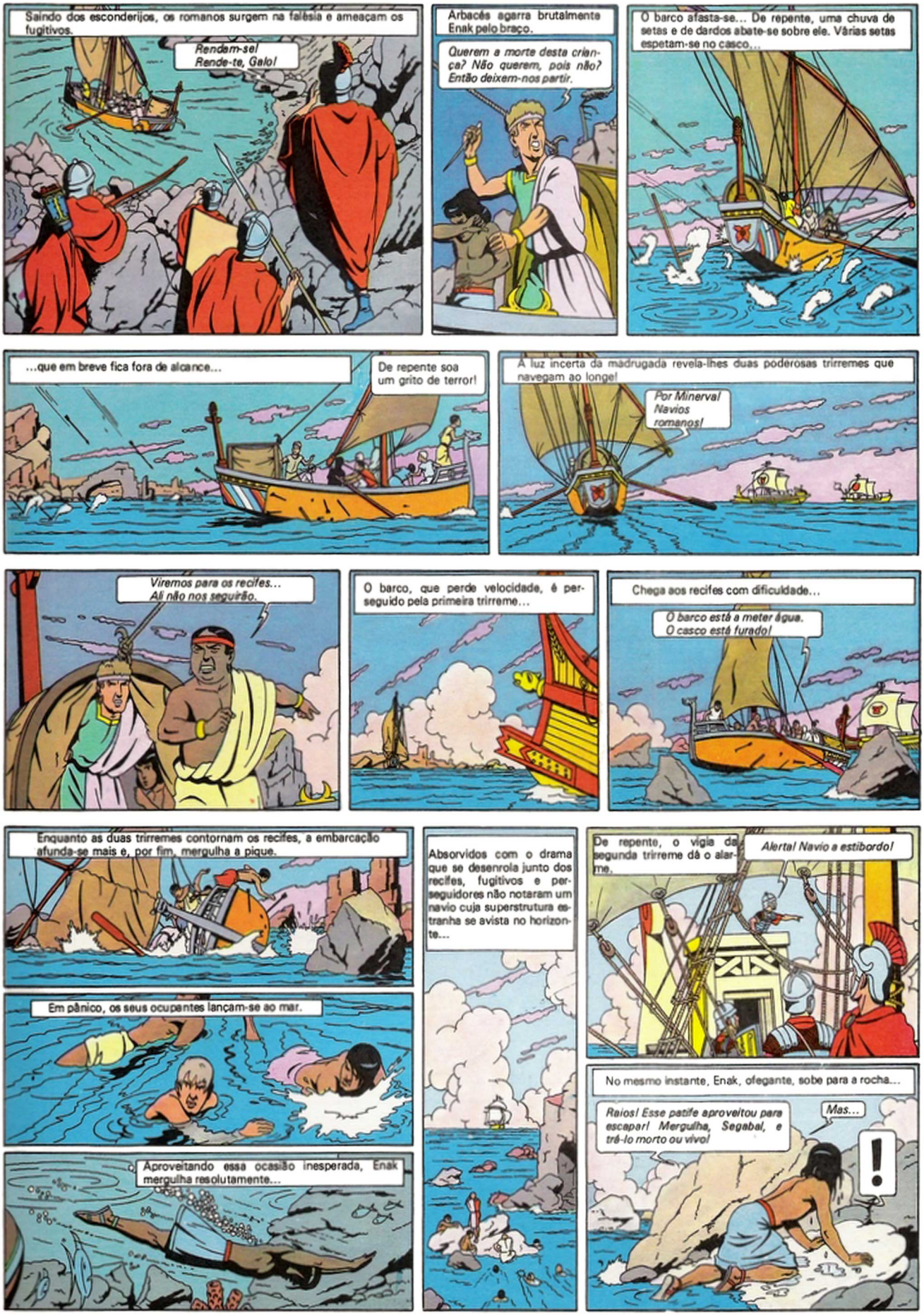
Estão a sufocar-nos! Salve-se quem puder!

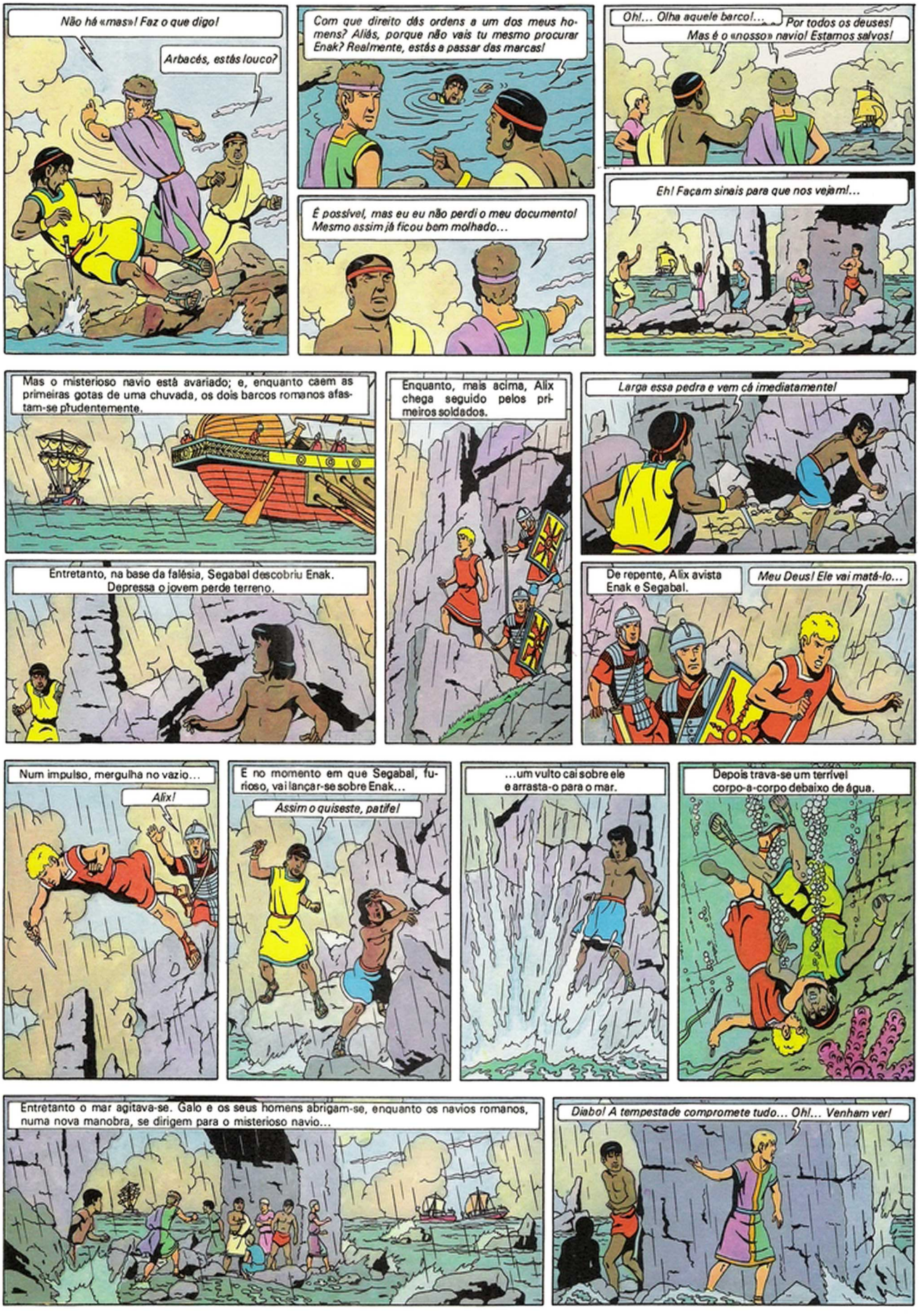
Não grites, imbecil, e vem!

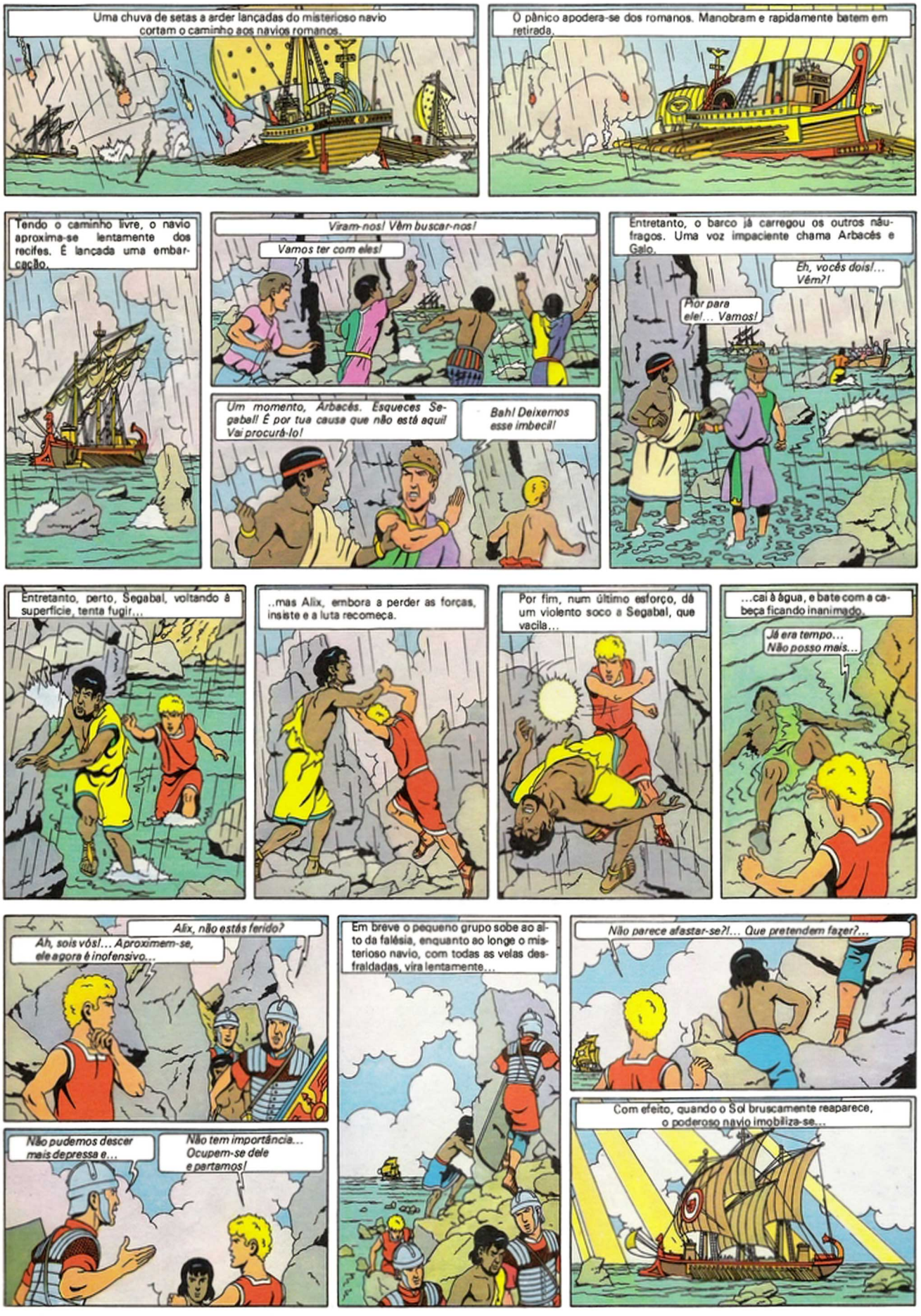
Sem se preocupar com mais nada, todos se precipitam para o barco e empurram-no para o mar...

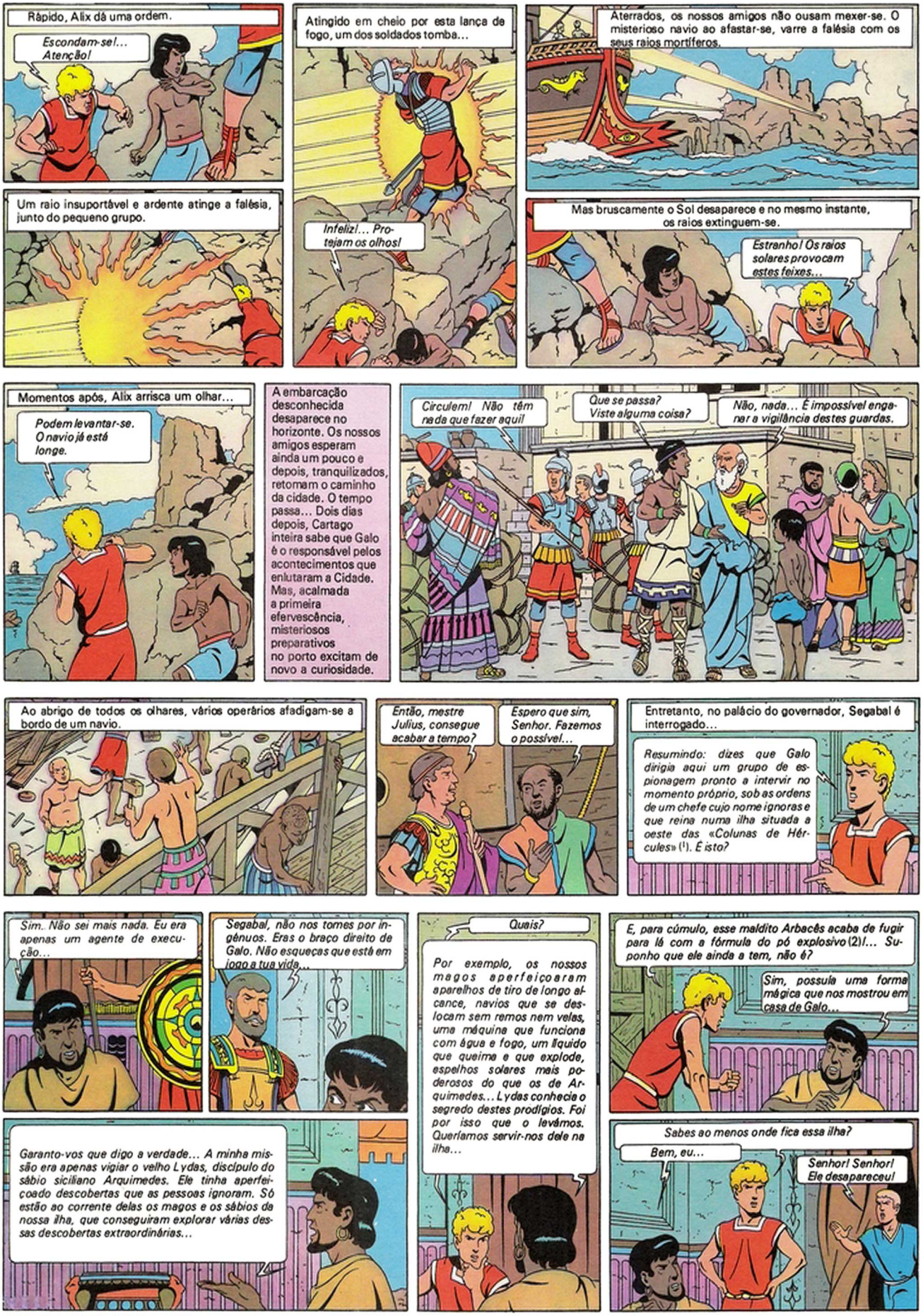
Para bordo!

Cuidado!

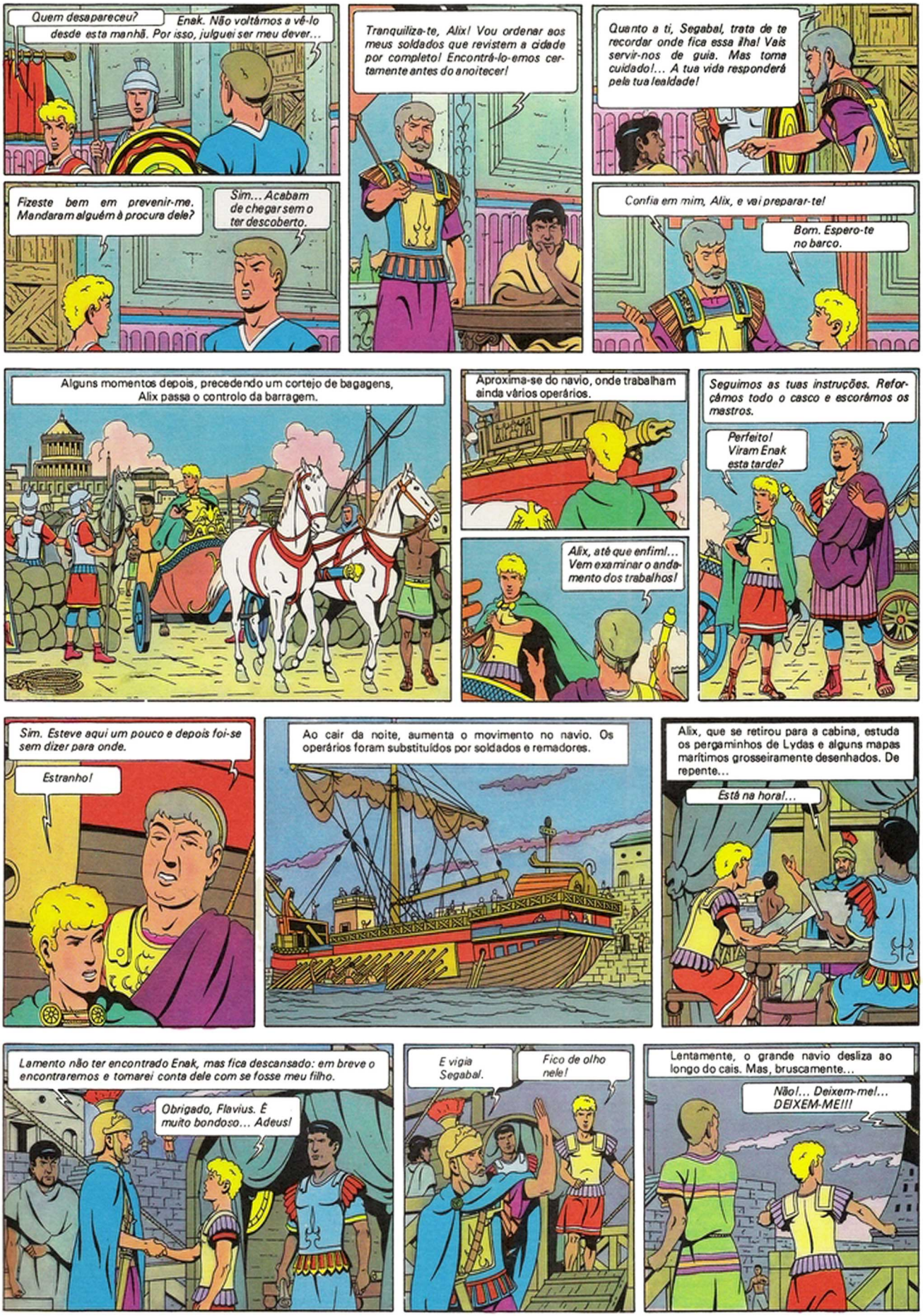

Saindo dos esconderijos, os romanos surgem na falésia e ameaçam os fugitivos.
Rendam-se! Rende-te, Galo!
Arbacés agarra brutalmente Enak pelo braço.
Querem a morte desta criança? Não querem, pois não? Então deixem-nos partir.
O barco afasta-se... De repente, uma chuva de setas e de dardos abate-se sobre ele. Várias setas espetam-se no casco...
...que em breve fica fora de alcance...
De repente soa um grito de terror!
À luz incerta da madrugada revela-lhes duas poderosas trirremes que navegam ao longe!
Por Minerva! Navios romanos!
Viremos para os recifes... Ali não nos seguirão.
O barco, que perde velocidade, é perseguido pela primeira trirreme...
Chega aos recifes com dificuldade...
O barco está a meter água. O casco está furado!
Enquanto as duas trirremes contornam os recifes, a embarcação afunda-se mais e, por fim, mergulha a pique.
Em pânico, os seus ocupantes lançam-se ao mar.
Aproveitando essa ocasião inesperada, Enak mergulha resolutamente...
Absorvidos com o drama que se desenrola junto dos recifes, fugitivos e perseguidores não notaram um navio cuja superstrutura estranha se avista no horizonte...
De repente, o vigia da segunda trirreme dá o alarme.
Alerta! Navio a estibordo!
No mesmo instante, Enak, ofegante, sobe para a rocha...
Raios! Esse patife aproveitou para escapar! Mergulha, Segabal, e trá-lo morto ou vivo!
Mas...
!


Não há «mas»! Faz o que digo!
Arbacés, estás louco?
Com que direito dás ordens a um dos meus homens? Aliás, porque não vais tu mesmo procurar Enak? Realmente, estás a passar das marcas!
É possível, mas eu eu não perdi o meu documento! Mesmo assim já ficou bem molhado...
Oh!... Olha aquele barco!...
Por todos os deuses! Mas é o «nosso» navio! Estamos salvos!
Eh! Façam sinais para que nos vejam!...
Mas o misterioso navio está avariado; e, enquanto caem as primeiras gotas de uma chuvada, os dois barcos romanos afastam-se prudentemente.
Enquanto, mais acima, Alix chega seguido pelos primeiros soldados.
Larga essa pedra e vem cá imediatamente!
Entretanto, na base da falésia, Segabal descobriu Enak. Depressa o jovem perde terreno.
De repente, Alix avista Enak e Segabal.
Meu Deus! Ele vai matá-lo...
Num impulso, mergulha no vazio...
Alix!
E no momento em que Segabal, furioso, vai lançar-se sobre Enak...
Assim o quiseste, patife!
...um vulto cai sobre ele e arrasta-o para o mar.
Depois trava-se um terrível corpo-a-corpo debaixo de água.
Entretanto o mar agitava-se. Galo e os seus homens abrigam-se, enquanto os navios romanos, numa nova manobra, se dirigem para o misterioso navio...
Diabo! A tempestade compromete tudo... Oh!... Venham ver!


Uma chuva de setas a arder lançadas do misterioso navio cortam o caminho aos navios romanos.
O pânico apodera-se dos romanos. Manobram e rapidamente batem em retirada.
Tendo o caminho livre, o navio aproxima-se lentamente dos recifes. É lançada uma embarcação.
Viram-nos! Vêm buscar-nos!
Vamos ter com eles!
Um momento, Arbacés. Esqueces Segabal! É por tua causa que não está aqui! Vai procurá-lo!
Bah! Deixemos esse imbecil!
Entretanto, o barco já carregou os outros náufragos. Uma voz impaciente chama Arbacés e Galo.
Eh, vocês dois!... Vêm?!
Pior para ele!... Vamos!
Entretanto, perto, Segabal, voltando à superfície, tenta fugir...
..mas Alix, embora a perder as forças, insiste e a luta recomeça.
Por fim, num último esforço, dá um violento soco a Segabal, que vacila...
...cai à água, e bate com a cabeça ficando inanimado.
Já era tempo... Não posso mais...
Alix, não estás ferido?
Ah, sois vós!... Aproximem-se, ele agora é inofensivo...
Em breve o pequeno grupo sobe ao alto da falésia, enquanto ao longe o misterioso navio, com todas as velas desfraldadas, vira lentamente...
Não parece afastar-se?!... Que pretendem fazer?...
Não pudemos descer mais depressa e...
Não tem importância... Ocupem-se dele e partamos!
Com efeito, quando o Sol bruscamente reaparece, o poderoso navio imobiliza-se...



(1) Gibraltar. (2) Ver *A Esfinge de Ouro*.


Quem desapareceu?
Enak. Não voltámos a vê-lo desde esta manhã. Por isso, julguei ser meu dever...
Tranquiliza-te, Alix! Vou ordenar aos meus soldados que revistem a cidade por completo! Encontrá-lo-emos certamente antes do anoitecer!
Quanto a ti, Segabal, trata de te recordar onde fica essa ilha! Vais servir-nos de guia. Mas toma cuidado!... A tua vida responderá pela tua lealdade!
Fizeste bem em prevenir-me. Mandaram alguém à procura dele?
Sim... Acabam de chegar sem o ter descoberto.
Confia em mim, Alix, e vai preparar-te!
Bom. Espero-te no barco.
Alguns momentos depois, precedendo um cortejo de bagagens, Alix passa o controlo da barragem.
Aproxima-se do navio, onde trabalham ainda vários operários.
Alix, até que enfim!... Vem examinar o andamento dos trabalhos!
Seguimos as tuas instruções. Reforçámos todo o casco e escorámos os mastros.
Perfeito! Viram Enak esta tarde?
Sim. Esteve aqui um pouco e depois foi-se sem dizer para onde.
Estranho!
Ao cair da noite, aumenta o movimento no navio. Os operários foram substituídos por soldados e remadores.
Alix, que se retirou para a cabina, estuda os pergaminhos de Lydas e alguns mapas marítimos grosseiramente desenhados. De repente...
Está na hora!...
Lamento não ter encontrado Enak, mas fica descansado: em breve o encontraremos e tomarei conta dele com se fosse meu filho.
Obrigado, Flavius. É muito bondoso... Adeus!
E vigia Segabal.
Fico de olho nele!
Lentamente, o grande navio desliza ao longo do cais. Mas, bruscamente...
Não!... Deixem-me!... DEIXEM-ME!!!

Em pânico, Segabal tenta sair do barco.

Deixem-me... Não quero voltar à ilha... Antes morrer!...

Mas é logo dominado.

Alix, deixa-me aqui... Eles matam-me quando souberem que falei!...

Lamento, Segabal, mas tens de ficar a bordo e servir-nos de guia! A partir de agora, a tua sorte está ligada à nossa. Além disso, não esqueço a tua participação numa organização criminosa, responsável pela morte de muitos inocentes! Vamos, fechem-no no porão até chegarmos ao «Grande Oceano».

Um momento depois, Segabal é fechado num calabouço, na popa do navio...

Aqui tens, para comer! Poupa a água que está no jarro, não temos mais!

Entretanto Flavius contempla o navio que se afasta na noite...

Para que aventuras se dirigirão eles?

Queiram os deuses que regressem!

Lentamente, o navio contorna a costa africana. Durante mais de uma semana, o tempo está radioso e o mar calmo. Em breve surgem no horizonte as «Colunas de Hércules»... São os limites do mundo conhecido!

O navio avança intrepidamente no imenso oceano de águas tumultuosas e frias e navega para ocidente. Desde a partida, Alix parece cada vez mais preocupado.

Tranquiliza-te, Alix. Flavius certamente já encontrou Enak.

Oxalé tenhas razão!... Fiz mal em não o ter deixado acompanhar-nos! Com certeza fugiu por estar decepcionado!... Mas vai buscar Segabal, vamos precisar dele!

O centurião Vitella atravessa as filas de remadores, diante das quais o comitre marca a cadência das remadas.

Chega ao porão e levanta a tampa do calabouço.

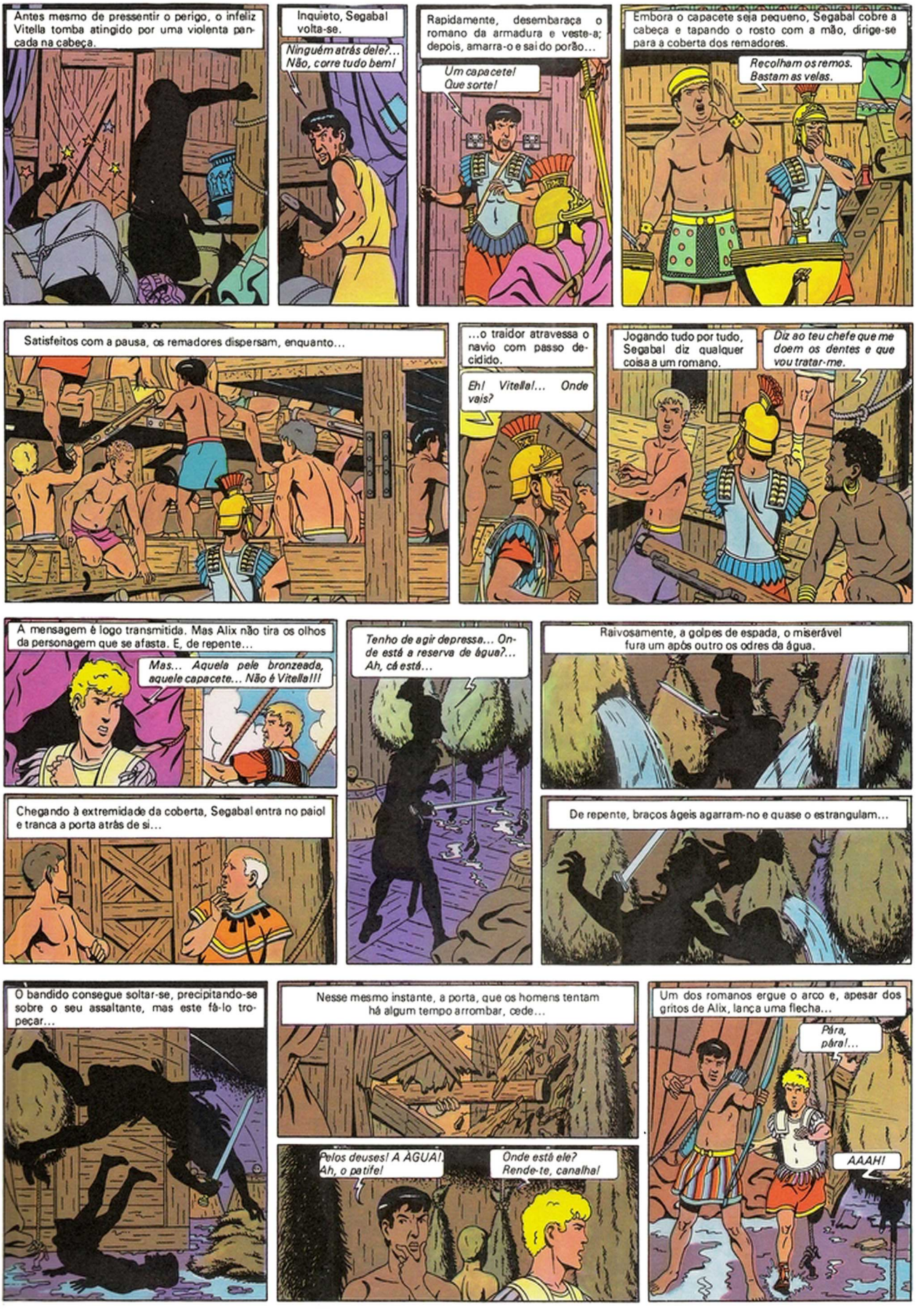
Eh! Segabal, vou descer-te a escada... SEGABAL!... Diabo, onde estará?...

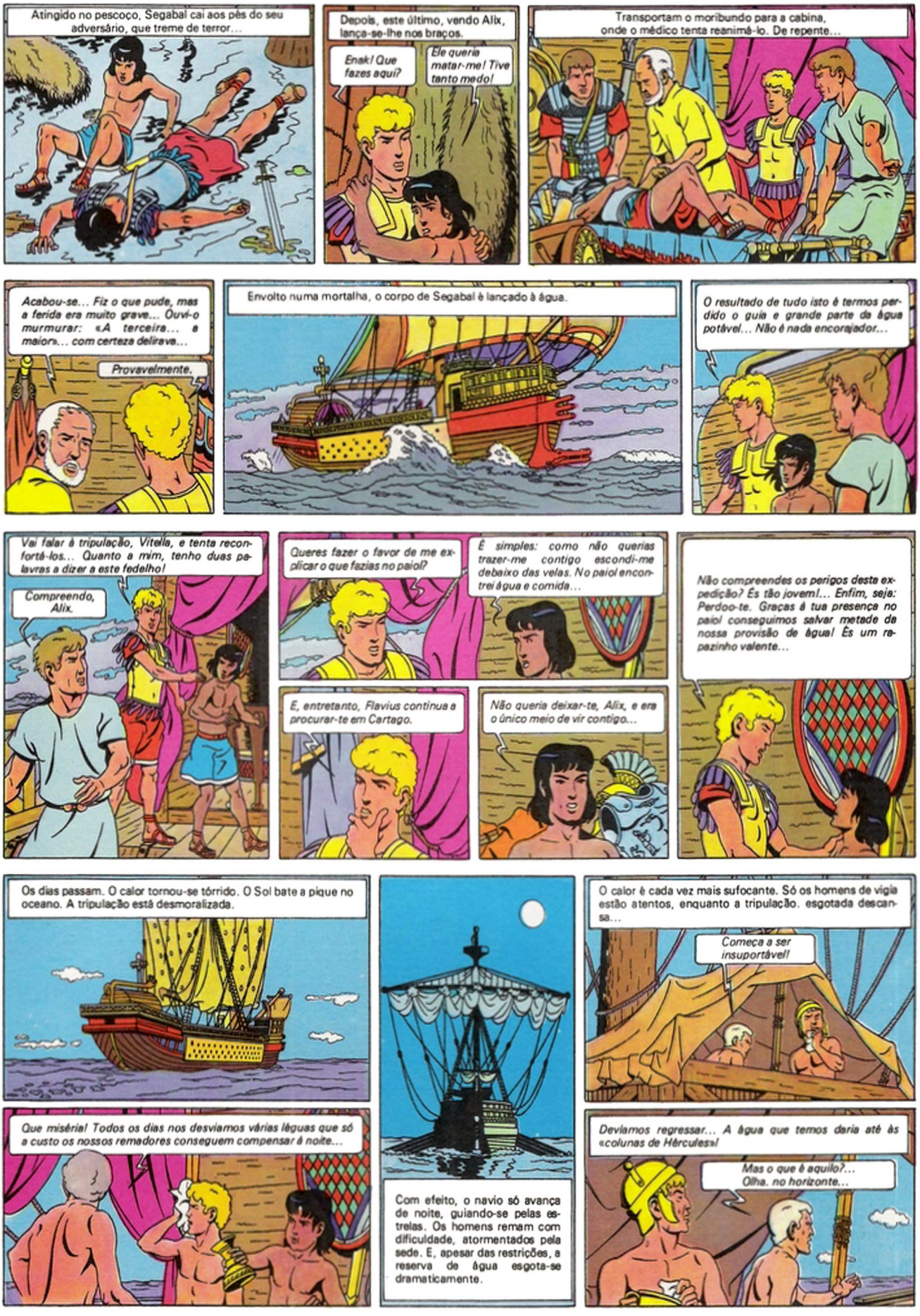
Inquieto, Vitella entra no porão contíguo ao calabouço, onde reina uma profunda escuridão.

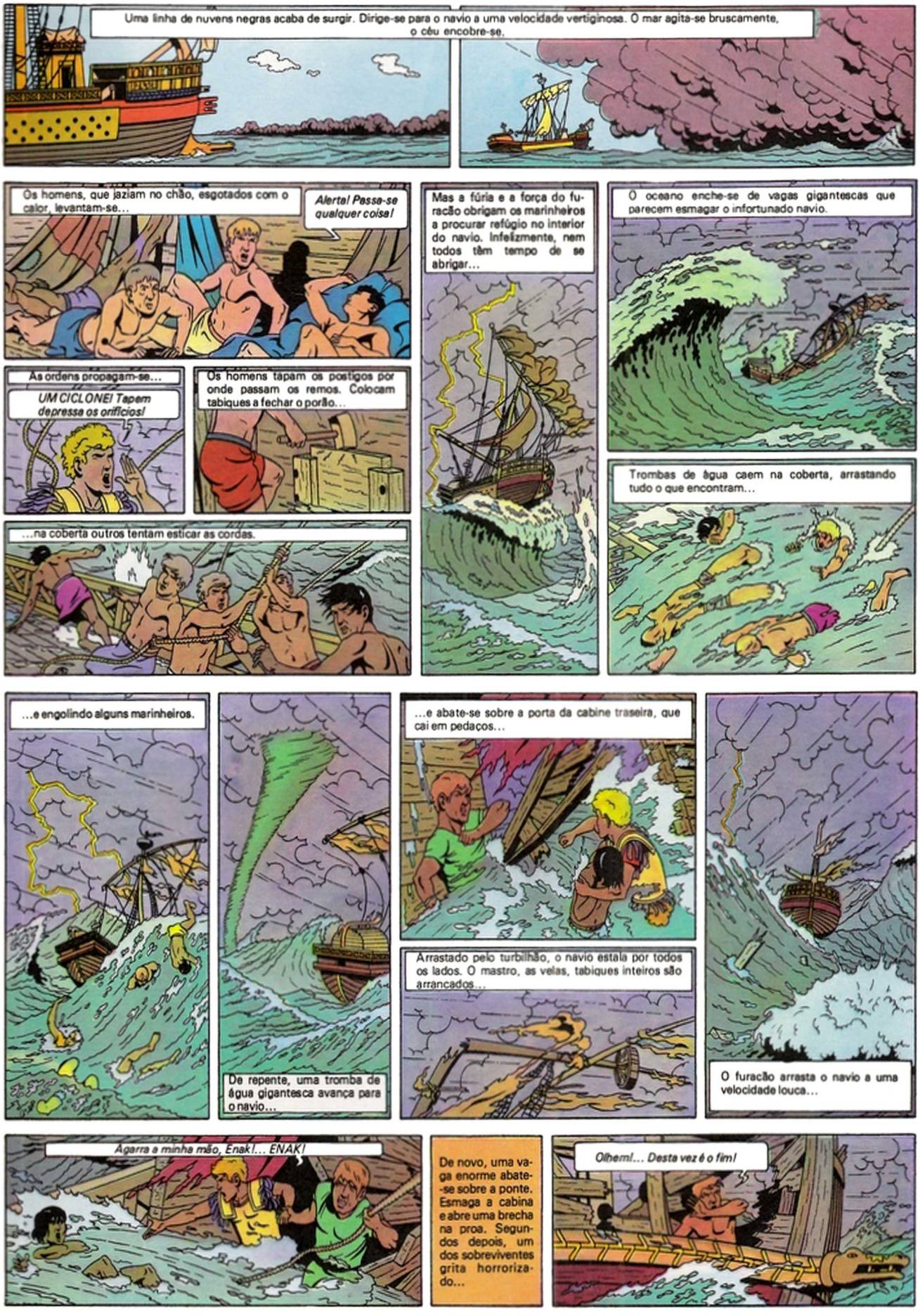
Tacteando a parede, descobre um grande buraco na madeira.

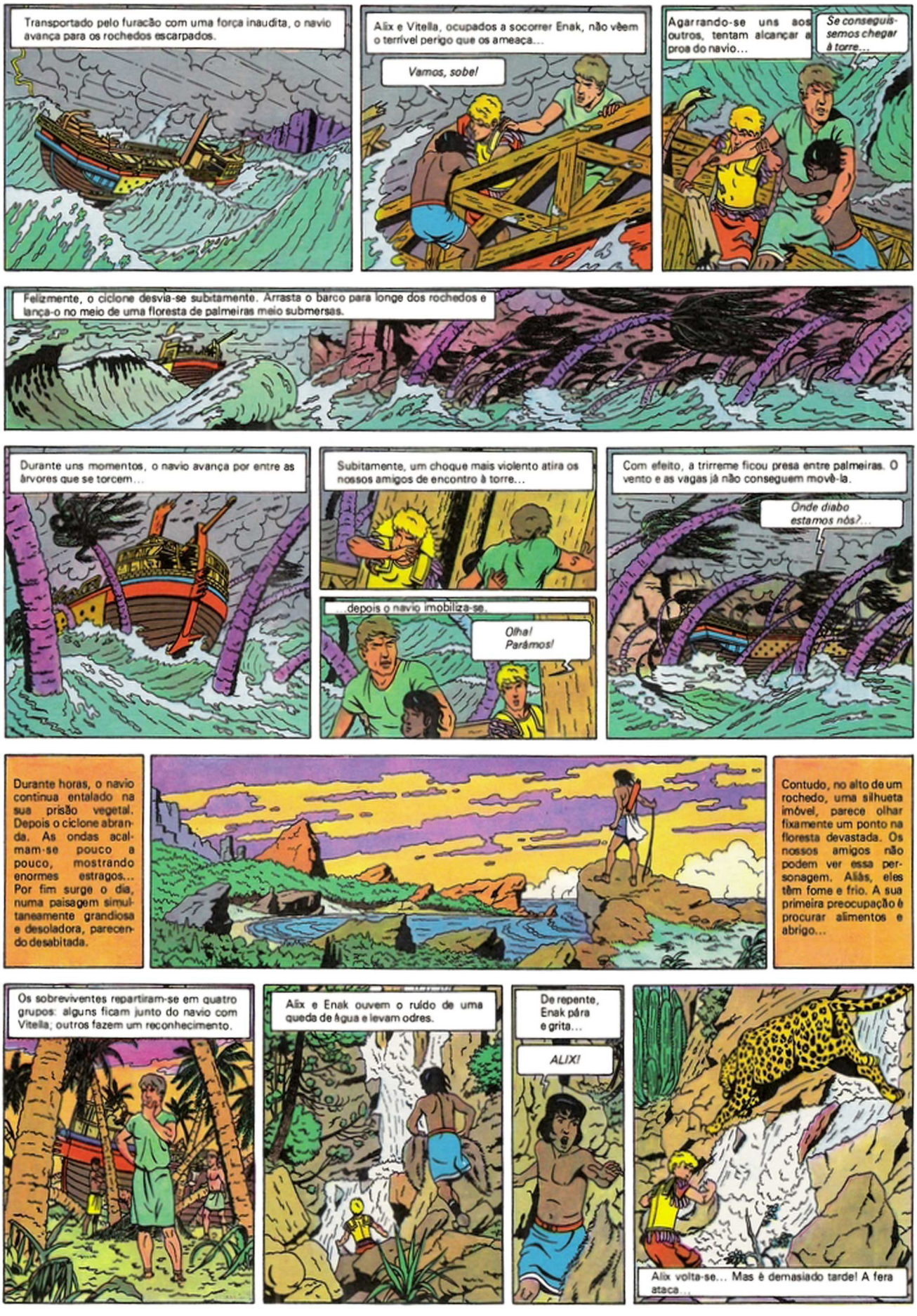
Já desconfiava!...

Os seus olhos mal habituados à escuridão não vêem uma sombra ameaçadora que surgiu bruscamente...


Antes mesmo de pressentir o perigo, o infeliz Vitella tomba atingido por uma violenta pancada na cabeça.
Inquieto, Segabal volta-se.
Ninguém atrás dele?... Não, corre tudo bem!
Rapidamente, desembaraça o romano da armadura e veste-a; depois, amarra-o e sai do porão...
Um capacete! Que sorte!
Embora o capacete seja pequeno, Segabal cobre a cabeça e tapando o rosto com a mão, dirige-se para a coberta dos remadores.
Recolham os remos. Bastam as velas.
Satisfeitos com a pausa, os remadores dispersam, enquanto...
...o traidor atravessa o navio com passo decidido.
Eh! Vitella!... Onde vais?
Jogando tudo por tudo, Segabal diz qualquer coisa a um romano.
Diz ao teu chefe que me doem os dentes e que vou tratar-me.
A mensagem é logo transmitida. Mas Alix não tira os olhos da personagem que se afasta. E, de repente...
Mas... Aquela pele bronzeada, aquele capacete... Não é Vitella!!!
Tenho de agir depressa... Onde está a reserva de água?... Ah, cá está...
Raivosamente, a golpes de espada, o miserável fura um após outro os odres da água.
Chegando à extremidade da coberta, Segabal entra no paiol e tranca a porta atrás de si...
De repente, braços ágeis agarram-no e quase o estrangulam...
O bandido consegue soltar-se, precipitando-se sobre o seu assaltante, mas este fá-lo tropeçar...
Nesse mesmo instante, a porta, que os homens tentam há algum tempo arrombar, cede...
Pelos deuses! A ÁGUA! Ah, o patife!
Onde está ele? Rende-te, canalha!
Um dos romanos ergue o arco e, apesar dos gritos de Alix, lança uma flecha...
Pára, pára!...
AAAH!


Atingido no pescoço, Segabal cai aos pés do seu adversário, que treme de terror...
Depois, este último, vendo Alix, lança-se-lhe nos braços.
Enak! Que fazes aqui?
Ele queria matar-me! Tive tanto medo!
Transportam o moribundo para a cabina, onde o médico tenta reanimá-lo. De repente...
Acabou-se... Fiz o que pude, mas a ferida era muito grave... Ouvi-o murmurar: «A terceira... a maior»... com certeza delirava...
Provavelmente.
Envolto numa mortalha, o corpo de Segabal é lançado à água.
O resultado de tudo isto é termos perdido o guia e grande parte da água potável... Não é nada encorajador...
Vai falar à tripulação, Vitella, e tenta reconfortá-los... Quanto a mim, tenho duas palavras a dizer a este fedelho!
Compreendo, Alix.
Queres fazer o favor de me explicar o que fazias no paiol?
É simples: como não querias trazer-me contigo escondi-me debaixo das velas. No paiol encontrei água e comida...
Não compreendes os perigos desta expedição? És tão jovem!... Enfim, seja: Perdoo-te. Graças à tua presença no paiol conseguimos salvar metade da nossa provisão de água! És um rapazinho valente...
E, entretanto, Flavius continua a procurar-te em Cartago.
Não queria deixar-te, Alix, e era o único meio de vir contigo...
Os dias passam. O calor tornou-se tórrido. O Sol bate a pique no oceano. A tripulação está desmoralizada.
Que miséria! Todos os dias nos desviamos várias léguas que só a custo os nossos remadores conseguem compensar à noite...
Com efeito, o navio só avança de noite, guiando-se pelas estrelas. Os homens remam com dificuldade, atormentados pela sede. E, apesar das restrições, a reserva de água esgota-se dramaticamente.
O calor é cada vez mais sufocante. Só os homens de vigia estão atentos, enquanto a tripulação, esgotada descansa...
Começa a ser insuportável!
Devíamos regressar... A água que temos daria até às «colunas de Hércules»!
Mas o que é aquilo?... Olha, no horizonte...


Uma linha de nuvens negras acaba de surgir. Dirige-se para o navio a uma velocidade vertiginosa. O mar agita-se bruscamente, o céu encobre-se.
Os homens, que jaziam no chão, esgotados com o calor, levantam-se...
Alerta! Passa-se qualquer coisa!
Mas a fúria e a força do furacão obrigam os marinheiros a procurar refúgio no interior do navio. Infelizmente, nem todos têm tempo de se abrigar...
O oceano enche-se de vagas gigantescas que parecem esmagar o infortunado navio.
As ordens propagam-se...
UM CICLONE! Tapem depressa os orifícios!
Os homens tapam os postigos por onde passam os remos. Colocam tabiques a fechar o porão...
...na coberta outros tentam esticar as cordas.
Trombas de água caem na coberta, arrastando tudo o que encontram...
...e engolindo alguns marinheiros.
De repente, uma tromba de água gigantesca avança para o navio...
...e abate-se sobre a porta da cabine traseira, que cai em pedaços...
Arrastado pelo turbilhão, o navio estala por todos os lados. O mastro, as velas, tabiques inteiros são arrancados...
O furacão arrasta o navio a uma velocidade louca...
Agarra a minha mão, Enak!... ENAK!
De novo, uma vaga enorme abate-se sobre a ponte. Esmaga a cabina e abre uma brecha na proa. Segundos depois, um dos sobreviventes grita horrorizado...
Olhem!... Desta vez é o fim!


Transportado pelo furacão com uma força inaudita, o navio avança para os rochedos escarpados.
Alix e Vitella, ocupados a socorrer Enak, não vêem o terrível perigo que os ameaça...
Vamos, sobe!
Agarrando-se uns aos outros, tentam alcançar a proa do navio...
Se conseguirmos chegar à torre...
Felizmente, o ciclone desvia-se subitamente. Arrasta o barco para longe dos rochedos e lança-o no meio de uma floresta de palmeiras meio submersas.
Durante uns momentos, o navio avança por entre as árvores que se torcem...
Subitamente, um choque mais violento atira os nossos amigos de encontro à torre...
...depois o navio imobiliza-se.
Olha! Paramos!
Com efeito, a trirreme ficou presa entre palmeiras. O vento e as vagas já não conseguem movê-la.
Onde diabo estamos nós?...
Durante horas, o navio continua entalado na sua prisão vegetal. Depois o ciclone abranda. As ondas acalmam-se pouco a pouco, mostrando enormes estragos... Por fim surge o dia, numa paisagem simultaneamente grandiosa e desoladora, parecendo desabitada.
Contudo, no alto de um rochedo, uma silhueta imóvel, parece olhar fixamente um ponto na floresta devastada. Os nossos amigos não podem ver essa personagem. Aliás, eles têm fome e frio. A sua primeira preocupação é procurar alimentos e abrigo...
Os sobreviventes repartiram-se em quatro grupos: alguns ficam junto do navio com Vitella; outros fazem um reconhecimento.
Alix e Enak ouvem o ruído de uma queda de água e levam odres.
De repente, Enak pára e grita...
ALIX!
Alix volta-se... Mas é demasiado tarde! A fera ataca...

Com um reflexo rápido, Alix atira-se ao chão, evitando o choque. Apenas uma das patas da fera o atinge, mas as garras deslizam na armadura...

Levanta-se imediatamente e estende o odre à sua frente para se proteger de um novo ataque do leopardo.

Mas, no momento em que o animal, com um movimento brusco, salta para Alix, um projéctil atinge-o no pescoço...

... e, perante o olhar estupefacto de Alix, o animal precipita-se na torrente...

Enak precipita-se para Alix, e ambos avistam uma silhueta alta...

Um selvagem! Não tem ar amistoso!

O desconhecido aproxima-se com o arco retesado. Alix avança para agradecer, mas detém-se ao ver a expressão do homem...

Que quererá?

De flecha apontada, o selvagem aponta uma direcção e faz sinal para avançarem.

Anda, Enak... Nada mais podemos fazer...

Durante muito tempo, o pequeno grupo avança, atravessando regiões agrestes, contornando gargantas a pique...

Finalmente, chegam a uma encosta abrupta, que descem em fila indiana...

...e chegam a uma passagem estreita entre os rochedos.

Onde nos levará?

Bruscamente, o corredor alarga-se, conduzindo a uma enorme gruta, ricamente decorada, no fundo da qual vêem um personagem majestoso...

Alix repara atentamente nos motivos que decoram o dossel do trono...

Esta agora!... Olha, Enak...

Chegado junto do misterioso personagem, Alix solta uma exclamação de surpresa...

É espantoso!...

Entretanto, Vitella inquieta-se. Já há muito tempo que todos se reuniram. Só faltam Alix e Enak...

ALIX!... ENAK!...

Deve ter-lhes acontecido alguma coisa...

Chiu! Escutem!... Não ouvem nada?

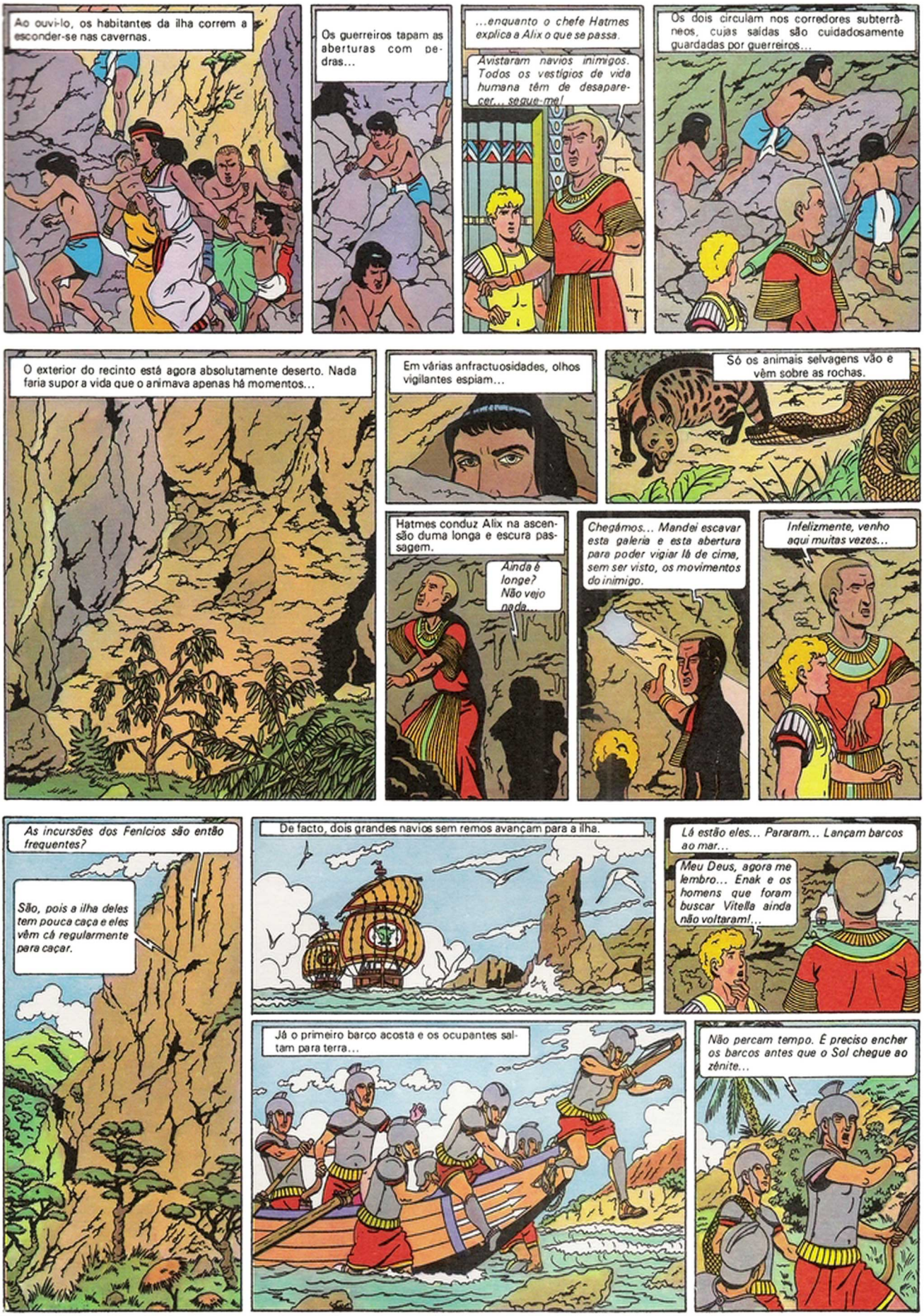
Parece alguém a andar... ou animais selvagens. Depressa, regressemos ao navio. Lá nos defenderemos...
Os dois homens apressam-se. Pouco habituados a andar na selva não demoram a ser apanhados.
Eh! Vitella! Esperem... Venho com amigos egípcios. Alix mandou-me procurar-vos!
Egípcios! Aqui?!... Impossível!... E porque é que Alix não veio?
Porque está a falar com o chefe deles... Acompanhem-nos sem receio, esta gente não nos quer nenhum mal... E garanto-vos que são autênticos egípcios: falam a minha língua.
Efectivamente, os nossos amigos foram parar a uma ilha do Atlântico onde vive um povo de descendência egípcia, que conservou os costumes e as tradições dos seus antepassados... Depois de ter interrogado demoradamente Alix, o monarca, convencido das boas intenções dos náufragos, faz as honras do seu reino ao nosso amigo...

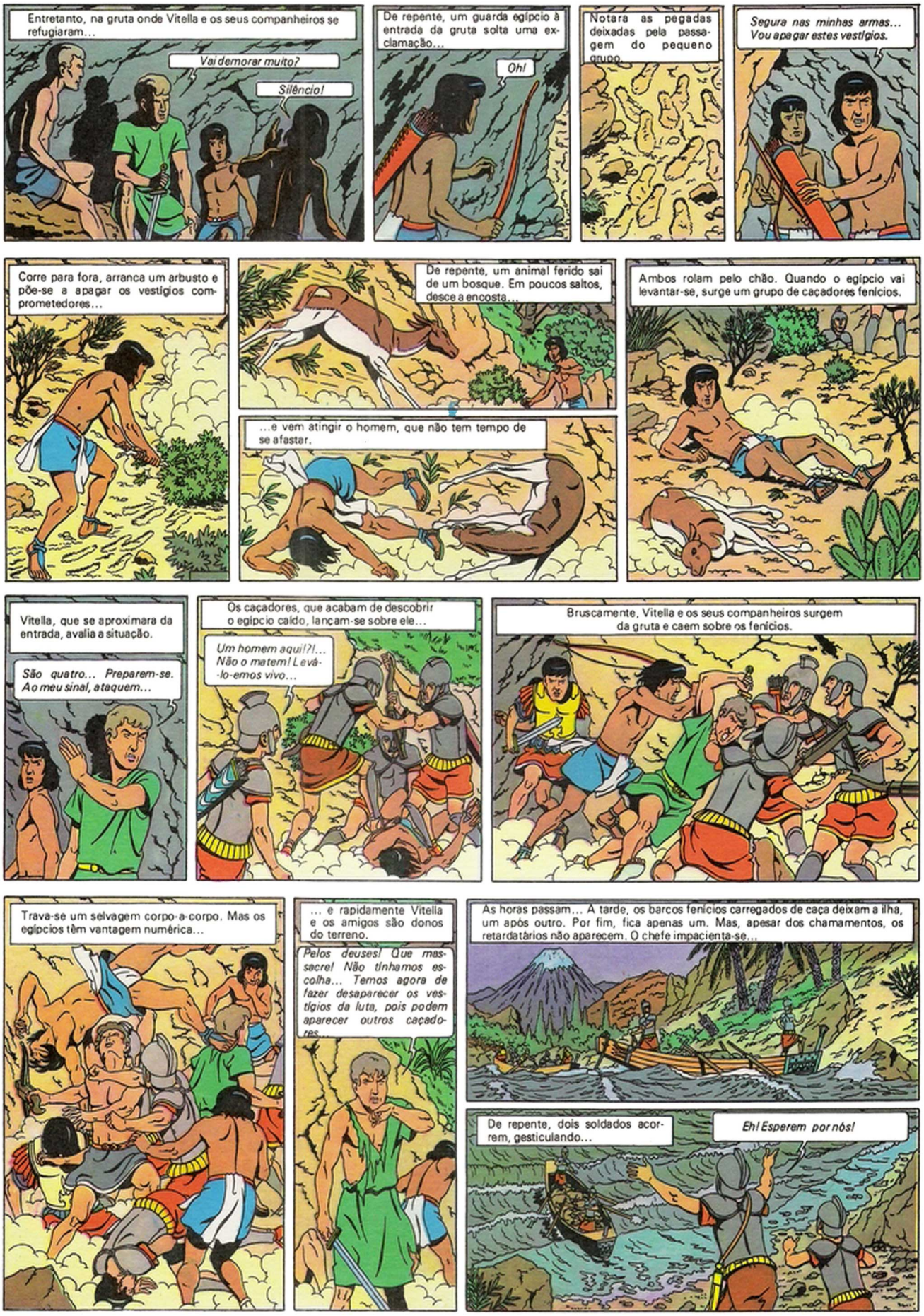
Sim, compreendo!... Não esperavam encontrar egípcios estabelecidos numa ilha do Atlântico, a milhares de léguas de Alexandria. Foi a migração dos povos para ocidente que nos conduziu até aqui, e esta ilha é apenas um marco da rota que vai da Índia ao «Grande Continente dos Mares»(1)...
Mas como é que os vossos antepassados chegaram a esta ilha? A sua ciência era grande, mas a marinha...
A migração não se fez de uma só vez...
Durante vários séculos, os Egípcios foram os concorrentes e os inimigos dos Fenícios. Hábeis comerciantes, excelentes marinheiros, estes últimos dominaram o Mediterrâneo e as suas costas, enquanto nós ocupávamos o interior da África, e fomos detidos na conquista do Atlântico, neste mesmo arquipélago...
Chegam subitamente a um recinto rochoso de paredes altas e abruptas...
Esse foi e é ainda o nosso drama... Vê o que resta do nosso povo outrora tão poderoso: poucos, obrigados a viver metidos em grutas e sempre em estado de alerta...

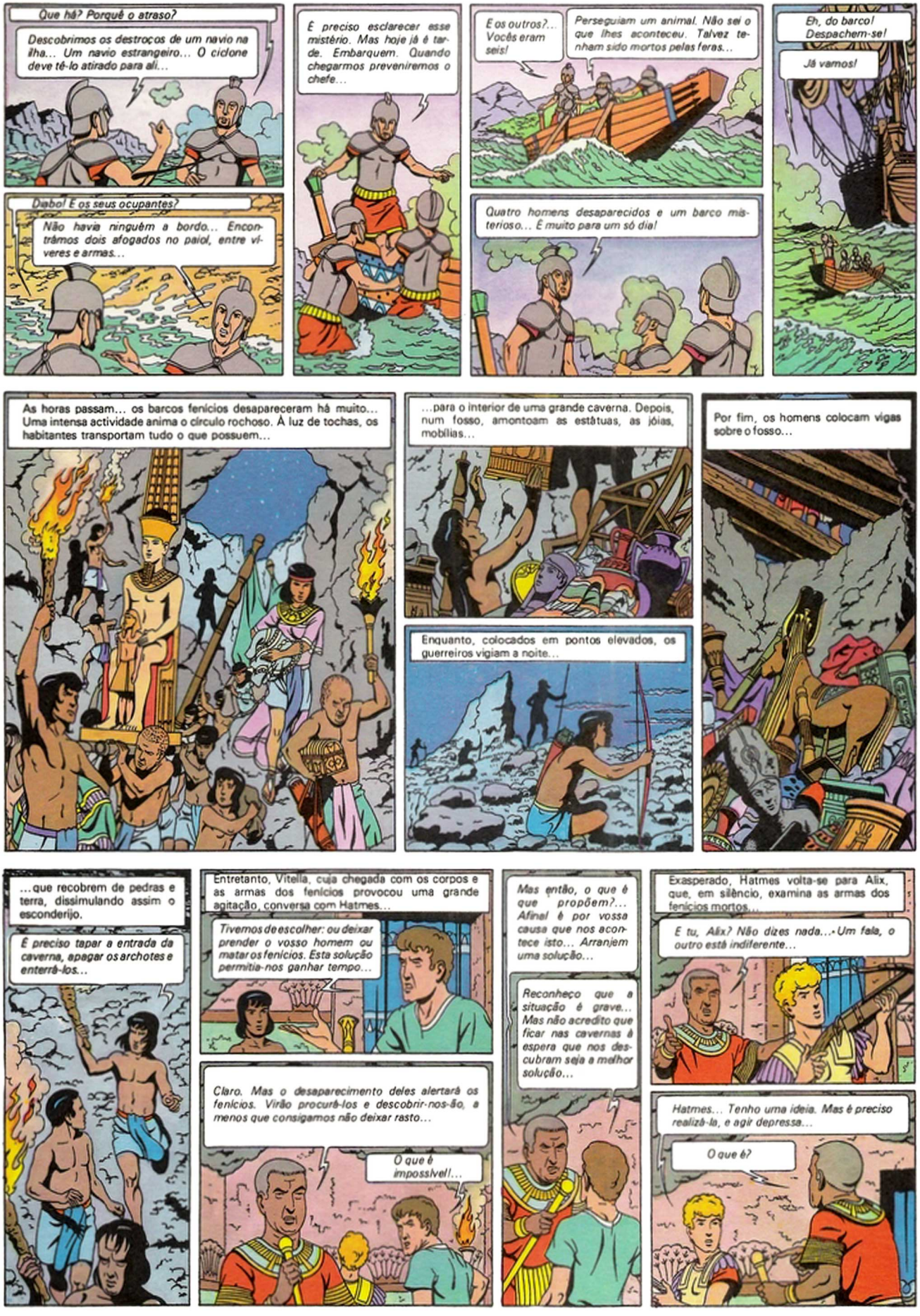
Aproximando-se de uma abertura talhada na rocha, o rei faz um sinal a Alix...
Entra. Este é o meu palácio, não muito confortável...
No interior, as mulheres riem ao verem Alix...
Perdoa-lhes. Nunca viram um homem louro como tu...
Mas porque viveis em contínua ansiedade? Porque vos escondeis em grutas?
Por causa dos Fenícios... Há muito tempo, os Egípcios e os Fenícios desembarcaram ao mesmo tempo neste arquipélago. Desencadeou-se uma luta encarniçada. Mais comerciantes do que guerreiros, os Fenícios estavam a perder, quando surgiu o «Homem Negro»...
O «Homem Negro»?!
Sim. Um homem vestido de negro, acompanhado por um grupo de magos. Subjugou os Fenícios, estabeleceu-se com eles na maior ilha do arquipélago, fortificou-a... Depois utilizando armas terríveis, destruiu uma a uma as instalações egípcias...
A nossa florescente cidade foi arrasada, os seus habitantes exterminados. Apenas alguns conseguiram salvar-se, refugiando-se nestas grutas... Se os nossos inimigos soubessem que estamos aqui, viriam massacrar-nos até ao último de entre nós. É por isso que vivemos em sobressalto.
Espantoso!...

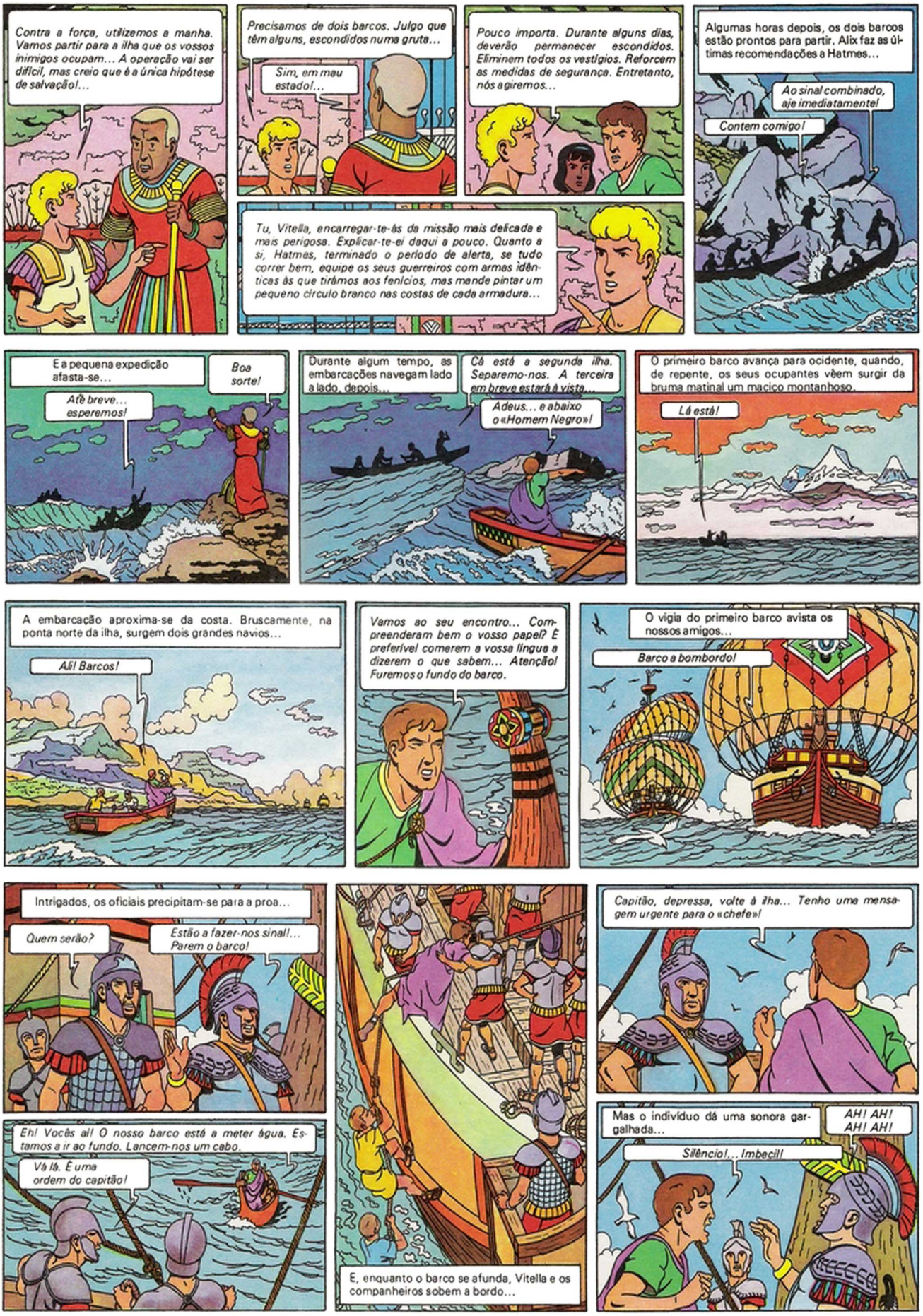
Entretanto, precedidos por Enak e por egípcios, os náufragos dirigem-se para as grutas.
Que curioso caminho tomam!... E porque teriam dissimulado os nossos destroços sob uma pilha de ramagem?...
De repente, o guia pára, preocupado...
Perigo! Depressa, entrem aqui...
Do alto dos rochedos, soa um grito de animal, perfeitamente imitado, repetido imediatamente por outra sentinela. E, de eco em eco, o misterioso sinal repete-se.

(1) A América.


Ao ouvi-lo, os habitantes da ilha correm a esconder-se nas cavernas.
Os guerreiros tapam as aberturas com pedras...
...enquanto o chefe Hatmes explica a Alix o que se passa.
Avistaram navios inimigos. Todos os vestígios de vida humana têm de desaparecer... segue-me!
Os dois circulam nos corredores subterrâneos, cujas saídas são cuidadosamente guardadas por guerreiros...
O exterior do recinto está agora absolutamente deserto. Nada faria supor a vida que o animava apenas há momentos...
Em várias anfractuosidades, olhos vigilantes espiam...
Só os animais selvagens vão e vêm sobre as rochas.
Hatmes conduz Alix na ascensão duma longa e escura passagem.
Ainda é longe? Não vejo nada...
Chegámos... Mandei escavar esta galeria e esta abertura para poder vigiar lá de cima, sem ser visto, os movimentos do inimigo.
Infelizmente, venho aqui muitas vezes...
As incursões dos Fenícios são então frequentes?
São, pois a ilha deles tem pouca caça e eles vêm cá regularmente para caçar.
De facto, dois grandes navios sem remos avançam para a ilha.
Lá estão eles... Pararam... Lançam barcos ao mar...
Meu Deus, agora me lembro... Enak e os homens que foram buscar Vitella ainda não voltaram!...
Já o primeiro barco acosta e os ocupantes saltam para terra...
Não percam tempo. É preciso encher os barcos antes que o Sol chegue ao zénite...


Entretanto, na gruta onde Vitella e os seus companheiros se refugiaram...
Vai demorar muito?
Silêncio!
De repente, um guarda egípcio à entrada da gruta solta uma exclamação...
Oh!
Notara as pegadas deixadas pela passagem do pequeno grupo.
Segura nas minhas armas... Vou apagar estes vestígios.
Corre para fora, arranca um arbusto e põe-se a apagar os vestígios comprometedores...
De repente, um animal ferido sai de um bosque. Em poucos saltos, desce a encosta...
...e vem atingir o homem, que não tem tempo de se afastar.
Ambos rolam pelo chão. Quando o egípcio vai levantar-se, surge um grupo de caçadores fenícios.
Vitella, que se aproximara da entrada, avalia a situação.
São quatro... Preparem-se. Ao meu sinal, ataquem...
Os caçadores, que acabam de descobrir o egípcio caído, lançam-se sobre ele...
Um homem aqui?!... Não o matem! Levá-lo-emos vivo...
Bruscamente, Vitella e os seus companheiros surgem da gruta e caem sobre os fenícios.
Trava-se um selvagem corpo-a-corpo. Mas os egípcios têm vantagem numérica...
... e rapidamente Vitella e os amigos são donos do terreno.
Pelos deuses! Que massacre! Não tínhamos escolha... Temos agora de fazer desaparecer os vestígios da luta, pois podem aparecer outros caçadores.
As horas passam... A tarde, os barcos fenícios carregados de caça deixam a ilha, um após outro. Por fim, fica apenas um. Mas, apesar dos chamamentos, os retardatários não aparecem. O chefe impacienta-se...
De repente, dois soldados acorrem, gesticulando...
Eh! Esperem por nós!


Que há? Porquê o atraso?
Descobrimos os destroços de um navio na ilha... Um navio estrangeiro... O ciclone deve tê-lo atirado para ali...
Diabo! E os seus ocupantes?
Não havia ninguém a bordo... Encontrámos dois afogados no paiol, entre víveres e armas...
É preciso esclarecer esse mistério. Mas hoje já é tarde. Embarquem. Quando chegarmos preveniremos o chefe...
E os outros?... Vocês eram seis!
Perseguiam um animal. Não sei o que lhes aconteceu. Talvez tenham sido mortos pelas feras...
Quatro homens desaparecidos e um barco misterioso... É muito para um só dia!
Eh, do barco! Despachem-se!
Já vamos!
As horas passam... os barcos fenícios desapareceram há muito... Uma intensa actividade anima o círculo rochoso. À luz de tochas, os habitantes transportam tudo o que possuem...
...para o interior de uma grande caverna. Depois, num fosso, amontoam as estátuas, as jóias, mobílias...
Enquanto, colocados em pontos elevados, os guerreiros vigiam a noite...
Por fim, os homens colocam vigas sobre o fosso...
...que recobrem de pedras e terra, dissimulando assim o esconderijo.
É preciso tapar a entrada da caverna, apagar os archotes e enterrá-los...
Entretanto, Vitella, cuja chegada com os corpos e as armas dos fenícios provocou uma grande agitação, conversa com Hatmes...
Tivemos de escolher: ou deixar prender o vosso homem ou matar os fenícios. Esta solução permitia-nos ganhar tempo...
Claro. Mas o desaparecimento deles alertará os fenícios. Virão procurá-los e descobrir-nos-ão, a menos que consigamos não deixar rasto...
O que é impossível!...
Mas então, o que é que propõem?... Afinal é por vossa causa que nos acontece isto... Arranjem uma solução...
Reconheço que a situação é grave... Mas não acredito que ficar nas cavernas à espera que nos descubram seja a melhor solução...
Exasperado, Hatmes volta-se para Alix, que, em silêncio, examina as armas dos fenícios mortos...
E tu, Alix? Não dizes nada...• Um fala, o outro está indiferente...
Hatmes... Tenho uma ideia. Mas é preciso realizá-la, e agir depressa...
O que é?


Contra a força, utilizemos a manha. Vamos partir para a ilha que os vossos inimigos ocupam... A operação vai ser difícil, mas creio que é a única hipótese de salvação!...
Precisamos de dois barcos. Julgo que têm alguns, escondidos numa gruta...
Sim, em mau estado!...
Pouco importa. Durante alguns dias, deverão permanecer escondidos. Eliminem todos os vestígios. Reforcem as medidas de segurança. Entretanto, nós agiremos...
Tu, Vitella, encarregar-te-ás da missão mais delicada e mais perigosa. Explicar-te-ei daqui a pouco. Quanto a si, Hatmes, terminado o período de alerta, se tudo correr bem, equipe os seus guerreiros com armas idênticas às que tirámos aos fenícios, mas mande pintar um pequeno círculo branco nas costas de cada armadura...
Algumas horas depois, os dois barcos estão prontos para partir. Alix faz as últimas recomendações a Hatmes...
Ao sinal combinado, aje imediatamente!
Contem comigo!
E a pequena expedição afasta-se...
Até breve... esperemos!
Boa sorte!
Durante algum tempo, as embarcações navegam lado a lado, depois...
Cá está a segunda ilha. Separemo-nos. A terceira em breve estará à vista...
Adeus... e abaixo o «Homem Negro»!
O primeiro barco avança para ocidente, quando, de repente, os seus ocupantes vêem surgir da bruma matinal um macico montanhoso.
Lá está!
A embarcação aproxima-se da costa. Bruscamente, na ponta norte da ilha, surgem dois grandes navios...
Ali! Barcos!
Vamos ao seu encontro... Compreenderam bem o vosso papel? É preferível comerem a vossa língua a dizerem o que sabem... Atenção! Furemos o fundo do barco.
O vigia do primeiro barco avista os nossos amigos...
Barco a bombordo!
Intrigados, os oficiais precipitam-se para a proa...
Quem serão?
Estão a fazer-nos sinal!... Parem o barco!
Eh! Vocês aí! O nosso barco está a meter água. Estamos a ir ao fundo. Lancem-nos um cabo.
Vá lá. É uma ordem do capitão!
E, enquanto o barco se afunda, Vitella e os companheiros sobem a bordo...
Capitão, depressa, volte à ilha... Tenho uma mensagem urgente para o «chefe»!
Mas o indivíduo dá uma sonora gargalhada...
AH! AH! AH! AH!
Silêncio!... Imbecil!

Como? Ousas insultar-me... Vais pagar-me, cão!

Acalma-te. A minha missão é urgente e arriscas a cabeça se não obedeceres imediatamente.

Mas não, se vê o «Chefe» assim... E não me disseram nada...

Eu sei. Cheguei mais cedo do que esperavam. Mas não é razão para falhar, tão perto do objectivo, por causa da teimosia de um subordinado...

Desconcertado com o aprumo de Vitella, o capitão toma-o por um dignitário secreto e retira-se para dar ordens...

Vamos, despachem-se!

A decisão de inverter a marcha é transmitida ao segundo barco e os dois manobram para regressar à ilha. Contudo, o fumo que parece sair da popa e as vibrações que os sacodem não deixam de intrigar os nossos amigos...

A primeira cartada está ganha! Mas não percamos tempo, temos muito a aprender aqui...

Vejamos primeiro o sítio de onde sai este fumo...

É que... Não posso...

Vamos, capitão, reconciliemo-nos. Só temos a ganhar em nos entendermos e simpatizo contigo... Mostra-nos o teu navio.

Mas foi o próprio chefe que me encarregou de uma missão de inspecção.

O grupo desce à entrecoberta, onde funcionam máquinas estranhas...

Isto aqui é a máquina de produção do movimento. Durante anos, os nossos físicos aperfeiçoaram os trabalhos do sábio Arquimedes até conseguirem construir este mecanismo que utiliza o vapor da água...

Sim, sim, claro!...

Graças a ele, os nossos navios andam mais depressa. Aliás, as nossas invenções dão-nos um avanço considerável sobre os outros povos e é por isso que queremos dominá-los... O vapor entra nestes cilindros e exerce uma pressão que acciona estes eixos...

E isto funciona exactamente de que modo?

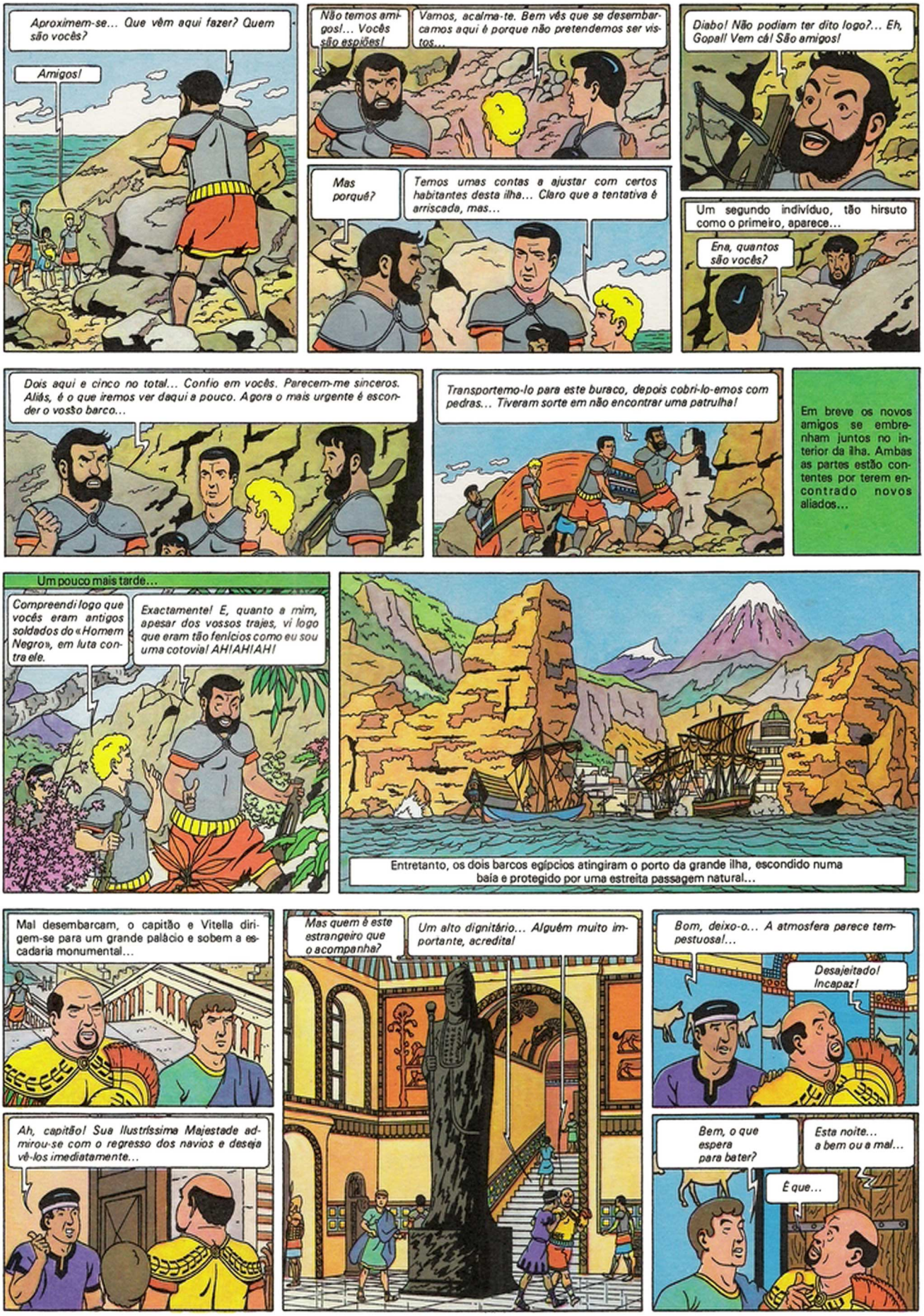
Olhem por esta escotilha. Uma hélice fixada na ponta deste eixo, faz avançar o barco. Ao girar, ela provoca esta esteira... Interessante, não é?

Entretanto, na outra extremidade da grande ilha, o barco de Alix aproxima-se prudentemente da costa...

Esta enseada parece deserta... Enak, encarrega-te dos víveres. Curius tratará de esconder o barco...

Mas, mal põe o pé em terra, ouve-se uma voz...

Alto!


Aproximem-se... Que vêm aqui fazer? Quem são vocês?
Amigos!
Não temos amigos!... Vocês são espiões!
Vamos, acalma-te. Bem vês que se desembarcamos aqui é porque não pretendemos ser vistos...
Diabo! Não podiam ter dito logo?... Eh, Gopal! Vem cá! São amigos!
Mas porquê?
Temos umas contas a ajustar com certos habitantes desta ilha... Claro que a tentativa é arriscada, mas...
Um segundo indivíduo, tão hirsuto como o primeiro, aparece...
Ena, quantos são vocês?
Dois aqui e cinco no total... Confio em vocês. Parecem-me sinceros. Aliás, é o que iremos ver daqui a pouco. Agora o mais urgente é esconder o vosso barco...
Transportemo-lo para este buraco, depois cobri-lo-emos com pedras... Tiveram sorte em não encontrar uma patrulha!
Em breve os novos amigos se embrenham juntos no interior da ilha. Ambas as partes estão contentes por terem encontrado novos aliados...
Um pouco mais tarde...
Compreendi logo que vocês eram antigos soldados do «Homem Negro», em luta contra ele.
Exactamente! E, quanto a mim, apesar dos vossos trajes, vi logo que eram tão fenícios como eu sou uma cotovia! AH!AH!AH!
Entretanto, os dois barcos egípcios atingiram o porto da grande ilha, escondido numa baía e protegido por uma estreita passagem natural...
Mal desembarcam, o capitão e Vitella dirigem-se para um grande palácio e sobem a escadaria monumental...
Mas quem é este estrangeiro que o acompanha?
Um alto dignitário... Alguém muito importante, acredita!
Bom, deixo-o... A atmosfera parece tempestuosa!...
Desajeitado! Incapaz!
Ah, capitão! Sua Ilustríssima Majestade admirou-se com o regresso dos navios e deseja vê-los imediatamente...
Bem, o que espera para bater?
Esta noite... a bem ou a mal...
É que...

Nesse momento a porta abre-se. Imediatamente uma voz interpela o capitão...

Ah, és tu, Mílio! Entra!

Preocupado, o capitão avança, seguido por Vitella.

De pé, no extremo da sala, Arbacés examina com espanto o companheiro de Mílio.

Quem o autorizou a entrar aqui? Sabe que arrisca a cabeça por infringir as minhas ordens? Eh, guarda...

Mas a frase é interrompida pela entrada de uma estranha personagem.

Um momento!

É Sua Ilustríssima Majestade, Sardo, o «Homem Negro», que acaba de surgir...

Exige que lhe expliquem o regresso inopinado e Vitella conta-lhe o naufrágio do seu navio, sem mencionar Alix nem o objectivo da sua viagem, evidentemente.

...Foram os destroços do nosso navio que os vossos soldados encontraram. Infelizmente quatro dos vossos homens atacaram-nos. Tivemos de combater, o que reduziu ainda mais o número dos nossos sobreviventes. Esta manhã, decidimos procurar a vossa ilha...

Mas por que razão fizeram esta viagem? Quem vos revelou a existência e o caminho da ilha?

Não receeis que ninguém sabe da existência desta ilha, à excepção dalguns homens que me são dedicados. Os incidentes provocados pelos vossos homens em Cartago, originaram um relatório que, felizmente, caiu em boas mãos.

Hum... Falemos a sós, isto só diz respeito a mim...

Esse relatório destinava-se ao Senado romano. Mas uma alta personagem conseguiu interceptá-lo e compreendeu imediatamente todo o interesse destas experiências. Enviou-me aqui em segredo para tentar conhecer os vossos projectos e, eventualmente, ajudar-vos...

Isso poderia acelerar bastante a realização dos meus planos... Arbacés, ocupa-te do nosso amigo e dá-lhe tudo o que ele precisar. Tu, Mílio, fizeste bem. Os teus navios podem ficar no cais, pois o mistério da ilha já está esclarecido.

Entretanto, Alix e os seus companheiros pararam num lugar selvagem, junto de uma fonte de água quente...

Esquisito como esta água ferve!...

Sim e, por vezes, quando a terra treme, ela sobe em jactos da altura de vários homens...

Ah! Sim?!

Mas não é tudo. Passam-se coisas inquietantes no interior da terra. Ronca e treme como que excitada pela cólera dos deuses infernais...

É além, vês aquela montanha? É Moloch. Por vezes, deita fumo e diabos de fogo dançam lá, de noite...

Ah! Ah! Ah! Diabos de fogo! Gostava de ver isso! Meu pobre amigo... Mas afinal, como te chamas?

Ah! Desgraça! Maldição! Pergunta como me chamo! Misericórdia!

Chamo-me APOLO!... Está a ver? APOLO! O nome do deus da beleza! Que ironia! Que tristeza!

Tem calma! Isso não é uma tragédia!

É verdade, tens razão, Alix... Olha, Gopal e um dos teus encontraram os nossos irmãos de armas...

Aproximem-se, meus amigos, que eu apresento-vos! Kamar, Tibon e Sabir, três famosos valentões, corajosos e batalhadores, não muito maus e abundantemente barbudos.

Bom. E agora que estamos todos, Alix, o nosso novo amigo, vai expor-nos o objectivo da sua viagem até aqui. Depois faremos um plano de acção...

O dia passa. Na manhã seguinte, nos apartamentos do palácio de Sardo...

Bom dia, caro amigo! Está a acabar de comer? Perfeito... Vamos começar o nosso passeio imediatamente...

Com todo o prazer, Arbacés... Mas antes explique-me o que é esta estranha matéria transparente que protege as janelas...

É «vidro»... Uma antiga descoberta egípcia que aperfeiçoámos... Sim! Os nossos sábios e os nossos operários conseguiram resultados notáveis...

...e isto não é nada, comparado com as invenções mais recentes! Já vais ver que avanço fantástico temos sobre os povos, mesmo os mais evoluídos... Siga-me, este dia será para si inesquecível!

Um pouco mais tarde...

Aqui estão as forjas... Aqui podemos fundir, filtrar e moldar grandes quantidades de metais diferentes, graças a processos que aperfeiçoamos constantemente. Os laboratórios e as oficinas trabalham dia e noite...

Aqui é a sala onde estão reunidos todos os materiais necessários. Impressionante, não é? E aposto que Júlio César ficará muito admirado quando lhe descrever tudo o que viu...

Sem dúvida... Se César for o chefe que sirvo...

Claro... Olhe, estamos na oficina onde se trabalha o vidro. Depois de seca e solidificada, a matéria que lhe serve de base é polida e lustrada... Ao fundo montam esses famosos espelhos solares, que tanto assustaram os cartagineses: uma descoberta do genial Arquimedes...

Aqui é a fabricação de instrumentos de forma helicoidal: molas, hélices, etc.... Outras descobertas, que adoptámos...

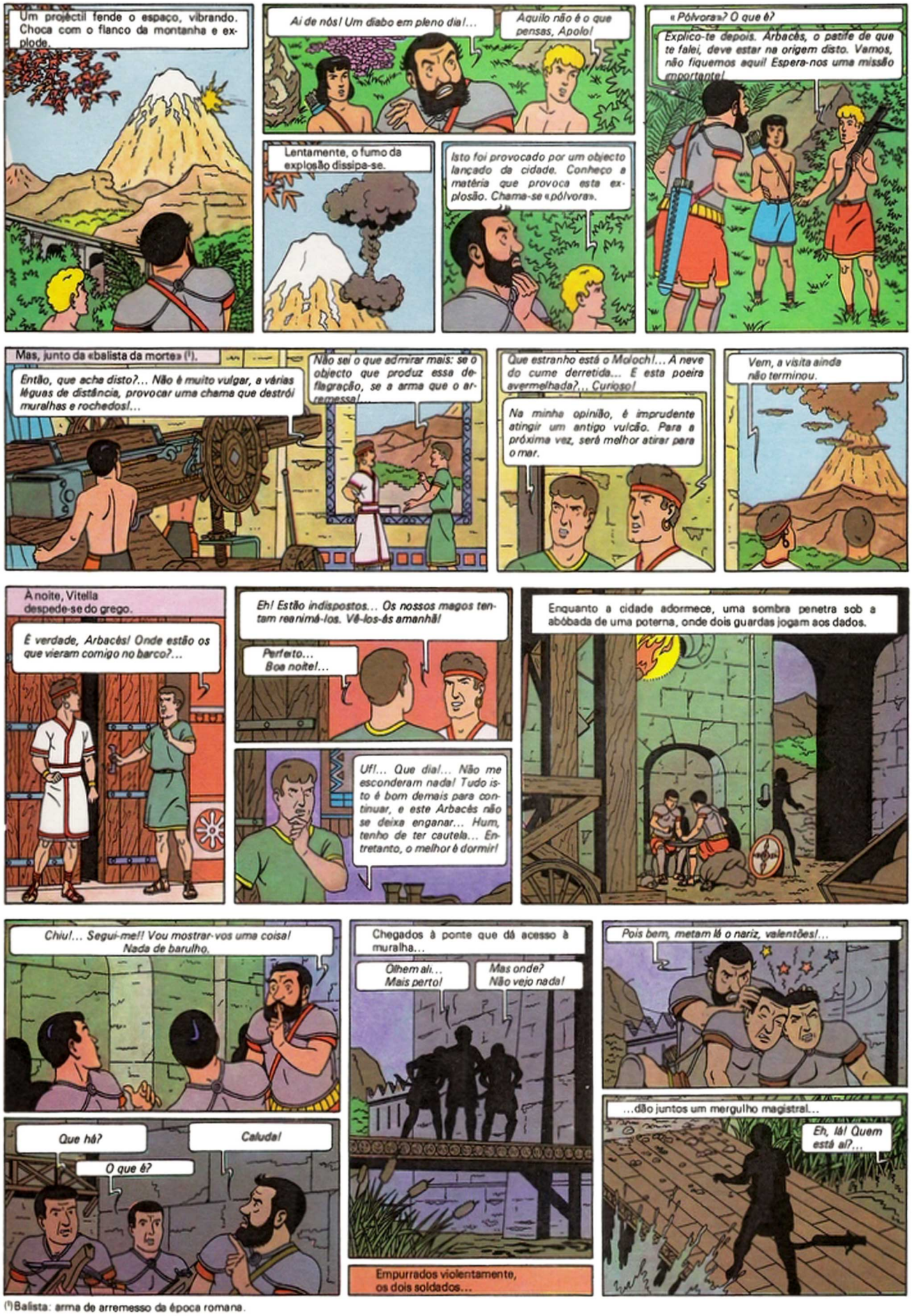
Finalmente, aqui tem uma máquina espantosa: «a balista de morte». Semeia a morte e a destruição a léguas de distância... Aliás, vai poder verificá-lo...

Nesse mesmo instante...

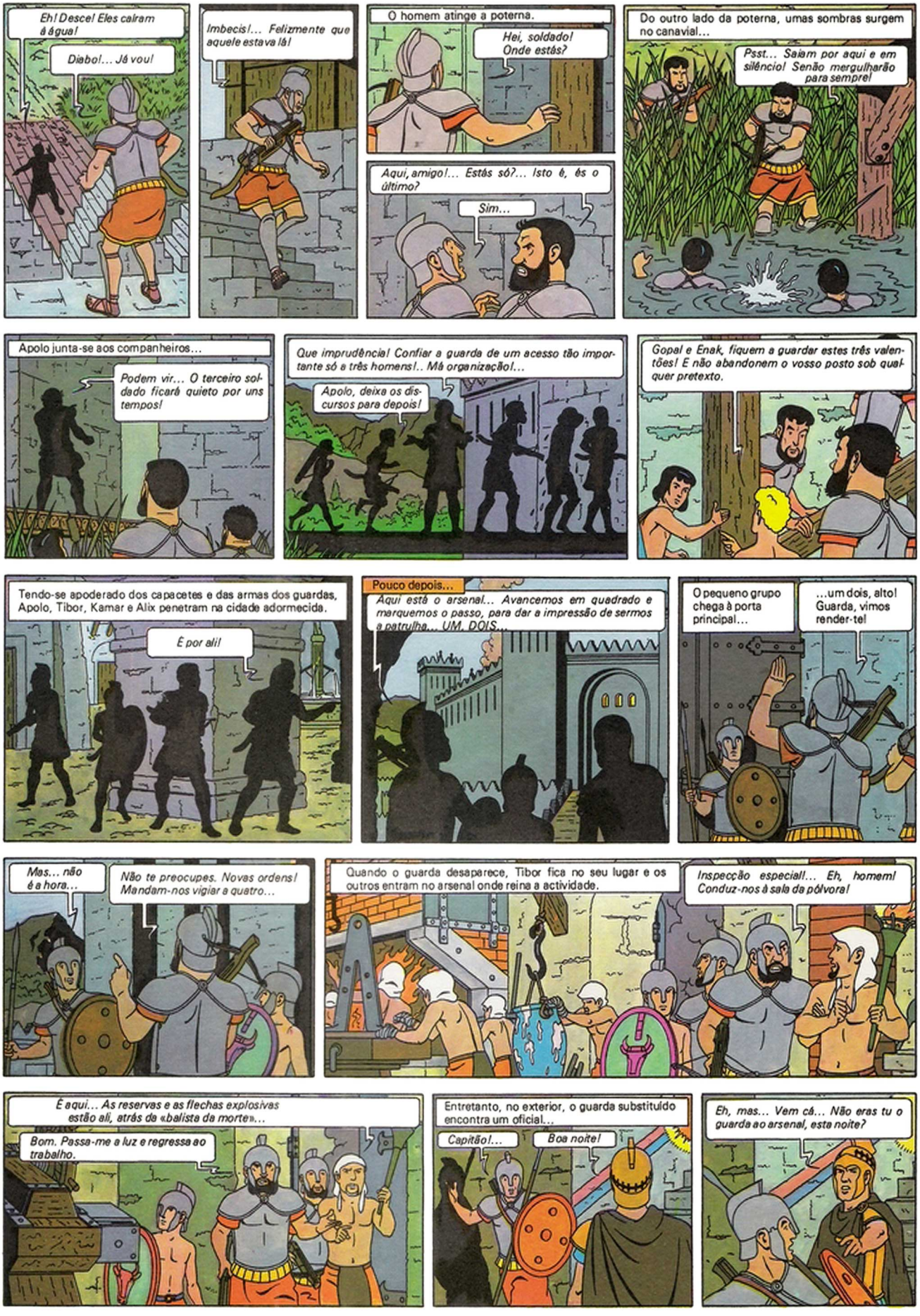
É aquele o viaduto de que falei. Está bem guardado, como vês...

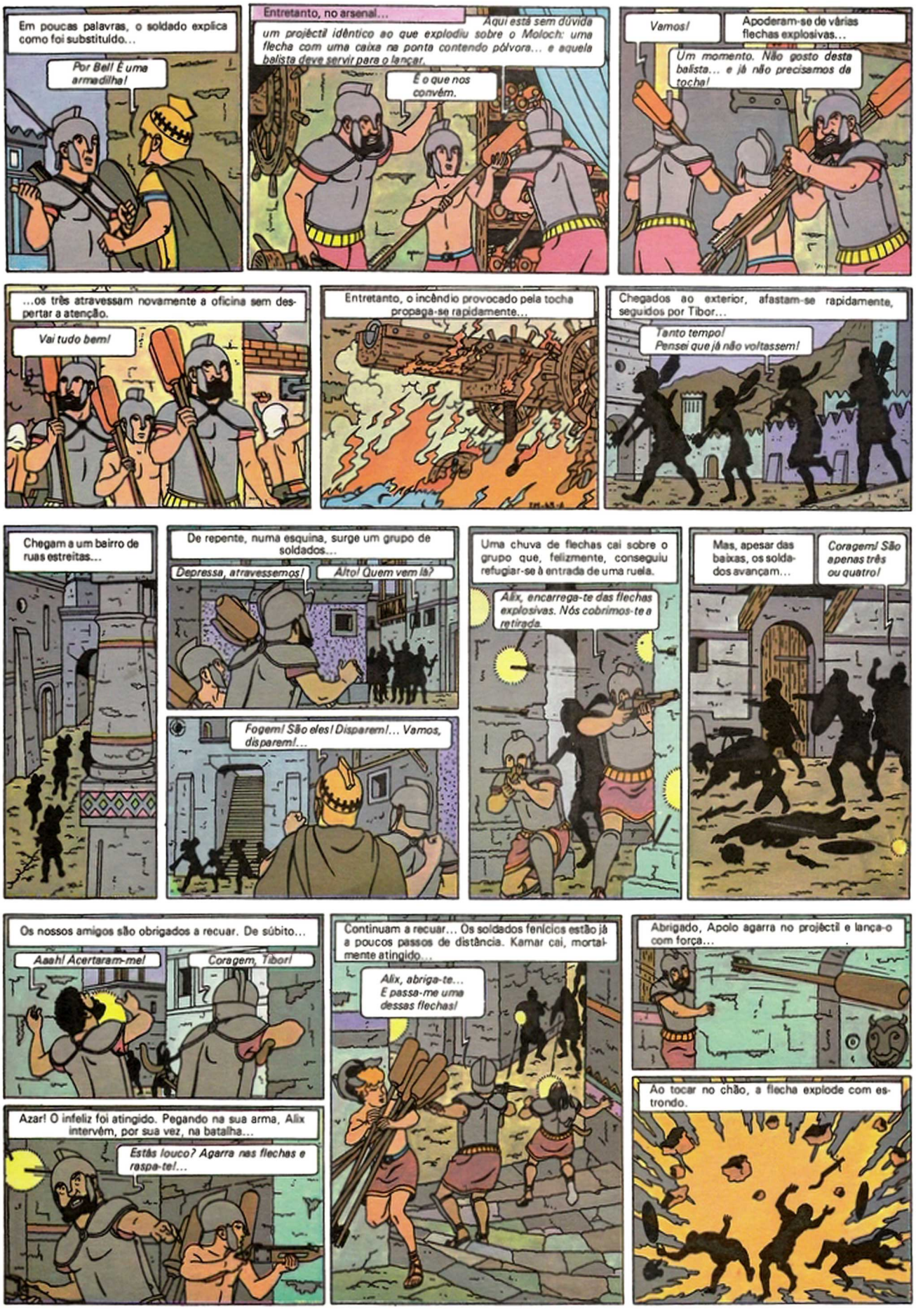
Mas, de repente ouve-se um ruído insólito...

O MOLOCH!



(1) Balista: arma de arremesso da época romana.


Eh! Desce! Eles caíram à água!
Diabo!... Já vou!
Imbecis!... Felizmente que aquele estava lá!
O homem atinge a poterna.
Hei, soldado! Onde estás?
Aqui, amigo!... Estás só?... Isto é, és o último?
Sim...
Do outro lado da poterna, umas sombras surgem no canavial...
Psst... Saiam por aqui e em silêncio! Senão mergulharão para sempre!
Apolo junta-se aos companheiros...
Podem vir... O terceiro soldado ficará quieto por uns tempos!
Que imprudência! Confiar a guarda de um acesso tão importante só a três homens!.. Má organização!...
Apolo, deixa os discursos para depois!
Gopal e Enak, fiquem a guardar estes três valentões! E não abandonem o vosso posto sob qualquer pretexto.
Tendo-se apoderado dos capacetes e das armas dos guardas, Apolo, Tibor, Kamar e Alix penetram na cidade adormecida.
É por ali!
Pouco depois...
Aqui está o arsenal... Avancemos em quadrado e marquemos o passo, para dar a impressão de sermos a patrulha... UM, DOIS...
O pequeno grupo chega à porta principal...
...um dois, alto! Guarda, vimos render-te!
Mas... não é a hora...
Não te preocupes. Novas ordens! Mandam-nos vigiar a quatro...
Quando o guarda desaparece, Tibor fica no seu lugar e os outros entram no arsenal onde reina a actividade.
Inspecção especial!... Eh, homem! Conduz-nos à sala da pólvora!
É aqui... As reservas e as flechas explosivas estão ali, atrás da «balista da morte»...
Bom. Passa-me a luz e regressa ao trabalho.
Entretanto, no exterior, o guarda substituído encontra um oficial...
Capitão!...
Boa noite!
Eh, mas... Vem cá... Não eras tu o guarda ao arsenal, esta noite?


Em poucas palavras, o soldado explica como foi substituído...
Por Bel! É uma armadilha!
Entretanto, no arsenal...
Aqui está sem dúvida um projéctil idêntico ao que explodiu sobre o Moloch: uma flecha com uma caixa na ponta contendo pólvora... e aquela balista deve servir para o lançar.
É o que nos convém.
Vamos!
Apoderam-se de várias flechas explosivas...
Um momento. Não gosto desta balista... e já não precisamos de tocha!
...os três atravessam novamente a oficina sem despertar a atenção.
Vai tudo bem!
Entretanto, o incêndio provocado pela tocha propaga-se rapidamente...
Chegados ao exterior, afastam-se rapidamente, seguidos por Tibor...
Tanto tempo! Pensei que já não voltassem!
Chegam a um bairro de ruas estreitas...
De repente, numa esquina, surge um grupo de soldados...
Depressa, atravessemos!
Alto! Quem vem lá?
Fogem! São eles! Disparem!... Vamos, disparem!...
Uma chuva de flechas cai sobre o grupo que, felizmente, conseguiu refugiar-se à entrada de uma ruela.
Alix, encarrega-te das flechas explosivas. Nós cobrimos-te a retirada.
Mas, apesar das baixas, os soldados avançam...
Coragem! São apenas três ou quatro!
Os nossos amigos são obrigados a recuar. De súbito...
Aaah! Acertaram-me!
Coragem, Tibor!
Azar! O infeliz foi atingido. Pegando na sua arma, Alix intervém, por sua vez, na batalha...
Estás louco? Agarra nas flechas e raspa-te!...
Continuam a recuar... Os soldados fenícios estão já a poucos passos de distância. Kamar cai, mortalmente atingido...
Alix, abriga-te... E passa-me uma dessas flechas!
Abrigado, Apolo agarra no projéctil e lança-o com força...
Ao tocar no chão, a flecha explode com estrondo.

Aproveitando a confusão, Alix e Apolo fogem. Acordados, os cidadãos saem para as ruas.

Que se passa?

É lá em baixo... Vão ver!

O oficial, que se protegeu e não foi atingido, surge no outro extremo da rua...

Eh! Agarrem esses dois homens!...

Entretanto, no arsenal, o incêndio tomou proporções inquietantes. Os homens precipitam-se, empurrando-se para as saídas...

Mal o último operário sai, ressoa um enorme estrondo.

A reserva de pólvora acaba de explodir. Clarões vermelhos iluminam o céu. O incêndio propaga-se...

Entretanto, perseguidos pela multidão, Apolo e Alix, chegam finalmente à poterna...

GOPAL! ENAK! Depressa!

Gopal e Enak lançam-se atrás deles, sob uma chuva de projécteis...

...que os fenícios lançam duma muralha das fortificações.

De repente, Enak é atingido na cabeça... e cai.

Gopal volta atrás para o ajudar. Infelizmente, é demasiado tarde... Alguns perseguidores põem-no fora de combate.

Alix e Apolo, que continuam a correr, estão agora fora da cidade, a uma certa distância das muralhas...

Meu Deus! Enak e Gopal não vêm atrás de nós!

Olha os fenícios... Depressa! Esconde-te atrás daquela pedra!

Apolo lança uma flecha explosiva e atira-se ao chão...

O projéctil atinge a ponte, que voa em pedaços.

Por agora, já não podem seguir-nos... Afastemo-nos!

Meu pobre Enak!

Com a morte na alma, os dois homens afastam-se... Terá escapado mais alguém?

De madrugada, reina enorme excitação na cidade. No palácio de Sardo, um grupo pára diante de uma porta. Esta abre-se e...

Vitella!

Arbacés! Esperava-te...

Sua Ilustríssima Majestade deu-me ordens para revistar o palácio sala por sala. Lamento ter de incomodá-lo.

Pensei que traziam notícias dos meus companheiros...

Também vinha falar deles!... Sangar, continua a revista. Eu ocupo-me do nosso amigo...

Que aconteceu esta noite? Que explosões foram aquelas?

Nada de grave!... Mas tenho más notícias. Os seus companheiros morreram esta manhã, apesar do tratamento. Estou desolado, Vitella! Compreendo o seu desgosto! Quer vir recolher-se diante dos seus corpos? Nesse caso, proteja a boca com este pedaço de pano, pois sucumbiram a uma febre contagiosa.

Pouco depois...

Nesta cripta são embalsamados os defuntos. Eles foram colocados naqueles sarcófagos...

Vitella levanta a ponta de uma mortalha...

Cuidado com o contágio!... É preferível não prolongar a visita...

Vitella recua, horrorizado...

Está pálido!... Coragem, Vitella!... Venha, precisa de se distrair...

Os dois abandonam a cripta...

Como viu o nosso arsenal, talvez queira conhecer o cérebro da organização: os nossos sábios e magos?

Certamente.

Mas, embora Arbacés se esforce, Vitella escuta-o distraidamente...

Chegámos à galeria...

Reunimos aqui os bustos dos maiores sábios da história: Pitágoras, Teodoro de Cirene, Arquitas, Euclides, Platão...

Este é o mais ilustre: o grego Aristóteles. Filósofo, geómetra, físico, astrónomo. Os nossos sábios inspiraram-se muito nele...

E quem é este?

Mas Vitella não presta atenção a Arbacés... Olha para o arsenal devastado...

Foi ele que... Então, Vitella, não se preocupe com esses estragos... Depressa serão reparados e os responsáveis terão o castigo que merecem!

De repente, um oficial faz sinal a Arbacés...

Desculpe-me um instante...

Que há?

Vieram anunciar que foram roubadas várias ânforas, perto das fontes de nafta, na montanha...

Pensativo, Vitella aproxima-se duma janela. De repente, estremece...

Céus!... Mas... é ENAK!!!

Como Arbacés se aproxima, Vitélia retoma imediatamente um ar impassível...

Nada de grave?

Penso que não... Todavia tenho de o deixar. Lá fora reclamam a minha presença. Mas que isso não o impeça de continuar a visita...

Efraús, servirás de guia ao nosso amigo, no palácio!...

Às horas passam... A agitação da cidade estendeu-se a toda a ilha. Destacaram soldados para os pontos importantes, nomeadamente para as fontes de nafta...

Longas colunas de soldados percorrem a montanha...

...seguidas por um aparato de espelhos incendiários e de balistas.

Por fim, os engenhos são dispostos em leque e cuidadosamente escondidos atrás de espessas folhagens...

Equipas de batedores inspeccionam os recantos, as grutas, as anfractuosidades...

À noite, só resta explorar um maciço rochoso, frente ao qual o exército se agrupa.

Arbacés, que orienta estas manobras, conversa com Galo...

A caça está escondida neste bloco rochoso. Já é tarde para a tirar da toca, mas amanhã, de madrugada, atacaremos!

De repente, o cume do rochedo ilumina-se intensamente.

Raios! Olha!... Vê como utilizam a nafta roubada. Fazem com ela uma fogueira.

Prudência, Arbacés. Talvez nos estejam a armar uma cilada. Não os atacamos esta noite... Amanhã far-lhes-emos o túmulo!

O fogo aceso na montanha toma proporções gigantescas...

...e as sentinelas egípcias na sua ilha avistam aquele clarão que brilha como uma grande estrela sobre o mar.

Olha... O sinal!!!...

Imediatamente, de eco em eco, transmite-se o estranho aviso...

Entretanto, os nossos amigos, reduzidos a um grupo de quatro, descem uma encosta do maciço...

Chegam à extremidade de um grande viaduto...

Diabo! São mais numerosos do que eu imaginava... Mas tem de ser. Anda, Apolo!...

Entram imediatamente na água e Apolo mergulha...

Todos têm canas? Bom, sigamos em fila...

Respirando por uma cana comprida, Apolo avança debaixo de água, levado lentamente pela corrente...

Alix e os outros dois seguem-no, segurando flechas explosivas...

À superfície quatro pequenos tubos deslizam pelo viaduto, iluminado pela torre de vigia...

Um a um, passam aos pés das sentinelas. Alix e os amigos fazem preces para que ninguém repare nas canas!

Felizmente, ocupados a vigiar a orla do bosque, os soldados não olham para a água.

Os quatro amigos seguem o seu caminho... Mas, de repente, Apolo pára...

Uma grade! Estamos perdidos!

No entanto, à custa de tremendos esforços, conseguem erguer a grade. Depois de renovarem o ar, os fugitivos mergulham por baixo dela, uns após outros...

Do outro lado, continuam a avançar até ao extremo do viaduto...

Entretanto, marcado para o dia seguinte o ataque ao maciço rochoso, Arbacés regressa ao palácio de Sardo a toda a pressa...

Trata do cavalo e dentro de uma hora trá-lo aqui!

Sim, Senhor!

O grego sobe rapidamente as escadas...

No palácio adormecido um homem desloca-se com mil precauções...

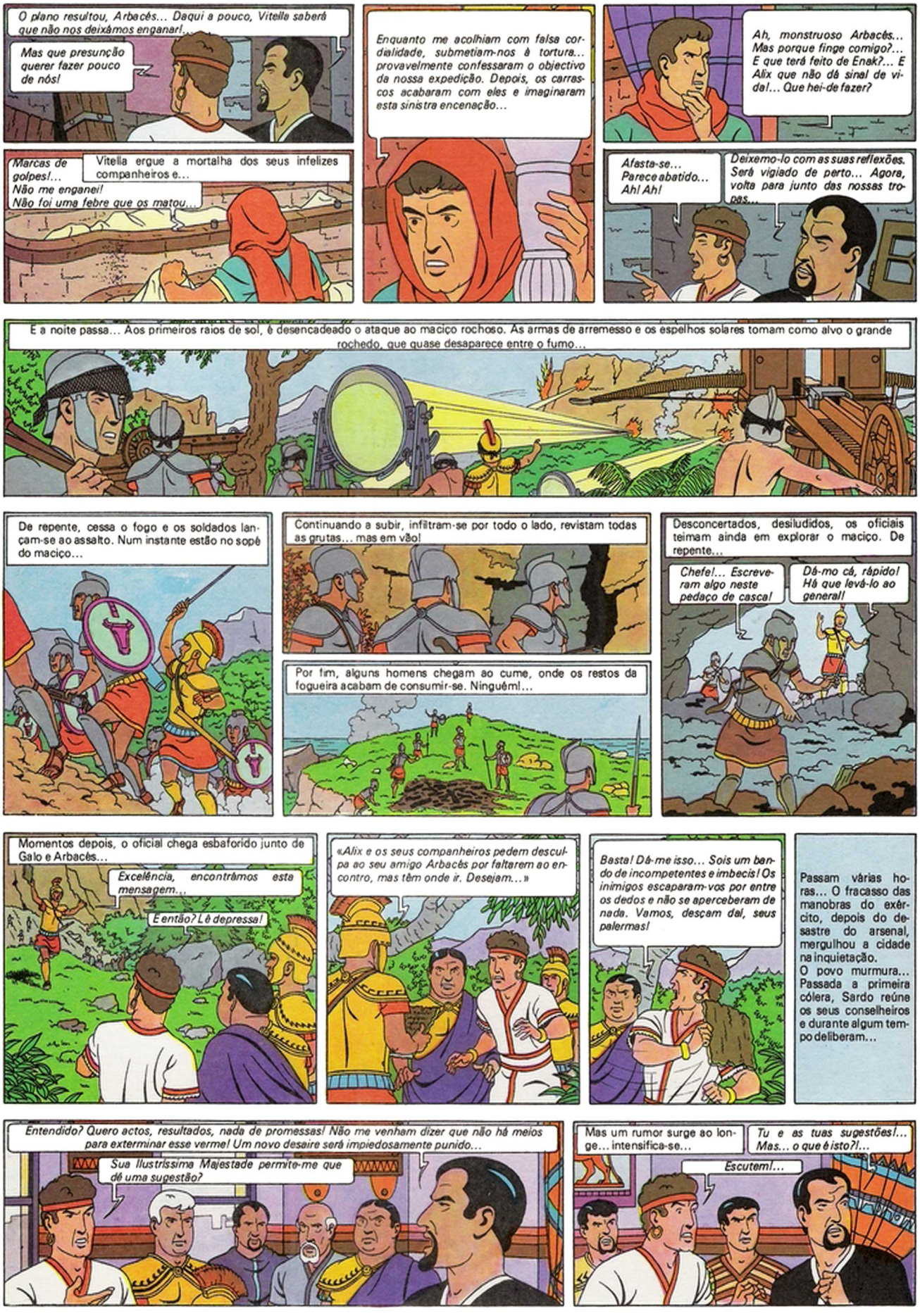
Eis a cave!... Ninguém! Oxalá a porta não esteja fechada!

Está aberta! Os deuses estão comigo!

Em bicos de pé, Vitella atravessa a enorme sala atento ao menor ruído...

Mas não se apercebe dos olhos que, por uma estreita abertura, espiam todos os seus gestos...

Lá está ele!


O plano resultou, Arbacés... Daqui a pouco, Vitelle saberá que não nos deixámos enganar!...
Mas que presunção querer fazer pouco de nós!
Enquanto me acolhiam com falsa cordialidade, submetiam-nos à tortura... provavelmente confessaram o objectivo da nossa expedição. Depois, os carrascos acabaram com eles e imaginaram esta sinistra encenação...
Ah, monstruoso Arbacés... Mas porque finge comigo?... E que terá feito de Enak?... E Alix que não dá sinal de vida!... Que hei-de fazer?
Marcas de golpes!... Não me enganei! Não foi uma febre que os matou...
Vitella ergue a mortalha dos seus infelizes companheiros e...
Afasta-se... Parece abatido... Ah! Ah!
Deixemo-lo com as suas reflexões. Será vigiado de perto... Agora, volte para junto das nossas tropas...
E a noite passa... Aos primeiros raios de sol, é desencadeado o ataque ao maciço rochoso. As armas de arremesso e os espelhos solares tomam como alvo o grande rochedo, que quase desaparece entre o fumo...
De repente, cessa o fogo e os soldados lançam-se ao assalto. Num instante estão no sopé do maciço...
Continuando a subir, infiltram-se por todo o lado, revistam todas as grutas... mas em vão!
Por fim, alguns homens chegam ao cume, onde os restos da fogueira acabam de consumir-se. Ninguém!...
Desconcertados, desiludidos, os oficiais teimam ainda em explorar o maciço. De repente...
Chefe!... Escreveram algo neste pedaço de casca!
Dá-mo cá, rápido! Há que levá-lo ao general!
Momentos depois, o oficial chega esbaforido junto de Galo e Arbacés...
Excelência, encontrámos esta mensagem...
E então? Lê depressa!
«Alix e os seus companheiros pedem desculpa ao seu amigo Arbacés por faltarem ao encontro, mas têm onde ir. Desejam...»
Basta! Dá-me isso... Sois um bando de incompetentes e imbecis! Os inimigos escaparam-vos por entre os dedos e não se aperceberam de nada. Vamos, desçam daí, seus palermas!
Passam várias horas... O fracasso das manobras do exército, depois do desastre do arsenal, mergulhou a cidade na inquietação.
O povo murmura... Passada a primeira cólera, Sardo reúne os seus conselheiros e durante algum tempo deliberam...
Entendido? Quero actos, resultados, nada de promessas! Não me venham dizer que não há meios para exterminar esse verme! Um novo desaire será impiedosamente punido...
Sua Ilustríssima Majestade permite-me que dê uma sugestão?
Mas um rumor surge ao longe... intensifica-se...
Tu e as tuas sugestões!... Mas... o que é isto?!...
Escutem!...

Nesse instante, um tremor de terra sacode toda a ilha...

Com mil diabos! O Moloch acordou... Oxalá a lava desça para o oceano. Vão ter com os soldados e façam reinar a ordem...

Os abalos sísmicos sucedem-se, cada vez mais violentos... O solo abre fendas, as árvores tombam...

... as muralhas da cidade abrem brechas, aterrorizando a população...

No entanto a lava corre para o mar, destruindo tudo à passagem, enquanto uma nuvem de cinza vermelha cai sobre a ilha...

Os cidadãos, assustados com este novo cataclismo, precipitam-se para a gigantesca estátua do deus Moloch, cuja goela hiante cospe chamas permanentemente.

Deus poderoso, tem piedade! Poupa-nos! Acalma a tua cólera!

Eis ao que chegámos: agitação, pânico!... Até onde chegará a estupidez do nosso povo? É preciso controlar a situação...

Talvez esta catástrofe nos ajude a realizar mais facilmente o plano que ia propor para acalmar o povo e capturar Alix...

Arbacés explica a sua ideia...

Magnífico! És o meu melhor conselheiro, Arbacés... O teu plano é genial...

Enquanto a lava desliza para o oceano, criando um enorme jorro de água e vapores...

Sardo surge numa varanda sobre a praça central, onde a multidão se concentrou.

SILÊNCIO!... Escutem...

Vocês tremem com medo de Moloch e têm razão. Mas eu conheço a causa da sua fúria e o meio de a aplacar. Uns miseráveis tiveram a audácia de se introduzir na nossa ilha, conseguiram sabotar parte das nossas...

...incomparáveis instalações. O nosso deus exige o seu castigo. Já apanhámos um deles, que esta noite será sacrificado. Os outros irão a seguir, prometo-vos...

Galvanizada pela eloquência do seu chefe, a população passa do terror a uma alegria delirante...

Tudo corre bem, Arbacés. São tão estúpidos que se deixam enganar facilmente.

Penso que desta vez venceremos, Ilustríssima Majestade.

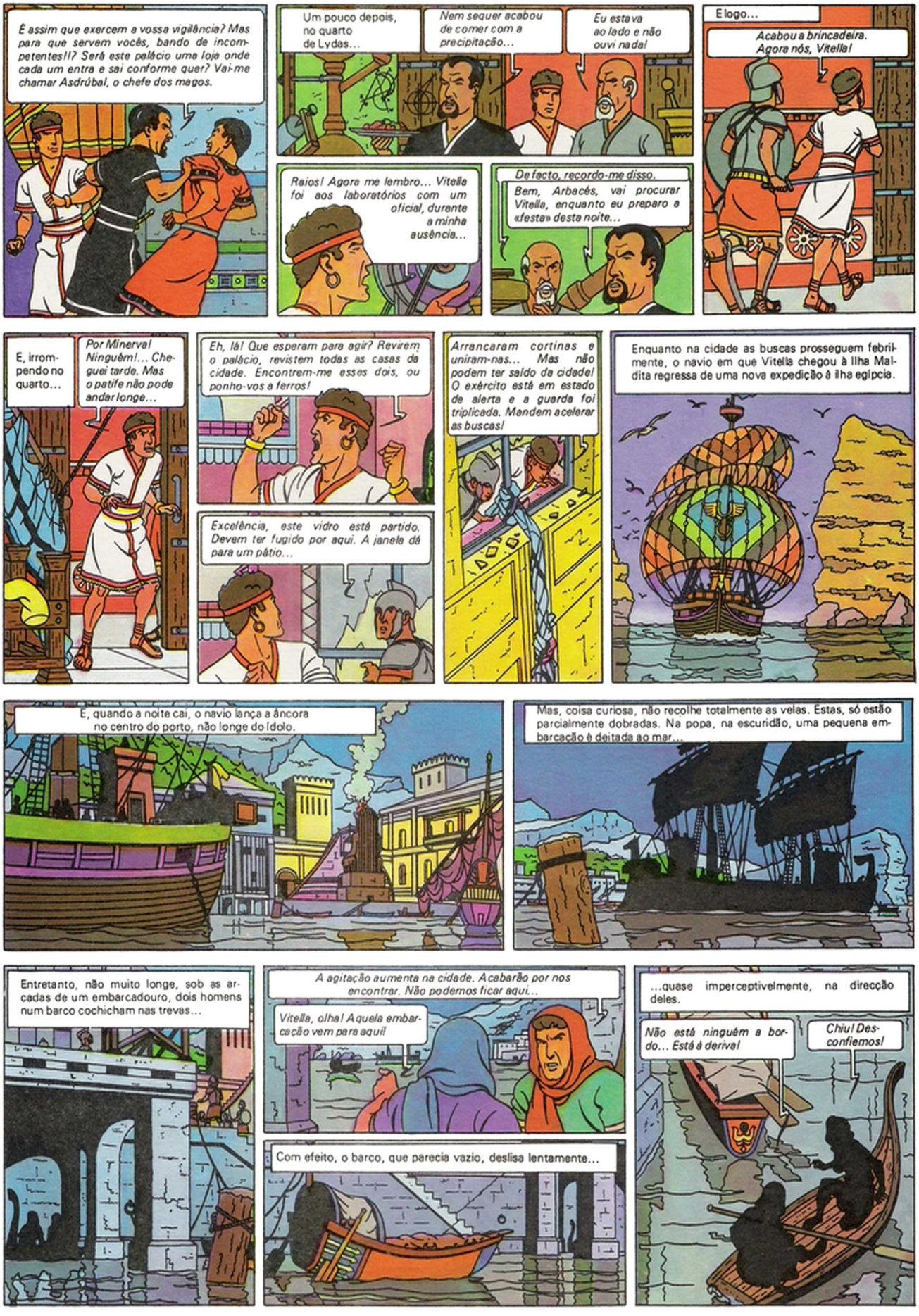
A multidão dispersou. O vulcão, como que aplacado pela sinistra promessa, parece acalmar-se, e o ídolo continua sempre a cuspir as suas chamas.

E agora vamos tratar de Vitella, que nem sonha o que o espera...

Sim, e...

Ilustríssima Majestade! Nova desgraça! O sábio Lydas desapareceu... Raptaram-no!...

O quê!? Que dizes?...


É assim que exercem a vossa vigilância? Mas para que servem vocês, bando de incompetentes!!? Será este palácio uma loja onde cada um entra e sai conforme quer? Vai-me chamar Asdrúbal, o chefe dos magos.
Um pouco depois, no quarto de Lydas...
Nem sequer acabou de comer com a precipitação...
Eu estava ao lado e não ouvi nada!
E logo...
Acabou a brincadeira. Agora nós, Vitella!
Raios! Agora me lembro... Vitella foi aos laboratórios com um oficial, durante a minha ausência...
De facto, recordo-me disso.
Bem, Arbacés, vai procurar Vitella, enquanto eu preparo a «festa» desta noite...
E, irrompendo no quarto...
Por Minerva! Ninguém!... Cheguei tarde. Mas o patife não pode andar longe...
Eh, lá! Que esperam para agir? Revirem o palácio, revistem todas as casas da cidade. Encontrem-me esses dois, ou ponho-vos a ferros!
Excelência, este vidro está partido. Devem ter fugido por aqui. A janela dá para um pátio...
Arrancaram cortinas e uniram-nas... Mas não podem ter saído da cidade! O exército está em estado de alerta e a guarda foi triplicada. Mandem acelerar as buscas!
Enquanto na cidade as buscas prosseguem febrilmente, o navio em que Vitella chegou à Ilha Maldita regressa de uma nova expedição à ilha egípcia.
E, quando a noite cai, o navio lança a âncora no centro do porto, não longe do ídolo.
Mas, coisa curiosa, não recolhe totalmente as velas. Estas, só estão parcialmente dobradas. Na popa, na escuridão, uma pequena embarcação é deitada ao mar...
Entretanto, não muito longe, sob as arcadas de um embarcadouro, dois homens num barco cochicham nas trevas...
A agitação aumenta na cidade. Acabarão por nos encontrar. Não podemos ficar aqui...
Vitella, olha! Aquela embarcação vem para aqui!
Com efeito, o barco, que parecia vazio, desliza lentamente...
...quase imperceptivelmente, na direcção deles.
Não está ninguém a bordo... Está à deriva!
Chiu! Desconfiemos!

Os barcos chocam. Da misteriosa embarcação surgem cabeças espantadas. De um lado e de outro, tentam reconhecer-se...

Logo a seguir, inesperadamente, Vitella e o seu companheiro são agredidos...

Entretanto, no cais...

Eh! Não ouviram nada?

Não! Não tomes um sussurro por uma tempestade. Anda, vem!...

Do estranho barco, surge uma mão que puxa várias vezes uma corda...

Ligeiramente submersa, essa corda está ligada ao navio ancorado no meio do porto.

Um... dois... três puxões! É o sinal para os trazer... Estranho!

Os homens puxam a corda e, lentamente, o pequeno barco regressa ao navio, levando Vitella e Lydas inanimados e amarrados...

Entretanto, prossegue a busca no palácio. Arbacès convoca o homem que na véspera guiou Vitella...

Efraüs, recorda-te. Quando Lydas e Vitella se encontraram, falaram ou fizeram algum sinal?

Não. Pareciam não se conhecer e não trocaram uma palavra!

Vitella deve ter ido ao quarto de Lydas, sem o sabermos. Combinaram fugir e, como o quarto de Vitella se prestava melhor à evasão, foi esse o caminho que seguiram. Mas depois, para onde foram?

Ao passar por trás do grande ídolo...

Estão sempre por aqui barcos que poderiam servir-lhes para sair da ilha. Mas não se aventurariam no mar durante a noite. Talvez esperem pela madrugada, escondidos nalgum canto es-

É preciso bloquear a saída do canal. Os teus homens que levem os barcos e... Olha! Que navio é aquele no meio do porto?

Deve ser o «Tiro» do capitão Mílio...

As buscas levam o grupo até ao cais...

Para fugirem por este lado, teriam de atravessar a praça. Seria arriscado, mas muitas vezes é o plano mais audacioso que triunfa...

Ah, já regressou da missão na ilha egípcia. Eis o que nos convém! Vai a bordo com alguns homens e pede a Mílio que se coloque no canal. Ninguém deve sair do porto. Entendido?

Entretanto, na outra extremidade do porto.

A tua ideia foi excelente, Alix! Os nossos inimigos não esperam que surjamos deste lado! Oh!... Olha, o navio está ali...

Perfeito! Desçamos!

Os quatro homens descem a falésia abrupta, evitando fazer ruído...

Chegam junto à água...

Nadem lentamente para poupar as forças...

Anoitece. A população invade, pouco a pouco, os degraus que rodeiam o grande ídolo. O sinistro espectáculo está prestes a começar.

Lentamente, Alix e os companheiros aproximam-se do navio. Conservam fora de água as pontas das flechas explosivas...

Ao chegar junto do «Tiro», silencioso e aparentemente deserto...

Olha, Apolo. Puseram o barco e os cabos como eu disse... São os nossos amigos!

Oxalé!

Impõe-se prudência... Subo primeiro. Preparem-se para o caso de haver perigo.

Chegado à amurada, imita o estranho uivo que serve de sinal aos egípcios...

É ele!!!

Alix!

Alix salta imediatamente para a ponte...

Tu! Vivo!... Tememos o pior... Mas vai depressa ver Hatmes, que está com dois amigos teus na cabina...

Vou já! Chamem os meus companheiros e tratem deles. Estão transidos...

Um instante depois...

Hatmes!... Vitellia!...

Alix!... Enfim!...

Este é o sábio Lydas, Alix. Fugi com ele do palácio de Sardo. Mas sem a intervenção arriscada dos soldados de Hatmes, talvez não estivéssemos aqui!

Magnífico! Temos de estar gratos ao nosso amigo Hatmes. Mas conta-me como conseguiste responder tão rapidamente ao nosso apelo...

Foi assim: a seguir à vossa partida, os meus súbditos trabalharam infatigavelmente no fabrico de armas fenícias. O trabalho estava quase concluído quando o vosso sinal luminoso foi avistado. Capturámos o primeiro barco fenício que acostou na ilha (operação fácil, pois os fenícios ficaram surpreendidos ao verem-se rodeados por uma multidão de soldados vestidos como eles, surgidos como por milagre de uma ilha que julgavam deserta). É certo que tivemos algumas perdas a lamentar. Eu próprio fui ferido no braço... Em suma, conservando apenas os fenícios indispensáveis para a manobra, chegámos aqui ao pôr-do-Sol...

Um homem entra na cabina...

Senhor, um barco fenício com três soldados, dirige-se para nós!! Que se faz?

Diabo!... Lança-lhes uma corda e eles que subam...

Pouco depois, o cabo é lançado...

Finalmente aparecem... Dir-se-ia que são surdos!

Entretanto, na praça, a festa começou. Os dançarinos representam estranhas figuras, saltam e contorcem-se freneticamente, cospem línguas de fogo e fazem expressões horríveis perante a multidão delirante...

Do varandim, Sardo contempla o espectáculo...

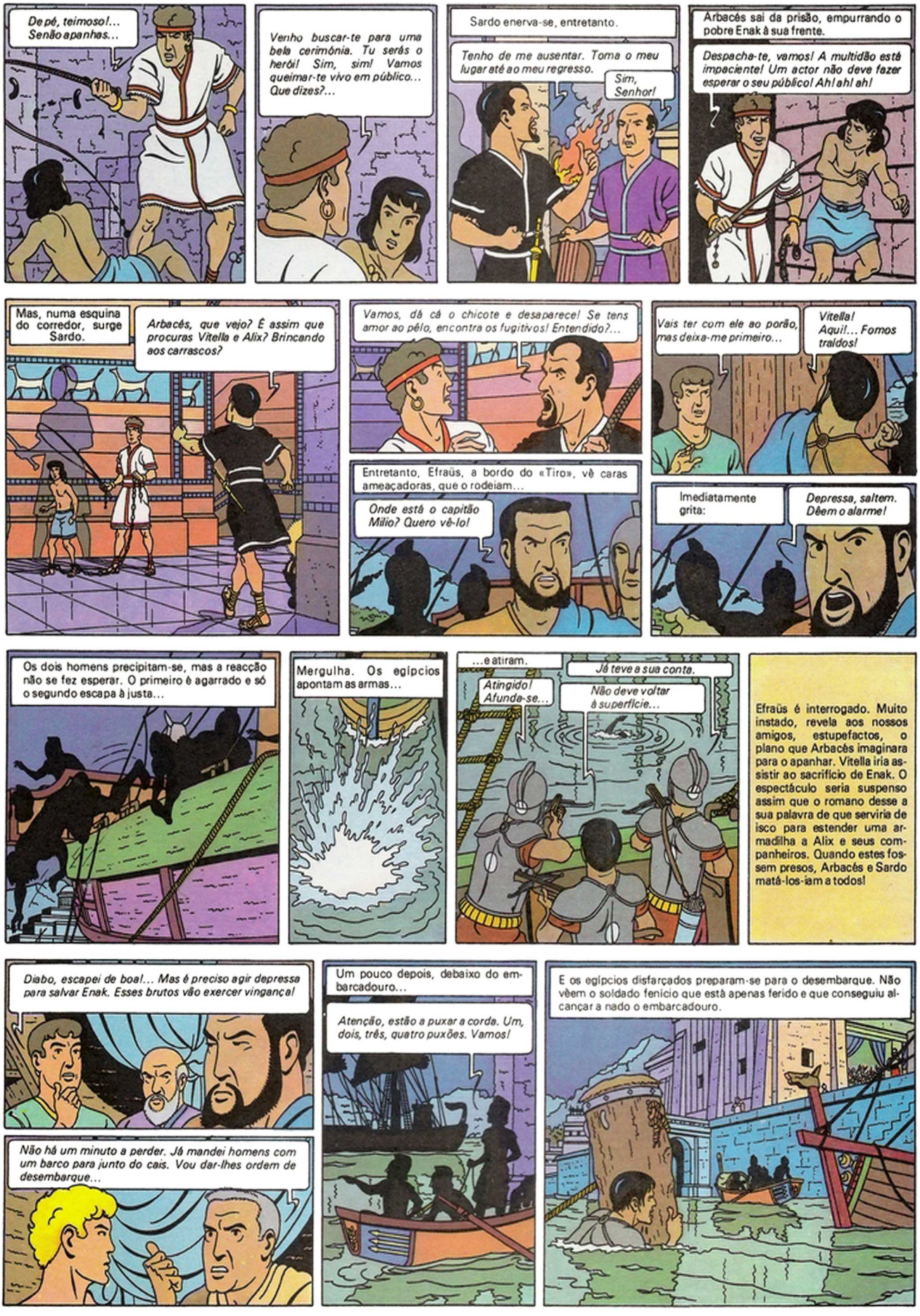
Estas pantomimas vão durar? Quando é a execução?

Daqui a uma hora, Ilustríssima Majestade. Arbacés ocupa-se dos últimos pormenores...

Ah!?...

Com efeito, nesse instante, o grego munido de um chicote entra num cárcere...

Levanta-te!... Queres ver uma bela festa ou receber umas chicotadas? Talvez as duas coisas?... Levanta-te cão!


De pé, teimoso!... Senão apanhas...
Venho buscar-te para uma bela cerimónia. Tu serás o herói! Sim, sim! Vamos queimar-te vivo em público... Que dizes?...
Sardo enerva-se, entretanto.
Tenho de me ausentar. Toma o meu lugar até ao meu regresso.
Sim, Senhor!
Arbacés sai da prisão, empurrando o pobre Enak à sua frente.
Despacha-te, vamos! A multidão está impaciente! Um actor não deve fazer esperar o seu público! Ah! ah! ah!
Mas, numa esquina do corredor, surge Sardo.
Arbacés, que vejo? É assim que procuras Vitella e Alix? Brincando aos carrascos?
Vamos, dá cá o chicote e desaparece! Se tens amor ao pélo, encontra os fugitivos! Entendido?...
Vais ter com ele ao porão, mas deixa-me primeiro...
Vitella! Aqui!... Fomos traídos!
Entretanto, Efraüs, a bordo do «Tiro», vê caras ameaçadoras, que o rodeiam...
Onde está o capitão Mílio? Quero vê-lo!
Imediatamente grita:
Depressa, saltem. Dêem o alarme!
Os dois homens precipitam-se, mas a reacção não se fez esperar. O primeiro é agarrado e só o segundo escapa à justa...
Mergulha. Os egípcios apontam as armas...
...e atiram.
Atingido! Afunda-se...
Já teve a sua conta.
Não deve voltar à superfície...
Efraüs é interrogado. Muito instado, revela aos nossos amigos, estupefactos, o plano que Arbacés imaginara para o apanhar. Vitella iria assistir ao sacrifício de Enak. O espectáculo seria suspenso assim que o romano desse a sua palavra de que serviria de isco para estender uma armadilha a Alix e seus companheiros. Quando estes fossem presos, Arbacés e Sardo matá-los-iam a todos!
Diabo, escapei de boa!... Mas é preciso agir depressa para salvar Enak. Esses brutos vão exercer vingança!
Não há um minuto a perder. Já mandei homens com um barco para junto do cais. Vou dar-lhes ordem de desembarque...
Um pouco depois, debaixo do embarcadouro...
Atenção, estão a puxar a corda. Um, dois, três, quatro puxões. Vamos!
E os egípcios disfarçados preparam-se para o desembarque. Não vêem o soldado fenício que está apenas ferido e que conseguiu alcançar a nado o embarcadouro.

Mesmo que gritasse, com o barulho da festa, os guardas não me ouviriam. Tenho de chegar àquela escada...

Os egípcios, disfarçados, amarram o barco e sobem cautelosamente os degraus de

Guardas!... Chiu, não façam barulho... Tratemos primeiro deste soldado...

O homem que olhava o espectáculo volta-se surpreendido, ao ouvir que o chamam...

Eh, guarda!... Vem cá!

Pensando tratar-se de um amigo, aproxima-se sem desconfiar. Trava-se uma luta rápida... e, pouco depois, um egípcio substitui a sentinela.

Entretanto, no desembarcadouro, o fenício ferido chegou à escada, num esforço supremo...

Sobe alguns degraus, cambaleando... mas cai bruscamente, sem sentidos...

Entretanto, o «Tiro» aproxima-se lentamente do cais. Ao longo da corda estendida pelos primeiros guardas, soldados egípcios deslizam para a água...

Na cidade, Arbaces, espicaçado pelas reprimendas de Sardo, anda de um lado para o outro a fiscalizar as defesas.

Quantos estão aqui?... Dez! É muito. Quatro de vós vão reforçar a guarda do canal...

Vocês, inspeccionem a guarda das muralhas e que as sentinelas estejam alerta! Os outros, reúnam um pelotão atrás do palácio.

Sardo, mais calmo, volta ao varandim...

Ah, finalmente a «sensação» do espectáculo... Mas é preciso prolongar o divertimento, por isso dei ordem de não apressar a execução...

Acaba de surgir um colosso com ar brutal, arrastando o infeliz e assustado Enak. Os dançarinos continuam as suas figuras grotescas em redor do condenado, volteando com as correntes...

O cortejo cruel sobe os degraus que conduzem às goelas de Moloch...

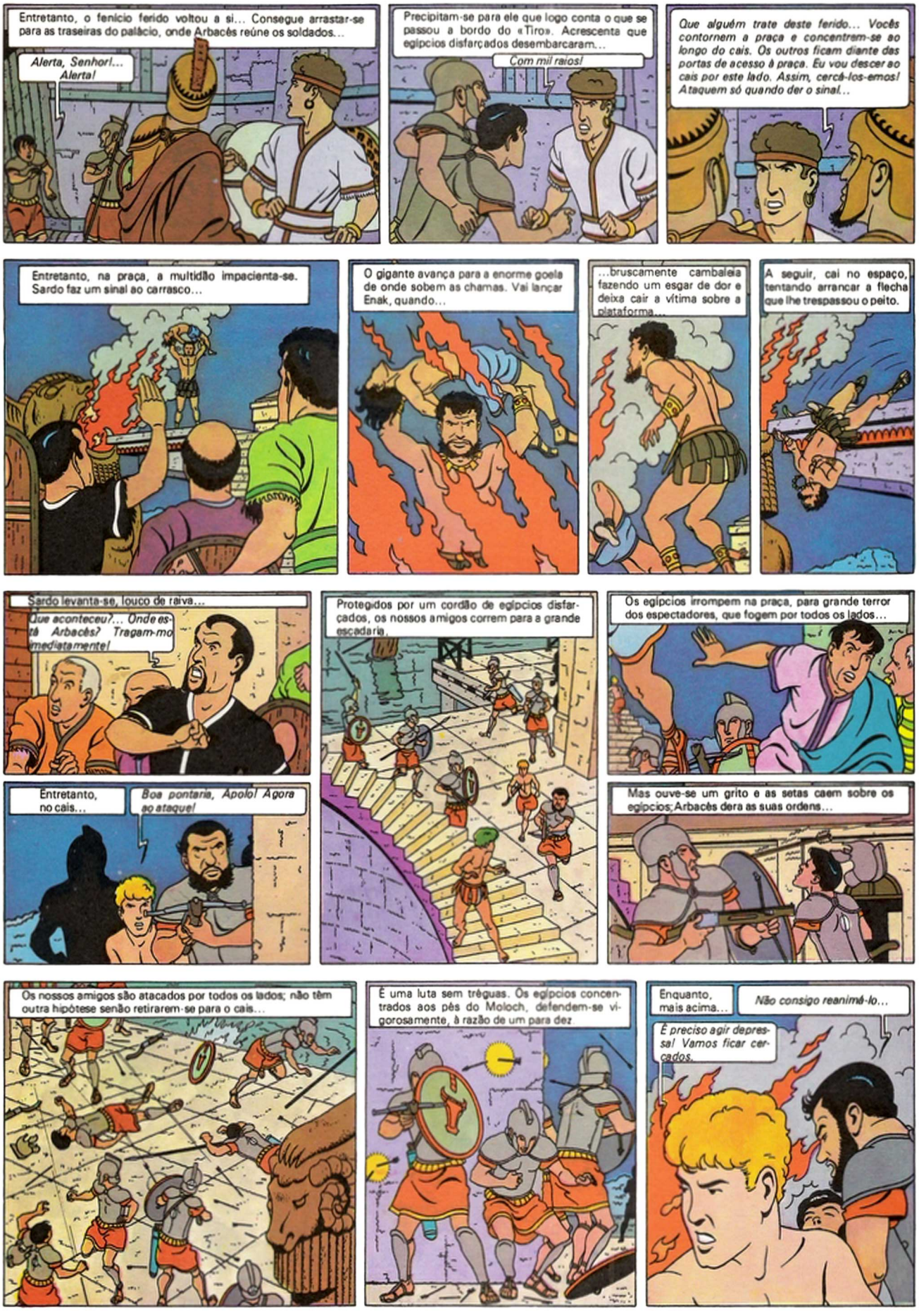
Larguem-me! Não quero!... Socorro!... Alix!

Mas os gritos do pobre rapaz são abafados pelo vociferar da multidão.

O carrasco e a vítima chegam ao cimo das escadas. Desesperadamente, Enak lança-se ao chão e agarra-se aos degraus...

Em vão. O gigante levanta Enak como uma pena, suspende-o no espaço, enquanto a multidão continua a gritar...

Morte ao maldito! Morte...


Entretanto, o fenício ferido voltou a si... Consegue arrastar-se para as traseiras do palácio, onde Arbacès reúne os soldados...
Alerta, Senhor!... Alerta!
Precipitam-se para ele que logo conta o que se passou a bordo do «Tiro». Acrescenta que egípcios disfarçados desembarcaram...
Com mil raios!
Que alguém trate deste ferido... Vocês contornem a praça e concentrem-se ao longo do cais. Os outros ficam diante das portas de acesso à praça. Eu vou descer ao cais por este lado. Assim, cercá-los-emos! Ataquem só quando der o sinal...
Entretanto, na praça, a multidão impacienta-se. Sardo faz um sinal ao carrasco...
O gigante avança para a enorme goela de onde sobem as chamas. Vai lançar Enak, quando...
...bruscamente cambaleia fazendo um esgar de dor e deixa cair a vítima sobre a plataforma...
A seguir, cai no espaço, tentando arrancar a flecha que lhe trespassou o peito.
Sardo levanta-se, louco de raiva...
Que aconteceu?... Onde está Arbacès? Tragam-mo imediatamente!
Protegidos por um cordão de egípcios disfarçados, os nossos amigos correm para a grande escadaria.
Os egípcios irrompem na praça, para grande terror dos espectadores, que fogem por todos os lados...
Entretanto, no cais...
Boa pontaria, Apolo! Agora ao ataque!
Mas ouve-se um grito e as setas caem sobre os egípcios; Arbacès dera as suas ordens...
Os nossos amigos são atacados por todos os lados; não têm outra hipótese senão retirarem-se para o cais...
É uma luta sem tréguas. Os egípcios concentrados aos pés do Moloch, defendem-se vigorosamente, à razão de um para dez
Enquanto, mais acima...
Não consigo reanimá-lo...
É preciso agir depressa! Vamos ficar cercados.

Está inconsciente... Bom! Eu levo-o. Desçamos, Alix...
Impossível! Estamos cercados... Mas tenho uma ideia!
Aos pés da estátua, os egípcios, em menor número, são massacrados...
Agora os três lá em cima!
Mas Sardo, que segue a luta do seu varandim, intervém...
Agarrem-nos vivos! Vivos, estão a ouvir?
Patife! Não te basta escravizar o povo para servir as tuas ambições! Tens ainda de sacrificar inocentes! Maldito seja este povo e o seu chefe! Que esta ilha seja engolida pelo mar, como castigo dos seus crimes!
Anda! Olha os soldados!
Fogem. Alix, à frente, salta atrás da estátua, seguido de Apolo que carrega Enak...
No momento seguinte, Alix mergulha no espaço...
Mas, enquanto Apolo hesita em saltar com Enak, as flechas assobiam...
Tanto pior! Não tenho alternativa!
Arbacés já está à beira do cais e grita:
Vamos! Uma cabeça a sair da água... Disparem, disparem!
A bordo do «Tiro», Vitella e Hatmes assistem angustiadamente...
ATENÇÃO, ENAK! MERGULHA!... Ah, vão matá-lo!
Eh, vocês, atirem sobre os fenícios!
Reanimado pela água, Enak sobe à superfície. Apolo salta por sua vez...
Felizmente, consciente do perigo, Enak mergulha...
? ! ?
Mas, de repente, os homens do «Tiro» imobilizam-se, horrorizados. Arbacés, no cais, lança um grito terrível...
AAAAH!

Para terror geral, a estátua de Moloch começa a oscilar, o pedestal desloca-se...

...e ele cai, levantando um monte de pedras e de chamas...

Vendo que se trata de um tremor de terra, Arbacès agarra-se a um bloco de rocha, enquanto tudo desaba à sua volta...

Criam-se enormes vagas, mas, felizmente, Alix consegue agarrar um cabo lançado do navio...

Agarra-te, Enak!

O sismo atinge uma violência incrível. As muralhas desmoronam-se, abrem-se crateras no chão e o palácio de Sardo desaba com estrondo...

As montanhas deslocam-se, lançando blocos de pedra e chamas...

Perante cenas de fim de mundo, os nossos amigos chegam ao «Tiro», que balança como um fardo de palha.

Um dilúvio de pedras, escórias e cinzas abate-se agora sobre as ruínas da orgulhosa cidade...

Passaram-se várias horas... A calma volta à ilha. Ao amanhecer, o «Tiro» danificado mas ainda inteiro, mal se vê por entre o espesso nevoeiro de cinzas...

Na cidade paira um silêncio de morte... Vêem-se alguns sobreviventes que escaparam por milagre ao cataclismo... Um deles é Arbacès...

Socorro! Estou a morrer!

Por Minerva! Sardo!...

És tu, Arbacès?... Depressa, tira-me daqui!...Não posso mais... Tenho as pernas esmagadas...

Oh, oh! Então Sua Ilustríssima Majestade está em má posição? Esperas que eu vá salvar-te, canalha? Nunca! A ocasião é demasiado boa... Há muito tempo que a espero!...

O teu fim será um pouco longo, talvez... Mas isso dá-te tempo para reflectires sobre os dissabores que se arranjam ao confiar num homem como eu, depois de o ter escarnecido tantas vezes! Tranquiliza-te, a tua sucessão está em boas mãos.. Mas isso implica deveres imperiosos!

Desculpa ter de me retirar, mas o dever chama-me... Adeus, Sardo! Saudações aos deuses do inferno!...

Demónio! Morrerás como eu... A ilha está amaldiçoada.

DEIXANDO SARDO ENTREGUE ÀS SUAS AMARGAS REFLEXÕES, ARBACÉS PERCORRE AS RUÍNAS DO CAIS, NA ESPERANÇA DE ENCONTRAR UMA EMBARCAÇÃO. VAGUEIA DURANTE MUITO TEMPO, ENCONTRANDO APENAS RUÍNAS. POR FIM, DESCOBRE ENTRE AS PEDRAS UMA BARCA QUE PARECE AINDA EM BOM ESTADO...

Eis o que procurava!

Solta o barco e conserta rapidamente o remo. Depois põe-se a pangaiar...

Logo divisa, no meio do porto, a massa sombria do «Tiro»...

Ah! Ainda ali está... Mas mudou de rumo, prepara-se para partir... Lançam um barco... Vem na minha direcção! Por Minerva!

Logo o grego, remando com todas as suas forças, tenta fugir ao barco, mas este avança rapidamente. Para cúmulo, o remo de Arbacés parte-se...

Com os diabos!

Vou sentar-me e tentar remar com as mãos... Inútil! Estou perdido! Cá estão eles...

Efraüs! Milio! Mas... o que fazem aí?

Olá, Arbacés! Alix libertou-nos. Pensa que já seremos castigados vivendo nesta ilha!...

Pois bem, ele vai arrepender-se!... É preciso impedir este navio de chegar ao largo. Deixem-me subir e rememos depressa para o canal...

Deixando o barco de Arbacés à deriva, os quatro homens dirigem-se para o canal, cujas falésias mal se avistam no nevoeiro de cinzas...

Em breve desembarcam, escalam o rochedo, e surgem diante dos guardas do canal, estupefactos, neutralizados pela recente catástrofe...

Eia!, parece que estão a dormir!... Vamos, de pé! Empurrem as balistas para junto do canal... Vão depressa buscar flechas explosivas... Mexam-se, que diabo!

Arrancados ao seu torpor, os homens obedecem. Trazem as flechas...

As balistas são colocadas no extremo da falésia...

Bom, Efraüs, que esperas para apontar as armas?...

Aproxima-se um navio no nevoeiro!

De repente, Efraüs faz-se ouvir...
Basta, Arbacés! Oponho-me a este crime suplementar e inútil. Deixemos esse navio! Tratemos antes dos nossos feridos e de reerguer as ruínas da cidade, já suficientemente castigada pelos crimes dos seus chefes... e, sobretudo, teus!
Como? Atreves-te!?... Quem é que manda aqui?
Toma, e aprende a não discutir as minhas ordens!
Subjugados, os soldados obedecem. E quando a sombra do «Tiro» se aproxima, as mortíferas armas estão a postos...
Aguardem a minha ordem para atirar...
Desmaiou... Pois bem, deixem-no! Ocupar-me-ei dele mais tarde. Vamos, carreguem as balistas e dirijam-nas para a saída do canal. Rapidamente!
Mas, nesse momento, Efraüs, socorrido pelo capitão Milio, volta a si...
Ajuda-me a levantar. Esse maldito grego vai pagar-mas...
Volta-te, Arbacés! Não ataco um inimigo pelas costas!
O grego vira-se e logo Efraüs salta sobre ele, louco de raiva...
Empurra-o com força e, com um soco violento, atira-o de encontro ao reparo de uma balista...
Felizmente, o projéctil não atinge o «Tiro». Cai diante do navio, levantando uma enorme massa de água...
...que salpica os nossos amigos na coberta.
Atenção! Apontem a balista à falésia!
Com o choque, o mecanismo da máquina funciona e a flecha explosiva parte com um silvo agudo...
Os homens carregam a balista e apontam-na para o rochedo...
Quando de repente...
Alto! Não atirem!
Muito tarde!... A flecha parte...

A flecha avança em direcção aos dois homens que lutam no extremo da falésia, sob o olhar perplexo dos soldados...

O projéctil atinge o rochedo; no entanto, a pólvora molhada não explode: arde fazendo uma espessa fumarada...

Sufocados, cegos, os dois adversários separam-se. Mas, enquanto Efraús consegue manter o equilíbrio, Arbacès vacila e cai no vazio...

Nesse ponto, a falésia a pique atinge uma grande altura. O grego volteia no espaço durante uns momentos antes de desaparecer no mar. Levanta-se uma grande massa de água... Um momento depois, apenas os círculos concêntricos à superfície testemunham o drama que se desenrolara.

No navio, os nossos amigos levantam os olhos para o cimo do rochedo... Nada! Efraús e os seus homens desapareceram, como que para dar a entender à tripulação do «Tiro» que o caminho estava livre... Então, lentamente, o navio sai do canal...

Chega ao mar alto. Pela última vez, Alix e os seus companheiros lançam um olhar para essa estranha Ilha Maldita que lança fumo e vapores como se ardesse num enorme braseiro...

Uma hora depois, no canal deserto, o corpo de Arbacès volta à superfície. Não é mais do que um cadáver. O sinistro grego terminou a sua carreira...

Na manhã seguinte, sob um calor escaldante, Alix e os seus amigos despedem-se de Hatmes e do seu povo. O «Tiro», carregado de víveres, espera a sua tripulação, que conta chegar com ele ao Mediterrâneo. Os egípcios, livres para sempre do medo do «Homem Negro», saúdam pela última vez os nossos heróis, transportados num pequeno batel...

Boa viagem!... É boa sorte!...

Que os deuses os protejam! Bem precisam... Quatro homens e uma criança para levar um navio daqueles a bom porto!...

O barco chega ao mar alto, vistos da margem, os ocupantes parecem apenas pequenos pontos negros...

Certamente não nos voltaremos a ver... Mas venham, amigos... Trabalho não falta! Vamos ajudar Vitella e Curius a fazer a manobra...

Que temperatura! Este calor anormal não me diz nada de bom... Oxalá não seja o prelúdio de nova catástrofe...

O calor é insuportável. Não corre uma brisa e as velas do «Tiro» pendem imóveis sobre um mar parado...

De acordo, desçamos para ver... Oh, mas... Olhem lá ao fundo, a Ilha Maldita!... Parece que...

Os nossos amigos não têm tempo de dizer mais nada. Uma enorme explosão ecoa nos ares. A ilha desmembra-se no meio de chamas...

Que fazer?... Temos de arranjar um meio de pôr a trabalhar a máquina que está no porão...

Petrificados de horror, os nossos amigos não fazem um gesto. Quando a corrente produzida pela deflagração atinge o navio, as velas incham e o «Tiro» é arrastado...

Lança-se a toda a velocidade no oceano agitado por terríveis sobressaltos. De repente, ergue-se uma vaga gigantesca, alta como uma falésia, e corre para o infeliz navio...

Com uma força inaudita, o maremoto passa a ilha egípcia, quase a submergindo, e depois retoma o seu louco curso...

Durante horas, o «Tiro» é arrastado, a uma velocidade incrível. Por fim a vaga abate-se, provocando terríveis remoinhos

Longe dali, no local onde se erguia outrora a Ilha Maldita, apenas algumas pontas rochosas emergem ainda das ondas que se acalmam.

Quanto ao «Tiro», fendido, desconjuntado, de mastro partido, agoniza...

E nesse miserável destroço...

Ah, Apolo, estás aí? Enak está comigo, vivo! Mas onde estão Vitella, Curius e Lydas?

Vitella, Curius e Lydas estavam na popa quando houve o maremoto.

Vamos ver... Agarrem-se à amurada...

A custo, chegam à popa parcialmente submersa. Infelizmente, Curius e o velho sábio Lydas não estão lá. Desapareceram para sempre. Do trio só Vitella escapou à morte por milagre...

Uma enorme massa de água caiu sobre nós... Quando voltei a mim estava sozinho no meio dos destroços da cabina...

O tempo passa... É noite. A situação dos quatro náufragos é desesperada. O barco afunda-se cada vez mais e já não têm víveres. De repente...

Olhem!... Uma vela!...

Agrupados na proa, os nossos amigos gritam e gesticulam...

Vêm para cá! Amigos ou inimigos, que venham depressa!...

Entretanto, a bordo do navio...

É realmente um barco naufragado... Vejo vultos que se agitam na proa! Vamos depressa socorrê-los!

Alguns instantes depois...

Atirem depressa!

Vocês aí!... Agarrem esta corda!...

Rapidamente os náufragos são içados para bordo. Com grande alegria, tomam conhecimento de que os seus salvadores são marinheiros cartagineses que regressam de uma expedição comercial ao longo da costa africana. Também eles sentiram o maremoto mas estavam muito afastados para sofrer os seus efeitos. Os nossos amigos contam a sua odisseia...

Lembro-me muito bem de ti, Alix. Estava no cais no dia da tua partida e estou contente por te poder ajudar... Dentro de alguns dias chegaremos a Cartago, onde poderás gozar um repouso bem merecido!

Sim... Mas é com o coração cheio de tristeza que regresso desta expedição. Gostaria de trazer de volta o velho Lydas. A sua ciência poderia prestar ainda muitos serviços à humanidade!...

Os deuses não o quiseram. Talvez seja melhor assim...

Enquanto o navio manobra, os nossos amigos olham o que resta do «Tiro». Em seguida, o navio cartaginês muda de rumo e afasta-se. Então, num sobressalto final, a proa do barco naufragado ergue-se pela última vez antes de mergulhar definitivamente e de levar consigo os últimos vestígios das extraordinárias criações científicas, com as quais a arrogante «Ilha Maldita» sonhava subjugar o mundo.

FIM

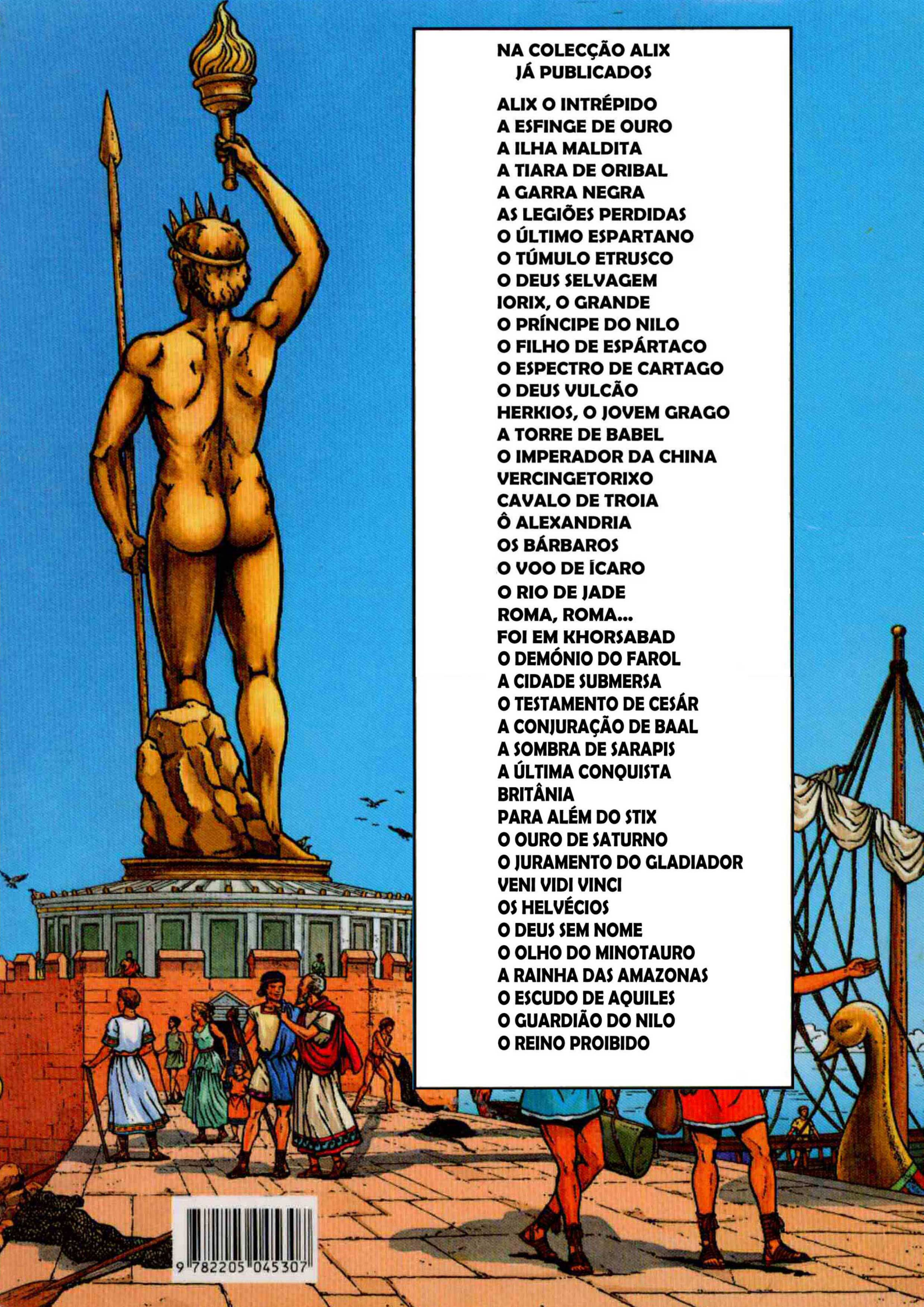
CASTERMAN

Tous droits de reproduction, de traduction et
d'adaptation strictement réservés pour tous les pays.

D/1999/0086/66
ISBN 2-80361-381-6

Dépôt légal : février 1999

INTERNET : http://www.lombard.be



NA COLECÇÃO ALIX
JÁ PUBLICADOS

ALIX O INTRÉPIDO
A ESFINGE DE OURO
A ILHA MALDITA
A TIARA DE ORIBAL
A GARRA NEGRA
AS LEGIÕES PERDIDAS
O ÚLTIMO ESPARTANO
O TÚMULO ETRUSCO
O DEUS SELVAGEM
IORIX, O GRANDE
O PRÍNCIPE DO NILO
O FILHO DE ESPÁRTACO
O ESPECTRO DE CARTAGO
O DEUS VULCÃO
HERKIOS, O JOVEM GRAGO
A TORRE DE BABEL
O IMPERADOR DA CHINA
VERCINGETORIXO
CAVALO DE TROIA
Ô ALEXANDRIA
OS BÁRBAROS
O VOO DE ÍCARO
O RIO DE JADE
ROMA, ROMA...
FOI EM KHORSABAD
O DEMÓNIO DO FAROL
A CIDADE SUBMERSA
O TESTAMENTO DE CESÁR
A CONJURAÇÃO DE BAAL
A SOMBRA DE SARAPIS
A ÚLTIMA CONQUISTA
BRITÂNIA
PARA ALÉM DO STIX
O OURO DE SATURNO
O JURAMENTO DO GLADIADOR
VENI VIDI VINCI
OS HELVÉCIOS
O DEUS SEM NOME
O OLHO DO MINOTAURO
A RAINHA DAS AMAZONAS
O ESCUDO DE AQUILES
O GUARDIÃO DO NILO
O REINO PROIBIDO

9 782205 045307